MARCIO R. ROBERT

Histórias da psicanálise em Curitiba: surgimento e difusão de uma cultura psicanalítica entre clínica, teoria e política

São Paulo
2016

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

MARCIO R. ROBERT

Histórias da psicanálise em Curitiba: surgimento e difusão de uma cultura psicanalítica entre clínica, teoria e política

São Paulo
2016

MARCIO R. ROBERT

Histórias da psicanálise em Curitiba: surgimento e difusão de uma cultura psicanalítica entre clínica, teoria e política

(Versão corrigida)

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Psicologia.

Área de concentração:
Psicologia Experimental

Orientador: Prof. Dr. Nelson Ernesto Coelho Junior

SÃO PAULO
2016

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Robert, Marcio R.
Histórias da psicanálise em Curitiba: surgimento e difusão de uma cultura psicanalítica entre clínica, teoria e política / Marcio Robert; orientador Nelson Ernesto Coelho Junior. -- São Paulo, 2016.
148 f.
Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Experimental) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. História da psicanálise 2. Curitiba 3. Cultura psicanalítica 4. Psicanálise brasileira 5. Difusão da psicanálise I. Título.
.

RC503

Nome: Marcio R. Robert

Título: Histórias da psicanálise em Curitiba: surgimento e difusão de uma cultura psicanalítica entre clínica, teoria e política

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Aprovado em: ____/____/_____

Banca Examinadora

Prof. Dr._____

Instituição: _____Assinatura:_____

Prof. Dr._____

Instituição: _____Assinatura:_____

Prof. Dr._____

Instituição: _____Assinatura:_____

Prof. Dr._____

Instituição: _____Assinatura:_____

Prof. Dr._____

Instituição: _____Assinatura:_____

A Priscila, que por ser como é, adoça e tempera a minha vida em Curitiba, a nossa província, o nosso lar.

À comunidade psicanalítica de Curitiba, em sincero agradecimento.

A todos os grandes amigos que fiz em São Paulo nos últimos quatro anos.

AGRADECIMENTOS

Ao orientador, professor Dr. e amigo Nelson Ernesto Coelho Junior, pelo exemplo de seu amor e curiosidade pela história da psicanálise, por sua orientação dedicada e presente, compreensiva e competente, pela excelência de suas aulas e por aceitar dividir seus conhecimentos me aceitando como monitor em sua Disciplina de graduação no Programa de Aperfeiçoamento Pedagógico da USP e pela condução agradável e responsável do Grupo de pesquisa dos seus orientandos.

Ao professor Dr.e amigo Miguel Soares Palmeira, por sua indescritível generosidade em contribuir com as pesquisas de seus alunos, pelas contribuições oferecidas na banca de qualificação e pela condução agradável e responsável do Grupo de pesquisas sobre História Intelectual realizado no primeiro semestre de 2013.

Ao co-orientador durante Estágio de Bolsa Sanduíche na *Universidade Paris-Diderot ParisVII*, professor Dr. Luiz Eduardo Prado de Oliveira pela co-orientação competente e dedicada nos seis meses em que pesquisei em Paris.

À professora Drª. Inês Rosa Bianca Loureiro pelas fundamentais contribuições oferecidas na banca de Qualificação.

Aos professores Drs. Maurício José D'Escragnolle Cardoso e André de Martini, por aceitarem a participar da banca de defesa de doutorado.

Ao professor Dr. Luís Claudio de Mendonça Figueiredo, pela gentileza com que acolheu a minha proposta de pesquisa, pela excelência das aulas e pelas orientações laterais, mas importantes, fornecidas na Disciplina Metodologia de Pesquisa.

A todos os entrevistados, pelas fundamentais colaborações que tornaram esta pesquisa possível, pelo tempo dedicado e por tornarem com suas histórias e conversas esta pesquisa muito mais agradável.

Aos meus pacientes, por me incentivarem a querer saber mais.

A Priscila, por toda a sua dedicação, pela ajuda com leituras atentas e por contribuições que tornaram possível a conclusão deste trabalho.

A minha família, em especial ao meu querido irmão Marcelo, pelo apoio e incentivo.

Aos membros do grupo de orientação, Adriana Barbosa Pereira, Maria Manuela Assunção Moreno, Maria Florência Guglielmo, Marina Bialer, Katia Cherix e Thiago Abrantes pelas discussões proveitosas nos encontros semanais, pelas leituras atentas e críticas dos textos e a Eugênio Canesin Dal Molin, Vitor Carvalho, José Henrique Palumbo e Marcio Bandeira que, por tempo maior de convivência, além das discussões e leituras, agradeço também pela amizade e apoio em tempos menos fáceis.

Aos participantes e amigos do grupo de Estudos em História Intelectual, Franco Della Valle, Lidiane Rodrigues, Paulo Pina, Bianca Marcossi, Carlos Suarez e Marcela Quinteros, pelos encontros proveitosos, leituras atentas e críticas dos meus textos e também pelos bons momentos que juntos passamos tanto na sala de aula como fora dela.

Aos queridos amigos Júlio Canhada e Laura Penna Alves, pela companhia agradável em Paris e em São Paulo e por conversa proveitosas sobre a vida e a pesquisa.

Aos queridos amigos Ricardo Polucha, Luís Fernando, Karlla e Luciano Lacerda, por sua disposição para ajudar em minha pesquisa.

Aos amigos Camila Fonteles, Daniel Vittorello, Alexandre Maduenho, Maria Carolina Garcia, Lígia Durski e Rodrigo Pereira por ajudas pontuais mas importantes em minha pesquisa.

Ao psicanalista Jorge Sesarino, por se dispor a avaliar meu projeto de pesquisa para o Doutorado Sanduíche.

As bibliotecárias da Biblioteca Dante Moreira Leite, por serem exemplos de dedicação e profissionalismo.

A CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão das bolsas de doutorado e doutorado sanduíche e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

Conheço esta cidade
como a palma de minha pica.
Sei onde o palácio
sei onde a fonte fica,

Só não sei da saudade
a fina flor que fabrica.
Ser, eu sei. Quem sabe,
esta cidade me significa.

Curitibas, Paulo Leminski.

A prática da psicanálise é indissociável de uma posição na história do movimento psicanalítico.

Contardo Calligaris

Curitiba sem pinheiro ou céu azul, pelo que vosmecê é
- província,
cárcere,
lar -,
esta Curitiba, e não a outra para inglês ver,
com amor eu viajo, viajo,
viajo.

Em busca de Curitiba perdida, Dalton Trevisan

RESUMO

Robert, M. R. **Histórias da psicanálise em Curitiba: surgimento e difusão de uma cultura psicanalítica entre clínica, teoria e política.** 2016. 148 f. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Produzir um relato histórico complexo, heterodoxo e heterogêneo dos meandros da psicanálise em Curitiba, através da análise de documentos, informações obtidas em jornais e realização de entrevistas é o objetivo principal desta tese. Trata-se de proposta inédita que visa tanto minimizar a ausência significativa de pesquisas nesta área sobre Curitiba quanto contribuir no trabalho de construção teórica sobre a maneira como a psicanálise é pensada e praticada no Brasil. Para tanto, optou-se por dividir o trabalho em três capítulos. No primeiro, são detalhados os procedimentos metodológicos, teóricos e éticos utilizados. O segundo capítulo propõe uma reflexão sobre três momentos principais do processo de institucionalização da psicanálise, na qual se verificou que Freud dota, consciente ou inconscientemente, a historiografia clássica psicanalítica com as ideias de *esplêndido isolamento e resistências à psicanálise.* No terceiro capítulo, dividido em duas partes principais, são narradas as histórias da psicanálise em Curitiba. Algumas destas narrativas são permeadas por partes da história da cidade. Como pano de fundo destas histórias, dois processos de modernização ocorridos em Curitiba. A primeira parte apresenta o surgimento e a difusão da psicanálise na cultura local, iniciada desde meados da década de 1920, quando foram encontradas as primeiras referências a Freud na imprensa curitibana. A segunda parte registra alguns dos processos que darão origem à institucionalização da psicanálise na cidade, contemplando desde meados da década de 1960 até 1975, ano que representa a chegada do movimento lacaniano na cidade. Com este trabalho, foi possível começar a mapear com maior clareza o trânsito da psicanálise pela cidade de Curitiba e a opção por utilizar a cultura psicanalítica e não apenas a psicanálise institucionalizada como parâmetro para a pesquisa permitiu conhecer de que forma na sociedade curitibana, principalmente nos ditos meios intelectuais, o florescimento de uma cultura psicanalítica ajudou a formatar, pouco a pouco, um solo cultural e uma tradição propícios para a institucionalização da psicanálise, sobretudo, a partir de meados da década de 1970, momento no qual ocorre a ampliação da psicanálise na cidade.

Palavras-chave: História da Psicanálise; Curitiba; Cultura Psicanalítica; Psicanálise Brasileira; Difusão da psicanálise.

ABSTRACT

Robert, M. R. **Histories of Psychoanalysis in Curitiba: the emergence and diffusion of a psychoanalytic culture within clinic, politics and theory**. 2016.148 f. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Produce a complex historical report, heterodox and heterogeneous from psychoanalysis meanders in Curitiba, by analyzing documents, acquired information from newspapers and performing interviews, are the main goal of this thesis. This is an unprecedented proposal aiming to minimize the significative lack of researches in this area about Curitiba as well as to contribute to the theoretical construction work regarding the way how the psychoanalysis is thought and practiced in Brazil. Therefore, it was opted to divide the work in three chapters. In the first chapter, it is detailed the used methodological, theoretical ethical procedures. The second chapter proposes a reflection about the three main moments of psychoanalysis' institutionalization process, in which was verified that Freud endow, consciously or unconsciously, the classic psychoanalytical historiography with the ideas from the *splendid isolation and resistance to psychoanalysis*. In the third chapter, divided in two principal parts, it is related histories of the psychoanalysis in Curitiba. Some of these narratives are permeated by parts of the history of the city. As the background of these histories are two modernization processes of Curitiba. The first part presents some of processes that give origin to institutionalization of psychoanalysis in the city, contemplating since mid 1960s to 1975, year that represents the arriving of the lacanian movement in the city. The present work made possible a more clear mapping of the transit of psychoanalysis by the city of Curitiba and the option of using the psychoanalysis culture and not only the institutionalized psychoanalysis as a parameter for research allowed the knowledge of how in curitibian society, especially in a so-called intellectual circles, the growth of psychoanalytic culture helped to shape, little by little, a cultural ground and a favorable tradition for the institutionalization of psychoanalysis, especially from mid 1970s, the moment when it occurs the expansion of psychoanalysis in the city.

Key-words: History of Psychoanalysis, Curitiba, Psychoanalytic Culture, Brazilian Psychoanalysis, Diffusion of Psychoanalysis.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 16
2. CONSIDERAÇÕES ÉTICAS, METODOLÓGICAS E POLÍTICAS 19
2.1 Bases da construção do problema de pesquisa 21
2.2 Breve histórico do domínio de pesquisa 24
2.3 Elaborações do recorte da pesquisa 25
2.4 Histórias da psicanálise e Cultura psicanalítica 27
3. ESPLÊNDIDO ISOLAMENTO E RESISTÊNCIAS À PSICANÁLISE NA HISTORIOGRAFIA CLÁSSICA PSICANALÍTICA 36
3.1 Sociedade Psicológica das Quartas-feiras 39
3.2 Comitê Secreto 44
3.3 Bomba 45
3.4 *Um estudo autobiográfico* 47
3.5 A história esquecida de Ferenczi 48
3.6 A estratégia da resistência 49
4. HISTÓRIAS DA PSICANÁLISE EM CURITIBA 52
4.1 Curitiba moderna: solo cultural para a formação de uma cultura psicanalítica . 52
4.1.1 Modernidade: possível remédio para duas feridas narcísicas da cidade 53
4.1.2 Modernização: urbanismo e higiene social, psicanálise e eugenia 60
4.1.3 Curitiba: o moderno entre a realidade e a utopia 64
4.1.4 Freud na imprensa curitibana da década de 1920 68
4.1.5 Júlio Porto-Carrero: a chegada solene da psicanálise em Curitiba 75
4.2 Difusão da psicanálise em curitiba: entre cultura psicanalítica e institucionalização 77
4.2.1 *Boom* da psicanálise brasileira na década de 1970 80
4.2.2 Os caminhos da psicanálise pela via da “regulamentação da psicologia” 83
4.2.3 Os caminhos da psicanálise pela via da “psicologização da psiquiatria” 99
4.2.4 Os grupos de estudo de psicanálise 107
4.2.5 Difusão e institucionalização da psicanálise a partir de Lacan 117
4.2.6 1975: o ano que não terminou em Curitiba 122
4.3 Breves indicações de algumas instituições de psicanálise da cidade após 1975 .. 127

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 130
REFERÊNCIAS 136
APÊNDICE 147

1. INTRODUÇÃO

A historiografia da psicanálise constitui um domínio de pesquisa ao mesmo tempo bem delimitado e muito complexo. O domínio é bem delimitado tanto vertical quanto horizontalmente porque foi edificado há muito tempo e porque ainda hoje resulta em trabalhos sobre lugares tão distintos como a Hungria ou a cidade de Fortaleza. E embora seus limites nítidos configurem certa tradição de pesquisa consolidada, as fronteiras deste domínio se não são exatamente voláteis, são muito amplas e desenhadas por contornos muito distintos. Sob o abrigo deste domínio cabem muitas pesquisas com motivações e métodos tão diversos quanto objetivos e resultados. As histórias da psicanálise foram e estão sendo escritas por pesquisadores das mais diversas áreas, principalmente, mas não só, por psicanalistas e historiadores. Os primeiros, com frequência talvez incomum se comparados a profissionais de outras áreas, narram as histórias de sua profissão e os segundos se defrontam com a grande influência que a psicanálise exerceu nas ciências humanas no século 20 e, talvez por isso, busquem com seus métodos melhor compreendê-la.

De modo diferente de um historiador, quando um psicanalista faz o mesmo trabalho, as construções dos problemas de pesquisa e as consequências éticas para cada pesquisador tendem a ser diferentes. O psicanalista inserido na cidade em que pesquisa e trabalha, ao mesmo tempo em que desvela aspectos desta história, amplia para ele e para seus pares o conhecimento disponível sobre a tradição de psicanálise que o abriga. É claro que o sujeito pode ficar estudando e trabalhando em seu consultório, independente de conhecer ou não a história da psicanálise da sua cidade, mas penso que, se assim for, aspectos importantes da sua formação estarão de lado e pouco haverá do salutar diálogo teórico e clínico, pautado em conhecimento compartilhado, entre psicanalistas que partilham a mesma cultura.

Pesquisar a história da psicanálise na cidade de Curitiba, para produzir um relato histórico que articule aspectos teóricos, clínicos e políticos é o objetivo principal desta pesquisa. Articular estes três aspectos implica na hipótese de que o estudo da história da psicanálise não se limita, como habitualmente, ao estudo do movimento psicanalítico ou à psicanálise institucionalizada. Vale destacar que o mais importante aqui não é buscar a

prevalência de um aspecto sobre outro, pois os três aspectos constituem simultânea e sobredeterminadamente a configuração da psicanálise local e é desta forma que se compreende os movimentos da psicanálise, no tempo e no espaço da cidade, em suas instituições e associações próprias, em universidades, nos consultórios particulares e nos sistemas públicos de saúde. As articulações clínicas (descrita nas demandas que a cidade, em determinado momento histórico, requer dos seus profissionais de saúde), teóricas (descritas nas escolhas dos referenciais usados para responder questões de ordem clínica e compreender questões de ordem política), e políticas (descrita nos movimentos que a psicanálise empreende na *pólis* e nos jogos de poder envolvidos nos processos), formam a tríade que baliza a proposta de pesquisa da história da psicanálise em Curitiba. Com isso, buscou-se, em primeiro lugar, ampliar a possibilidade de dotar a pesquisa, de início, com um instrumento capaz de ajudar a produzir um relato histórico distante de um modelo redutor ou linear e mais próximo de um modelo sobredeterminante (MEZAN, 1987) de pesquisa em história da psicanálise. Em segundo lugar, buscou-se afastar qualquer indício de uma investigação histórica para endossar tanto uma teoria psicanalítica dominante quanto uma única prática clínica adequada, visando como resultado uma narrativa complexa, heterodoxa e heterogênea dos meandros da psicanálise na cidade de Curitiba e não a busca de uma única verdade histórica.

A primeira maneira encontrada para apresentar um relato histórico decorrente da pesquisa que articule os três aspectos citados é fazer atravessar, quando possível, nas histórias da psicanálise na cidade, partes importantes da história, da cultura e das características de Curitiba, inclusive parte dos sonhos e mitos coletivos que qualquer cidade sempre carrega e que podem contribuir para apresentar o extra psicanalítico atuante no processo de estabelecimento de uma cultura psicanalítica na cidade. Esta é uma das razões pelas quais as questões da modernidade e da modernização transitam, como pano de fundo, pelas histórias da psicanálise. Outra maneira encontrada foi não restringir a pesquisa à psicanálise institucionalizada, nem apenas ao momento em que a psicanálise se amplia e se complexifica na cidade. Ao contrário, a proposta foi tentar clarear parte da tradição local da psicanálise, investigando possíveis nichos de recepção e difusão que configuram aspectos da tradição psicanalítica em Curitiba.

Para atender os propósitos descritos até aqui, a tese foi dividida em três capítulos. O objetivo do primeiro capítulo, denominado *Considerações éticas, metodológicas e*

políticas, é explicitar ao leitor as posições éticas, políticas e metodológicas do pesquisador, bem como apresentar as bases presentes na construção dos problemas de pesquisa e seu percurso que envolveu recortes, inclusões e mudanças ao longo do período de doutoramento. Neste capítulo estão contempladas, ainda que indiretamente, o aprofundamento dos objetivos, justificativas, referenciais e operadores teóricos.

O segundo capítulo, denominado *Esplêndido isolamento e resistências à psicanálise na historiografia clássica psicanalítica* propõe uma reflexão sobre três momentos importantes do processo de institucionalização da psicanálise e sobre a função, o papel e o uso das narrativas históricas na configuração política da psicanálise. Partindo da maneira como Freud narrou eventos importantes dos primórdios da psicanálise no artigo *A história do movimento psicanalítico*, através de um debate com historiadores da psicanálise que se debruçaram sobre o mesmo tema, verificou-se que Freud dota, consciente ou inconscientemente, a historiografia clássica psicanalítica com as ideias de *esplêndido isolamento* e *resistências à psicanálise* e, dada a sua importância na difusão da psicanálise, optou-se por buscar as raízes deste empreendimento freudiano.

No terceiro capítulo, denominado *Histórias da psicanálise em Curitiba* são narradas algumas das histórias do percurso da psicanálise em Curitiba, com base em pesquisas documentais, análises de artigos de jornais e 29 entrevistas abertas com psicanalistas e outros profissionais envolvidos, direta ou indiretamente, com o surgimento da psicanálise na cidade. Para tal, são enfatizados dois aspectos dos movimentos da psicanálise na cidade: o surgimento e a difusão da psicanálise na cultura local, iniciada desde meados da década de 1920, quando foram encontradas as primeiras referências a Freud na imprensa curitibana e o registro e análise de alguns dos processos que dão origem à institucionalização da psicanálise na cidade, contemplando desde meados da década de 1960 até 1975, ano que representa a chegada do movimento lacaniano na cidade. Como pano de fundo destas histórias e, mais ou menos, concomitante aos dois aspectos acima assinalados, dois processos de modernização ocorridos em Curitiba, o primeiro ocorrido nas duas primeiras décadas do século XX e o segundo ocorrido durante a década de 1970.

2. CONSIDERAÇÕES ÉTICAS, METODOLÓGICAS E POLÍTICAS

Para começar a situar o lugar da pesquisa histórica em psicanálise, estamos diante de uma primeira divisão no domínio de pesquisa que implica na diferenciação entre pesquisas *em* psicanálise e *sobre* psicanálise. Com Luís Cláudio Figueiredo e Nelson Coelho Junior, na Disciplina *Metodologia de Pesquisa sobre Epistemologia e Ética da Psicanálise*, ministrada na pós-graduação da USP, aprendi, entre diversas outras questões pertinentes, que pesquisas *em* psicanálise são feitas por psicanalistas e visam ampliar e enriquecer o campo das saberes e práticas psicanalíticas, enquanto pesquisas *sobre* psicanálise, mais próximas do modelo acadêmico/universitário, são feitas a partir de outros ângulos.[1] O que aqui apresento foi reduzido e traduzido, sob minha exclusiva responsabilidade por quaisquer erros ou no aprendizado ou na tradução. As pesquisas *em* psicanálise são feitas por psicanalistas, enquanto que as pesquisas *sobre* psicanálise são feitas por outros ângulos e constituídas, por exemplo, por pesquisas que podem englobar história (interna ou externa) de conceitos ou sistemas teóricos, técnicas e práticas psicanalíticas e campos como a sociologia, filosofia, ciências da linguagem e teoria literária, entre outros que podem ser solicitados para compreender estes fenômenos e processos. Existem outras divisões, mas a apresentada já basta para começar a levantar as considerações pensadas e anunciadas para este capítulo da tese.

A primeira condição, não exclusiva, é verdade, mas necessária para a realização de uma pesquisa *em* psicanálise, é que seja realizada por um psicanalista. E esta é a minha condição. Tal condição traduz em pergunta um dilema em minha pesquisa que é, a um só tempo, desafio e fonte de inquietação. É possível realizar uma pesquisa de história da psicanálise que seja uma pesquisa em psicanálise?

Parte do que será apresentado neste trabalho tangencia esta questão, ou dito de outra forma, o pano de fundo das reflexões no presente trabalho é esta problematização de certo *lugar* (morada) onde a pesquisa se situa e de certa *posição* do pesquisador nesta morada. Uma questão ética, portanto, conforme problematizado por Luís Claudio Figueiredo e Nelson Coelho Junior (2008, p.9) na *Apresentação* do livro *Ética e Técnica em Psicanálise*. A primeira maneira de enfrentar esta questão ética é acreditar que a

[1] A distinção entre pesquisa *em* psicanálise e pesquisa *sobre* psicanálise será retomada nas considerações finais da presente tese.

pesquisa em história da psicanálise é tema central, não alheio e nem menor, entre as possibilidades de uma pesquisa pertinente em psicanálise e, como tal, com papel relevante na formação do psicanalista. Esta é a ideia-semente, o norte e também o plano geral na qual a presente pesquisa se constitui.

A pergunta colocada no parágrafo anterior: *É possível realizar uma pesquisa de história da psicanálise que seja uma pesquisa em psicanálise?* – somada à parte das reflexões efetuadas por Eliana Araújo Nogueira do Vale, em seu livro *Os rumos da psicanálise no Brasil* inspiram a reflexão sobre as minhas próprias motivações num trabalho como este.

Vale (2003 p. 14-15) relata, na introdução de seu livro, em resumo, que procurou análise, por razões pessoais, quando ainda estudante de psicologia, com Yusaku Soussumi, analista da *Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo* (SBPSP). Depois de algum tempo, porém, quando começou a pensar em tornar-se psicanalista, descobriu que a análise não a habilitava, porque não era "análise didática". O seu livro, resultado da sua dissertação de mestrado defendida em 1985 na Universidade de São Paulo (USP), é em parte tributário deste acontecimento em sua vida. Além do testemunho corajoso de questões que planavam sobre a cabeça dos jovens psicanalistas naquele período, final dos anos 70 e começo dos 80, o mais interessante para mim, quando li a introdução do referido livro, foi achar que encontrei, de forma bastante transparente a sua posição, digamos, ética e política, na maneira em que narrava os acontecimentos de seu livro, mesmo que a autora não a explicitasse nesses termos. Este encontro muito me ajudou a ler o seu livro – que se diferenciava de outros, com outras posições éticas e políticas – a partir da clareza dos referenciais que nele se apresentava desde seus antecedentes. Em outras palavras, com a transparência de suas posições, a pesquisadora não foi *neutra* ao contar as suas histórias, diferentes de autores de outros livros de mesmo tema, os quais, por vezes, imaginam sê-lo.

Foi, então, através desta leitura que me convenci que expor parte das minhas motivações conscientes deixaria claro ao leitor que esta pesquisa também tem uma posição e não é neutra. Além disso, desde que li a frase de Contardo Calligaris (1990, p. 13) "a prática da psicanálise é indissociável de uma posição na história do movimento Psicanalítico", me convenci de que conhecer, ao menos em parte, a história do movimento

psicanalítico na cidade onde ocorre a minha prática seria importante na minha formação como psicanalista.

A escolha de parte da metodologia, em razão do acima exposto, implica também em concordância com autores com os quais compartilho da mesma posição ética e, além disso, me permite refletir sobre as implicações de pesquisar uma história que ainda ocorre e da qual não apenas conheço boa parte dos atores, mas dialogo com eles. Talvez deixar claro que a pesquisa tem uma posição é, por enquanto, a maneira mais honesta do ponto de vista acadêmico que encontrei para apresentar o texto aos leitores. Esta é a razão principal pela qual apresento abaixo breve relato, que na ausência de melhor nome, chamarei de bases da construção do problema de pesquisa.

2.1 Bases da construção do problema de pesquisa

Foram, principalmente, os textos de Renato Mezan (1985, 1998, 2002) e de Luís Cláudio Figueiredo (1991, 1992, 1996, 2000, 2008 e 2009) que me despertaram primeiro a curiosidade, depois revelaram a importância e, por último, lapidaram o meu desejo de estudar psicanálise em consonância com o contexto histórico e cultural. A partir da leitura de alguns dos textos destes autores, ampliei o contato, não acadêmico de início, mas diletante, com outros psicanalistas importantes brasileiros. Em ordem cronológica da publicação referida, cito alguns: Chaim Samuel Katz (1984), Jurandir Freire Costa (1988), Contardo Calligaris (1991), Antonio Gomes Penna (1992), Daniel Kupermann (1996), Joel Birman (2000) e Nelson Coelho Junior (2008). O contato com alguns destes autores brasileiros, que *não* conheci através das cadeiras elementares do curso de psicologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na qual me graduei em psicologia, formou o solo fértil para germinar a semente de um trabalho de pesquisa em psicanálise e também um antídoto de história e cultura para a maneira como a conheci durante o curso de psicologia e mesmo depois, durante poucos anos em que participei de cartéis lacanianos de estudos em instituições psicanalíticas de Curitiba. Tanto na universidade quanto nas instituições, regra geral, o estudo consistia, como é praxe, na apreensão dos conceitos, dos fundamentos e das ideias, mas não havia qualquer contextualização histórica que apresentasse a dinâmica interna e explicitasse os movimentos externos da psicanálise desde os seus primórdios. Também não havia leituras de autores contemporâneos da

psicanálise. Quase sempre a leitura era Freud ou Lacan, acompanhada, principalmente para o último, de comentadores que ajudariam a compreender determinado conceito.

Em comum entre os autores psicanalistas citados, está a orientação teórica múltipla, não restrita apenas a uma única escola, ou linha, de psicanálise. Esse dado, somado a problemas e questões do meu dia a dia como clínico, de cujas respostas me aproximei justamente ao ampliar o meu leque de leituras em psicanálise, fizeram com que, independentemente do tema pesquisado, eu quisesse me situar como pesquisador e como psicanalista a partir desta referência ou orientação dentro da psicanálise brasileira: múltipla sim, mas na qual encontro denominadores comuns, sobretudo no que diz respeito à incorporação do referencial cultural e histórico no estudo da psicanálise.

Nesse sentido, o percurso de construção da pesquisa pretende se situar na proposta de *atravessamento de paradigmas* na construção do campo psicanalítico, tal como apresentada por Luís Cláudio Figueiredo (2009), no primeiro capítulo denominado *Psicanálise e a clínica contemporânea: uma introdução* do seu livro *As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea.* Para Figueiredo (2009, p. 18)

> ao falarmos em *atravessamento de paradigmas*, estamos assinalando que algumas velhas separações e oposições, vigentes no plano das teorias, soam vigorosamente desfeitas nas novas perspectivas. Por exemplo, criam-se pensamentos e estilos clínicos que fazem justiça à *pulsão*, e às *relações de objeto*; que levam em conta, de um lado, *desamparo* e *dependência original*, e, de outro, desejo (...), vale dizer, dão atenção ao *intrapsíquico*, e ao *intersubjetiv*o. A partícula e no lugar do *ou* aponta para o caráter complexo e paradoxal assumido pelas teorizações e estilos que então se forjam, desconstruindo as velhas oposições paradigmáticas. (grifos no original)

O psicanalista, que justamente cria a sua proposta considerando o contexto macrossocial e os determinantes históricos presentes ao longo do movimento psicanalítico e da construção do psicológico, pensa o atravessamento de paradigmas, em oposição aos ditames da *era das escolas* que teria perdurado no movimento psicanalítico por muito tempo, desde a morte de Freud até aproximadamente as décadas de 1980 e 1990. Com a morte de Freud em 1939, para Figueiredo (2009, p.15), “as décadas de 1940 e 1950 veem nascer as grandes cismas entre freudianos, kleinianos e lacanianos. A partir daí, surgem novas escolas (de psicanálise).” Figueiredo (2009, p. 13-14) aponta ainda que

> a ‘era das escolas’, que felizmente se extinguiu ao longo dos últimos vinte ou trinta anos, com exceção de alguns grupos lacanianos que continuaram insistindo na segregação (muitos leitores de Lacan, ao contrário, participam de Sociedades pluralistas e tiram proveito da inserção no movimento psicanalítico mundial), impôs limites às possibilidades de leitura de todo este extraordinário acervo de experiências e conceitos. Por exemplo, kleinianos liam apenas Klein e outros seguidores de Klein. E assim por diante. Muitas vezes, os psicanalistas liam seus autores de referência e descartavam-se de Freud, como de uma velharia. Hoje sabemos: os chamados pós-freudianos não fazem sombra a Freud; ao contrário, trazem novas luzes a partir das quais Freud se renova e volta a nos poder oferecer novidades preciosas. Da mesma forma, é possível e necessário ler os grandes nomes da psicanálise – Melanie Klein, Bion, Balint, Winnicott, Lacan, Kohut e alguns outros – uns a partir dos demais, e todos a partir de alguns analistas contemporâneos que construíram suas obras originais no cruzamento das diversas tradições.

Assim, a delimitação epistemológica do presente projeto se fundamenta na ideia de que, em razão da articulação entre teoria, clínica e referência cultural e histórica nos estudos em psicanálise, a pesquisa pode ser enriquecida com o debate e orientação de pesquisadores que pensem a psicanálise a partir de suas múltiplas vertentes, não se apoiem em dogmas de qualquer ordem e articulem justamente as dimensões teóricas, clínicas e históricas em seus trabalhos.

O debate iniciado com Luís Cláudio Figueiredo continua com o psicanalista Renato Mezan porque, para situar a pesquisa histórica em psicanálise no incontável número de temas sobre os quais é possível pesquisar em psicanálise, parte-se de sua proposta apresentada no capítulo 2 do livro *Freud, pensador da cultura*, e condensada no artigo *A interpretação dos sonhos: origem e contexto*, publicado na coletânea *Interfaces da psicanálise*. Para Mezan (1985, 2002), os conceitos psicanalíticos foram forjados por Freud, a partir da articulação de três fontes ou referências: a) a clínica, ou o discurso dos seus pacientes; b) a auto-análise freudiana e c) o registro da cultura e do social-histórico.

A pesquisa em história da psicanálise está situada neste terceiro registro e, seguindo o argumento do autor, não é desvinculada dos outros dois que podem fornecer, isolada ou combinadamente, temas para pesquisa e estudo em psicanálise. Parece claro que Renato Mezan não quis propor, e nem propôs, com a sua observação sobre o modo como Freud pesquisava, um manual ou um glossário de temas para pesquisa em psicanálise e, muito menos, um manual de ditames para a formação do psicanalista. No entanto, como primeira bússola, a ideia de Mezan é bem vinda para nortear a pesquisa e

para apresentá-la em consonância com os aspectos teóricos e clínicos da pesquisa em psicanálise.

2.2 Breve histórico do domínio de pesquisa

Dado curioso na historiografia da psicanálise e talvez singular na história da configuração de sistemas de pensamento ou de práticas científicas, é ter sido iniciada justamente pelo fundador da psicanálise em momento em que a psicanálise, se não era exatamente embrionária, ainda não estava consolidada. Não havia ainda a segunda tópica quando, em 1914, Freud escreve *A história do movimento psicanalítico*, comumente considerado o primeiro texto de história da psicanálise. Embora antes, em 1911, Sándor Ferenczi tivesse apresentado o texto *Sobre a história do movimento psicanalítico* no II Congresso de Psicanálise em Nuremberg para propor a criação de uma associação internacional de psicanálise. Ambos os textos são marcados pelo tom belicista, pela motivação política - manter a psicanálise nas mãos de Freud e enfraquecer C.G. Jung – e são formatados em narrativas heroicas que exploram à exaustão a ideia do *esplêndido isolamento* freudiano como corolário das *resistências* que a psicanálise desperta, e influenciaram boa parte da tradição historiográfica da psicanálise.

Assim, as pesquisas de história da psicanálise escritas por psicanalistas não são novidade no campo psicanalítico. Desde os textos do fundador da psicanálise e de S. Ferenczi até os dias atuais, muitos trabalhos de diversas tendências, buscando narrar a história, ou as histórias da psicanálise, foram produzidos, tanto no campo internacional quanto no campo brasileiro. O primeiro texto de história da psicanálise no Brasil, *Conceito e história da psicanálise,* escrito em 1928 e publicado em 1929, de Júlio Pires Porto-Carrero (1887/1936), é parte desta tradição iniciada por Ferenczi e Freud.

Como apontam Roudinesco e Plon (1998), boa parte destes estudos foi criada; ou sob o modelo de uma história oficial, pragmática, racionalista e positivista, inclusive o estabelecido por Ernest Jones (1989), ou, como aponta Birman (1988), sob o signo da ingenuidade teórica e da euforia que imperou nos anos cinquenta, ao circunscrever a psicanálise como o último limiar da “revolução” psiquiátrica. Momento de ruptura na ordem positivista, os trabalhos de Michel Foucault contribuíram para a renovação do campo de investigação histórica em psicanálise.

No Brasil, segundo Carmen Oliveira (2005), a ruptura metodológica apoiada em Foucault teria somente acontecido na dissertação de mestrado de Gilberto Rocha (1989), defendida na Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro em 1983 e posteriormente publicada. A pesquisadora, aliás, inscreve seu próprio trabalho na tradição foucaultiana e, embora situe a ruptura metodológica apenas a partir da dissertação de Rocha, vê a historiografia produzida no seio das instituições psicanalíticas cariocas como mais crítica do que a produzida nas instituições de São Paulo (NOSEK, 2004; SAGAWA, 1992), sobretudo os trabalhos de Helena Vianna (1994) e Chaim Katz (1984).

Na esteira das preocupações dos psicanalistas com a história da psicanálise foi criada, em 1987, a *Associação internacional de história da psicanálise* que produziu a *Revista internacional da história da psicanálise,* e que foi um importante espaço para o debate sobre o tema. No campo psicanalítico brasileiro, as obras que se ocuparam do tema foram e estão sendo escritas, principalmente, desde a década de 90, e muitas se inseriram nos debates sobre as especificidades da psicanálise brasileira, profícuos durante a citada década. Eis alguns trabalhos, sejam artigos ou livros, teses ou dissertações, efetuados em outras cidades brasileiras, tais como São Paulo (OLIVEIRA, 2005; NOSEK, 1994; SAGAWA, 1992), Rio de Janeiro (PENNA, 1992; VIANNA, 1994; KATZ, 1984; PERESTRELLO, 1987 e 1992; FIGUEIREDO, 1984; MELLONI, 2010), Fortaleza (DANZIATO, 2000), Florianópolis (PEREIRA, 2005), Porto Alegre (GAGEIRO e TOROSSIAN, 2014) e em estados como Rio Grande do Sul (MARTINS, M H., 2002; MARTINS, C., 1993), Pernambuco (SIQUEIRA; MORAES; CORREIA, 1997) Bahia (MENEZES, 2002) e Minas Gerais (SALIM, 2010) , além de pesquisas mais amplas contemplando a história da psicanálise no Brasil. (MOKREJS, 1993; VALE, 2003; ABRÃO, 2001; FONTELES; COUTINHO, 2015). Assim, o presente estudo, inédito para a cidade de Curitiba, se insere numa temática há muito iniciada, que foi renovada, mas ao mesmo tempo demanda ainda ampliação e complexificação do campo. Ao preencher uma lacuna existente em Curitiba, a pesquisa possibilita a outros pesquisadores um ponto de partida para um debate ainda incipiente.

2.3 Elaborações do Recorte da Pesquisa

O presente tópico objetiva apresentar as modificações que a pesquisa intitulada *Histórias da psicanálise em Curitiba: surgimento e difusão de uma cultura psicanalítica em Curitiba entre clínica, teoria e política* sofreu neste período de doutoramento. Com isso, pretende-se continuar a apresentar algumas questões éticas e metodológicas que circulam na tese.

Na ocasião da apresentação para entrada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental, o projeto era intitulado apenas *História da Psicanálise em Curitiba: 1962-1994*. A modificação do nome acompanhou uma transformação na natureza e na proposta da pesquisa.

Inicialmente, a circunscrição temporal obedecia e buscava meios para a reflexão sobre o dado mais visível na configuração da psicanálise curitibana, e por consequência o mais óbvio ponto de partida para o pesquisador. Curitiba estaria entre as cidades brasileiras nas quais a difusão da psicanálise acontece junto com o *boom* das "práticas *psi*" nos anos 70. Em função desta conexão entre psicanálise e psicologia brasileiras, como é o caso de Curitiba, optou-se anteriormente por arbitrar o início da pesquisa justamente no ano de 1962, ano em que acontece a regulamentação da profissão de psicólogo no país.

A opção por limitar, de outro lado, a pesquisa até o ano de 1994, seguia outro critério. Neste ano, segundo Pedrosa (2004, p. 51) ocorreu a "primeira implantação de um projeto de especialização em psicanálise e psicologia na cidade de Curitiba". Assim, optou-se por circunscrever a pesquisa até o ano da inserção de Curitiba, e mais especificamente da inserção da psicanálise em Curitiba, no *boom* das pesquisas de pós-graduação *lato sensu* no Brasil. O pensamento naquele momento era de que a extensão do projeto para além do ano citado abriria um leque gigantesco para a pesquisa que tornaria inviável o trabalho devido ao grande número de fontes documentais, uma vez que, além da chegada das pós-graduações em psicanálise, também o número de cursos de psicologia saltou de três para onze, de 1994 até hoje.

A manutenção da circunscrição temporal não resistiu às primeiras análises, leituras realizadas e orientações formais. Primeiro porque o argumento, embora fiel ao boom das práticas *psi* nos anos 70 e a consequente relação entre psicanálise e faculdades de psicologia, não reflete exatamente o trânsito da psicanálise em Curitiba, uma vez que foram encontrados indícios de que a psicanálise transitou ou transitava bem antes na cidade. A primeira descoberta, nesse sentido, foi a confirmação de que em 1927, o

psicanalista Júlio Porto-Carrero esteve em Curitiba para ministrar palestra na *I Conferência Nacional de Educação*. Mais importante para a mudança na pesquisa que os indícios gradativamente (ou abruptamente em alguns casos) descobertos, é que não havia ainda, naquele momento da pesquisa, um conceito ou noção capaz de me auxiliar na leitura de tais indícios. Eu trabalhava com a ideia, ainda que flexível, de uma psicanálise institucionalizada, mas não ainda com a noção de cultura psicanalítica em construção e em trânsito. Podia não ser o início de uma psicanálise institucionalizada, mas eram fortes elementos de que havia cultura psicanalítica em formação na cidade de Curitiba, muito antes da década de 1970. E o encontro com esta noção amparou não apenas o abandono da circunscrição temporal como a adoção do plural em história e a inclusão no título da pesquisa da segunda parte do título, abaixo em destaque; *Histórias da psicanálise em Curitiba: surgimento e difusão de uma cultura psicanalítica em Curitiba entre clínica, teoria e política.* Justamente neste ponto de inflexão na pesquisa houve a ideia e, talvez, a necessidade de pensar mais no trânsito da psicanálise na cidade e menos na morada que lá a psicanálise teria encontrado desde os anos 70. Implicações metodológicas de começar a pensar em psicanálises em trânsito que mais constroem caminhos que casas surgiram em decorrência desta opção. A principal delas foi tentar fazer funcionar na tese as noções de tradição e cultura relacionadas à psicanálise e a noção de cultura psicanalítica.

2.4 Histórias da Psicanálise e Cultura psicanalítica

No texto *Psicanálise e cultura, psicanálise na cultura*, Renato Mezan (2002) argumenta que existem vários aspectos na relação entre cultura e psicanálise. Dentre os seis que o autor destaca, descarto quatro e acentuo dois: 1) “tomar a cultura como um ambiente propício para o desenvolvimento e difusão da psicanálise.” e 2) “cultura como a maneira pela qual a sociedade introduz às suas instituições, práticas e crenças os membros de cada nova geração, ou seja como o sujeito absorve a cultura e como ela colabora para a formação da sua subjetividade.” A primeira ideia de Mezan: *tomar a cultura como um ambiente propício para o desenvolvimento e difusão da psicanálise* é, talvez, a mais fácil de ver circular na presente pesquisa. Ela implica, na cultura considerada como o meio no qual a psicanálise se desenvolve.

Na segunda ideia de Mezan, considerar a cultura como *"a maneira pela qual a sociedade introduz às suas instituições, práticas e crenças os membros de cada nova geração",* está em jogo a maneira pela a qual o psicanalista absorve a cultura psicanalítica na qual está inserido. Buscar entender qual o papel da cultura no modo como o psicanalista adere a determinada associação de psicanalistas e quais são os motivos pelos quais se filia a uma teoria ou outra poderia, talvez, enriquecer um trabalho de pesquisa em história da psicanálise na medida em que forneceria ainda mais material para análise. No entanto, além de muito se distanciar dos propósitos desta tese, sei que é impossível pesquisar todos os aspectos que fazem o sujeito escolher determinada teoria ou mesmo o que lhe fez se tornar psicanalista e não alfaiate, por exemplo. Fica o registro, porém, porque há na presente tese a ideia subjacente de que, ao ajudar a fornecer elementos para desvelar parte da cultura psicanalítica da cidade, contribui-se para pensar que o psicanalista não se forma apenas através da psicanálise institucionalizada. E nem o encontro institucional fornece, ao psicanalista inserido em determinada tradição, todos os elementos disponíveis para suas escolhas teóricas ou clínicas. Justamente porque a tradição que o acolhe, contribuiu, e ainda contribui, para institucionalização da psicanálise. Sem conhecer, pelo menos em parte, os meandros do campo ao qual pertence, isto é, suas tradições e sua cultura, o psicanalista nem se dá conta que pode haver no campo elementos que, se não excluem, limitam o horizonte das suas escolhas.

Também pelo acima exposto, a pesquisa não se restringe nem à psicanálise institucionalizada, nem apenas ao momento da difusão psicanalítica na cidade. A proposta é clarear parte da tradição local da psicanálise, investigando possíveis nichos de recepção e difusão que configuram aspectos da tradição psicanalítica em Curitiba.

Neste ponto, a ideia de tradição exposta por Nelson Coelho Junior no texto *Planos de realidade na clínica e escrita psicanalíticos* é importante mote, inclusive porque abarca certa definição de cultura. Para Coelho Junior (2011):

> a *tradição* – nessa dimensão cada psicanalista é marcado e até certo ponto determinado pelas forças da cultura. São as "condições prévias" que constituem as possibilidades de interpretar e agir no mundo; (...) A tradição, em nosso caso, deve abranger fundamentalmente o solo do qual a psicanálise (e cada psicanalista) recebe os alimentos que a fazem ser o que é. E isso, para além das regras de fundação e de funcionamento que a própria psicanálise procura estabelecer para si. A partir da linhagem de Heidegger e Gadamer, podemos pensar no *solo cultural*, no caldo de

> Cultura que nos antecede e nos alimenta, como uma pré-estrutura existencial, como o horizonte de cada prática, de cada teoria e de cada analista.

O curioso é que, na dimensão da tradição, exposta por Coelho Junior, é possível, talvez, pensar nas forças da cultura como forças políticas, não só porque são forças atuantes na *pólis*, mas principalmente porque são, ou formam, caminhos nos quais os psicanalistas com suas clínicas e com suas teorias transitam, mais ou menos avisados, por entre cisões, disputas e encontros. Muitas destas cisões, disputas e encontros formaram parte da tradição na qual os psicanalistas escolheram "livremente" a sua teoria ou o seu modo de praticar a clínica.

Se lembrarmos que começamos, no início deste tópico, a pensar em cultura e tradição porque presumimos que existem psicanálises em trânsito pela cidade, devemos neste momento, tentar refinar um pouco a reflexão inserindo a noção de *cultura psicanalítica*. Porque foi justamente por esta razão, que a noção de *cultura psicanalítica* substituiu, inclusive no título, *Psicanálise* como vetor da pesquisa. Isto quer dizer que a pesquisa não se limita ao estudo da história da psicanálise apenas em termos institucionalizados. A psicanálise institucionalizada em conglomerações de psicanalistas, endossada pela oficialidade da IPA *(International Psychoanalytical Association)* ou não, é parte importante, mas não exclusiva, da história da psicanálise em qualquer cidade. Quando psicanalistas se reúnem em instituições oficiais para estudar e pesquisar psicanálise e para legitimar o trabalho de outros psicanalistas, eles estão fazendo não apenas a divulgação de seu campo ou interferindo em questões de saúde pública e clínica, estão fazendo também política, ou seja, estão interferindo em forças e em conflitos que se encontram e que se dão na *pólis*. Há um espaço de disputas tanto externo, expresso, por exemplo, na busca pelo privilégio e legitimação do tratamento de problemas de saúde mental, quanto interno, por exemplo, na ampliação do mercado e na busca por pacientes.

O psicanalista e teórico da psicanálise no Brasil que mais estudou, de modo sistemático, o tema da cultura psicanalítica é Sérvulo Augusto Figueira (1988, 1991,1994, 1995), razão pela qual as suas ideias estarão presentes neste trabalho.

Ao estudar a cultura psicanalítica, e por isso mesmo, Figueira (1995, p. 6) considera a existência de uma psicanálise brasileira: "pensamos mesmo, que é *impossível não haver uma Psicanálise brasileira,* cabendo aos analistas brasileiros discernir seu

perfil, para que dela possam se apropriar com mais força". Eu, ainda que próximo do pensamento de Figueira, prefiro pensar também, às vezes, em psicanálises brasileiras, sobretudo quando em trânsito na cidade. De certa maneira, a existência de uma psicanálise brasileira, ou de psicanálises brasileiras, é condição *sine qua non* para a existência desta pesquisa. E o que seria, então, psicanálise ou psicanálises brasileiras? Para começar a responder a esta pergunta, é preciso admitir que o clima e solo culturais importam não apenas na recepção que a psicanálise tem em determinado país, ou cidade, como também a psicanálise ali praticada carrega as marcas recebidas nesta recepção. Como afirma Renato Mezan (2014, p. 35):

> Quanto ao terceiro foco, o clima cultural: ao emigrar para Paris, Londres, Nova York ou Buenos Aires, os psicanalistas da Europa Central se veem confrontados com panoramas culturais bastante diferentes daquele em cujo seio se formou a teoria freudiana. Esse truísmo precisa ser explorado a fundo, exatamente porque não é um truísmo: a psicanálise não pode, e na verdade jamais pôde permanecer imune ao que se passa em seus contornos exteriores. E mesmo a ideia de contornos *exteriores* precisaria ser revista: pois, se é verdade que a moda feminina ou o esporte predileto de um país em nada influi sobre a forma e o conteúdo da teoria psicanalítica, também é verdade que o solo no qual vai se implantar a prática freudiana – nessas circunstâncias, nem sempre um produto importado – não deixa de ter efeitos na forma e no conteúdo predominantes que ela assumirá nesses novos territórios.

Assim, a psicanálise brasileira seria caracterizada pelas marcas que a psicanálise encontrou no clima cultural brasileiro, histórica ou atualmente. Distinguir estas marcas foi o trabalho que boa parte dos trabalhos sobre o tema, notadamente nos anos 90, se propôs. Uma destas marcas, por exemplo, é a maneira como a tradição médica, com forte influência política e social no Brasil, recebeu a psicanálise nos primórdios, em princípio, subserviente a uma nova técnica, mas cada vez mais refratária a uma nova posição epistemológica, vista como ameaça ao *status quo* médico. Outra marca de distinção da psicanálise no Brasil talvez seja a relação singular com que a psicanálise no Brasil conviveu com a Ditadura Militar durante os anos 70, mais pacífica, por exemplo, que na Argentina.

E especificamente no caso de Curitiba, será que, por exemplo, poderia ser considerada como marca de distinção a psicanálise difundida e institucionalizada apenas nos anos 70, longe da recepção clássica no Brasil dos anos 10, 20? Corolário disso, teria a psicanálise de Curitiba grandes diferenças em relação ao resto da psicanálise brasileira?

Parece-me que não, embora buscar mapear algumas das suas singularidades é um dos objetivos secundários da pesquisa.

Além disso, estudar com profundidade os efeitos destas marcas é tão interessante quanto distante dos propósitos desta tese, porque o limite é uma cidade, e não um país. Assim, seria possível excluir desde já a busca pela existência de um elemento de distinção seguro que permita falar, nesse sentido, em psicanálise curitibana, porque haveria de se buscar marcas de distinção não em determinado país, mas em determinada cidade dentro do país. Processo notoriamente mais difícil. Evidente que se, durante a caminhada da pesquisa, for possível encontrar quaisquer indícios de distinção, eles não deixarão de ser apontados, mas é secundária essa busca na pesquisa.

De qualquer forma, nesta tese busca-se contribuir para o trabalho de construção teórica sobre como a psicanálise é pensada e praticada no Brasil, justamente por acreditar na existência de, no mínimo, uma psicanálise brasileira.

É até curioso, mas alguns psicanalistas não acreditam, por vezes, existir psicanálise brasileira e, simultaneamente confundindo *nacional* com *patriota*, acabam por, ao defender o universalismo dos conceitos, construir uma visão essencialista, quase religiosa, da psicanálise. É o caso de Paulo César Sandler (1991, p. 130-32) para o qual "falar em Psicanálise no Brasil, parece ter tanto sentido quanto se dizer "maternidade no Brasil (...). Admite a Psicanálise – ou o inconsciente humano – alguma linguagem que não seja universal"? Sandler, no artigo citado, mostra mesmo que confunde *nacional* com *patriota* ao iniciar seu artigo citando Samuel Johnson – "o patriotismo é o último refúgio do canalha". Encontrar patriotismo onde apenas há um elemento de distinção é tão ingênuo quanto não aceitar a existência de rock nacional. Admitir a existência de rock nacional seria patriotismo?

De outro lado, os estudos que Sérvulo Augusto Figueira efetua sobre cultura psicanalítica são acompanhados de reflexões sobre a difusão da psicanálise. Ou mais, o pesquisador os relaciona intimamente e estuda, desde Freud, como a questão da difusão da psicanálise é considerada ao longo da história do movimento psicanalítico e como se dá a difusão em cada país, o que contribui para a criação de culturas psicanalíticas singulares. Destaco uma, porque relacionada à difusão psicanalítica, entre as várias definições que Figueira (1991, p. 220) apresenta, de *cultura psicanalítica*: "padrão de presença da

psicanálise na cultura que surge quando a difusão psicanalítica se aproxima de um ponto de saturação".

Quando escreve sobre a situação da psicanálise no Brasil, outro tema de estudo do pesquisador, Figueira (1991, p. 221), afirma que "a difusão psicanalítica contribui significativamente para a modernização e psicologização de grupos sociais que são extremamente privilegiados na sociedade brasileira e que convivem com uma massa de marginalizados".

Além disso, Sérvulo Augusto Figueira faz uma reflexão que muito interessa nesta pesquisa, e que é um dos principais motivos da existência do próximo capítulo neste trabalho. Ele questiona a ideia que Freud coloca desde muito cedo em sua obra de *resistência à psicanálise*. Para Figueira (1994, p. 9),

> Freud refere-se a uma suposição implícita em seu modo de definir a resistência do público à psicanálise: não importa o quanto a psicanálise se difunde, a resistência é *infinita*. É quase como se Freud e os primeiros psicanalistas estivessem dizendo que, mesmo quando a psicanálise estiver profundamente difundida na sociedade e na cultura, a resistência não terá desaparecido, ou seja, do seu ponto de vista, a situação não mudou muito. Em outras palavras, podemos dizer que os psicanalistas continuaram a falar de resistências à psicanálise numa cultura psicanalítica, de um modo que faz lembrar claramente a forma com que Freud discutiu o problema no início do século – como se nada houvesse mudado.

No campo da historiografia psicanalítica, as reflexões que apontam a resistência infinita à psicanálise, muitas vezes, vêm acompanhadas de reflexões sobre o esplêndido isolamento de Freud, em particular, e de psicanalistas em geral. O *esplêndido isolamento* seria, segundo o próprio Freud, mais ou menos, o tempo heroico em que esteve sozinho construindo a sua psicanálise. Assim, isolado e incompreendido pelo campo científico que só o criticava, ou melhor, resistia à verdade que a sua psicanálise desvelava, Freud descobrira que a psicanálise sempre despertava resistências, porque é característica humana não querer saber certas verdades. Consequência óbvia desse isolamento é a ideia ou mito da criação da psicanálise por *geração espontânea*, surgida apenas do gênio de Freud e impermeável aos processos culturais e históricos.

O mais importante a apontar desde já é que ambas ideias: a resistência à psicanálise e o esplêndido isolamento, são mais que inseparáveis do processo de difusão da psicanálise, são, para Figueira (1994, p. 23) ideias estratégicas de Freud para difundir a

psicanálise. Ele afirma: “O próprio uso da teoria da resistência como guia para um modo efetivo de lidar com a resistência do público é uma indicação do interesse de Freud em ver a psicanálise eventualmente aceita”.

Assim, a ideia subjacente neste ponto é criar uma espécie de antídoto ao argumento de *geração espontânea* da psicanálise na cidade de Curitiba. Antes não haveria psicanálise na cidade e desbravadores vindos da Argentina ou precursores indo para a França ou Inglaterra e posteriormente voltando com a incumbência de difundir o saber aprendido seriam uma espécie de heróis que enfrentaram todas as dificuldades que a sempre presente *resistência à psicanálise* impõe aos que com psicanálise trabalham.

Não se trata de desconsiderar a importância destas pessoas e destes movimentos que, aliás, não são exclusivos da cidade de Curitiba. Ocorre que, ou talvez pela pequena importância da psicanálise em Curitiba em comparação com outras grandes cidades, mesmo nos anos 70, ou talvez pelo pequeno tamanho da cidade naquela época, boa parte das opiniões dos entrevistados e dos parcos registros de documentos da época buscam endossar esse “nascimento” da psicanálise em Curitiba nos anos 70. Seja um pouco antes, seja um pouco depois, dependendo da filiação do entrevistado a determinada associação de psicanalistas. E mais do que isso, os entrevistados, mesmo sem serem inquiridos, têm a tendência de individualizar todo o processo. Entre respostas de entrevistados e documentos das instituições procurei refletir sobre o que anteriormente denominei “geração espontânea da psicanálise”, mas que talvez ficasse melhor apresentada como “o tempo heroico” da psicanálise na cidade, porque esta denominação se aplica melhor à hipótese do gênio de Freud. Para não reproduzir esta história parcial e linear que se avizinhava, fui buscar na proposta de *cultura psicanalítica* a possibilidade de complexificar esta questão. O problema, que se põe, no entanto, parece outro.

Para que a psicanálise pudesse se ampliar durante os anos 70, parti da hipótese de que haveria algumas pré-condições. Espécie de nichos de recepção e difusão que não se dão na psicanálise institucionalizada e que podem estar no discurso cultural, em palestras apresentadas, em aulas e cursos de Filosofia ou mesmo na auto-denominação psicanalista por médicos que encontraram, sabe-se lá como, a psicanálise. A hipótese é que estes nichos de recepção criam as bases de sustentação para a psicanálise curitibana, inegavelmente ampliada durante os anos 70.

Utilizar o conceito ampliado de cultura psicanalítica, mais afeito à difusão da psicanálise, ajuda a pensar mais no trânsito e nos caminhos que a psicanálise percorre e menos na cidade como casa fixa da psicanálise. A psicanálise sem casa fixa na cidade é uma ideia que paga tributo ao que Luís Cláudio Figueiredo (2000, p. 36-46) escreveu no artigo *Psicanálise e Universidade* para a *Revista Pulsional*: "supor que em algum lugar a Psicanálise esteja em casa, eis o problema. Ela nunca está absolutamente em casa, pois se estiver já não é Psicanálise".

Na cidade não cabe a psicanálise imobilizada, e menos ainda as associações de psicanalistas, muitas vezes denominadas instituições, conseguem impor ou fixar sobre a cidade uma única representação de psicanálise. Mesmo as associações de psicanalistas que ainda trabalhariam na *Era das escolas* descritas por Figueiredo não conseguem aprisionar a sua "verdadeira" psicanálise em seus cartéis e grupos de discussão e impor sobre a cidade a sua verdade.

A cidade, distante do debate entre a verdadeira e a não verdadeira psicanálise, desafia a psicanálise a transitar por suas ruas com suas demandas reais de saúde mental, com suas críticas populares e mesmo com sua leitura peculiar, sem rigor, dos processos psicanalíticos. Em resumo, a cidade usa a psicanálise que lhe convém, isto é, aquela que responde ou ajuda a responder seus problemas é a verdadeira psicanálise. Também a psicanálise resiste, e deve mesmo resistir, a todos os apelos da cidade, para não se transformar a ponto de apenas responder às suas demandas e não mais lhe propor novas questões. Atendendo a todos os apelos populares, sem rigor epistemológico, clínico e ético, a psicanálise corre o risco de perder sua identidade e se transformar numa terapêutica qualquer, concorrendo com religiões, doutrinas ou ideologias. Neste aspecto, o rigor é o legado mais importante dos processos de institucionalização da psicanálise, porque em geral, institucionalização implica em algum tipo de rigor epistemológico, clínico e ético.

E também não se trata de dizer que, por as psicanálises serem múltiplas, qualquer psicologia seria psicanálise. O critério adotado nesta tese é o proposto por Renato Mezan (2014, p. 31):

> Torna-se simples compreender no que essas escolas são derivações da matriz freudiana: em sua metapsicologia, elas preservam a descoberta básica de Freud, o inconsciente, e a ideia fundamental do conflito psíquico; em sua teoria do desenvolvimento, mantém a ideia essencial da permanência do infantil no psiquismo adulto; em sua teoria do

> funcionamento normal e patológico, operam com a categoria basilar de defesa, em consequência da qual o sintoma se define como compromisso entre forças psíquicas opostas; na forma de conduzir o processo analítico e de refletir sobre ele, trabalham com os processos e com os conceitos de transferência e de resistência, em virtude do que utilizam como meio privilegiado de intervenção terapêutica a interpretação do discurso produzido durante a sessão.

Assim, somente quando são atendidos os critérios acima, apresentados por Mezan, é possível se situar na concepção de *atravessamento de paradigmas* na formação do psicanalista, proposta por Luís Cláudio Figueiredo (2009). Não há, nesse sentido, atravessamento de paradigmas entre Freud e Jung, ou entre Freud e o Behaviorismo, por exemplo. A proposta de *atravessamento de paradigmas* é utilizada para exemplificar certa relação que eu intuo entre referencial histórico e cultural no estudo da psicanálise e o tipo de clínica praticada. Desde o momento inicial da pesquisa até hoje me parece haver um tipo de clínica quando há e outro quando não há este referencial. É possível e necessário atravessar paradigmas tanto para pensar e praticar a clínica psicanalítica como para pensar e praticar a história da psicanálise. E ainda mais. A história da psicanálise pode ser ao mesmo tempo *instrumento para* e *corolário de* um atravessamento de paradigmas, entendido também como possível resposta cultural da psicanálise contemporânea aos dogmas, à unificação empurrada e à obediência irrestrita da psicanálise da era das escolas. Vale reafirmar que o conhecimento histórico da psicanálise, seja a história dos conceitos, a história das práticas ou o conhecimento da cultura sobre a qual a psicanálise circula na cidade pode dotar o psicanalista de um arsenal de leitura que não lhe é possível manusear se a psicanálise for por ele pensada em termos de segregação entre uma verdadeira psicanálise (a que ele pratica) e uma psicanálise corrompida (a que os outros praticam). Quando a história da psicanálise é vinculada a uma orientação teórica apenas, ela não tenciona nem entende as inevitáveis divergências. Apenas, ou as exclui ou as dilui, para focalizar o seu ponto de vista e, em regra, acentuar a sua importância. Assim praticada, ela é menos contribuição para a reflexão e mais um sintoma analisável da relação das forças que compõem o campo.

3. *ESPLÊNDIDO ISOLAMENTO* E *RESISTÊNCIAS À PSICANÁLISE* NA HISTORIOGRAFIA CLÁSSICA PSICANALÍTICA

Na historiografia clássica psicanalítica, no que diz respeito às consequências das estratégias políticas utilizadas por Freud, é interessante observar que a história da saga do herói relatada por Freud moldou a obra do psicanalista inglês, Ernest Jones, atuante no processo de institucionalização da psicanálise, *A vida e a obra de Sigmund Freud*, publicada em três volumes entre 1952 e 1957. Essa obra, tributária da concepção de história presente em *A história do movimento psicanalítico*[2], escrita por Freud em 1914 funda, nos termos de Roudinesco e Plon (1998), a história oficial da psicanálise, amparada pela ortodoxia da IPA e influente durante muitos anos em diversas obras da historiografia psicanalítica, inclusive a brasileira.

Roudinesco e Plon (1998, p. 346) bem apresentam o livro de Jones como um monumento da história oficial no qual;

> vemos o personagem central evoluir desde a infância qual um herói lendário, permanentemente cônscio de sua genialidade, que inventa uma doutrina a partir do nada das falsas ciências e, em seguida, separa-se com dor de seus maus discípulos, ora renegados, ora desviantes, com exceção do mais fiel dentre todos: o próprio Jones.

Esse modo de narrar a história influencia visivelmente o modo pelo qual foram construídas boa parte das narrativas sobre a história da psicanálise brasileira. O primeiro texto de história da psicanálise no Brasil, *Conceito e história da psicanálise*, escrito em 1928 por Júlio Pires Porto-Carrero (1887-1936), mais que tributário de *A história*, é quase uma cópia, acrescida de uma maior explicação dos conceitos e de uma parte dedicada a nomes de psicanalistas brasileiros. O livro de Porto-Carrero (1932, p. 16) insere, como marca inicial da historiografia psicanalítica brasileira a ideia de Freud como o herói lendário isolado:

---

[2] Este é o título para a tradução mais conhecida no Brasil, a *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, editada pela Imago e apoiada principalmente na Edição Standard Inglesa. No entanto, as citações utilizadas neste capítulo são de tradução mais recente, direta do alemão, efetuada por Paulo César de Souza, para a Companhia das Letras, cujo título para o mesmo texto é *Contribuição à história do movimento psicanalítico*. A partir deste momento, neste capítulo, este texto será referido apenas como *A história.*

> Mas esse homem de infrangível coragem não se rendeu, não se deixou abater. Aproveitou o isolamento para trabalhar, pesquisar, escrever. Data daí a Interpretação dos Sonhos. (sic)

E, além disso, ao modo de Freud, Porto-Carrero usa também a explicação psicanalítica dos conflitos políticos para explicar as dissidências de Bleuler, Jung, Stekel e Adler. Para Porto Carrero (1932, p. 21) a divergência de Adler, por exemplo,

> teve por motivo, afinal o desejo de desligar-se da tutela do mestre. Dotado de egolatria consideravel, sucedeu-lhe o que a todos nos sucede: uma vez desenvolvidos, adultos, eguaes ao pai proclamamos a nossa independência. Adler fez assim o seu rancho á parte. (sic)

Muito tempo depois, *o esplêndido isolamento* seria usado também na historiografia brasileira, principalmente a ligada à IPA. No Brasil, Roberto Sagawa alça ao papel de herói isolado, só que, talvez, mais triste e menos corajoso que Freud apresentado por Porto-Carrero, o psicanalista paulistano Durval Marcondes. Sagawa (1992, p.86) toma o depoimento de Marcondes, como testemunho da verdade:

> Aí é que começou um período triste da minha vida, porque em nosso meio a resistência àquelas ideias e ao emprego daquela técnica era tal que era quase insuportável. Eu costumo dizer, brincando: eu não sei como é que não fiquei completamente louco; só fiquei um pouquinho. Porque me vi cercado de todas as agressões, de todas as ofensas, de todos os empecilhos, de todas as dificuldades. Tal resistência à psicanálise acho que não houve em nenhum lugar do mundo como em São Paulo.

Dada a influência da narrativa de Freud no modo como os próprios psicanalistas conhecem, constroem e divulgam a psicanálise e sua história, e para debatermos e conhecermos parte dos processos políticos, os modos de legitimação e as estratégias de poder atuantes neste período rico que compõe o limiar da institucionalização da psicanálise, empreendeu-se o estudo a seguir.

Com foco em três momentos importantes do processo de institucionalização da psicanálise: a organização da *Sociedade psicológica das quartas-feiras*, a formação do *comitê secreto* e a publicação do artigo *A história do movimento psicanalítico*, pretende-se lançar luz sobre não só a singularidade das origens da institucionalização da psicanálise, mas sobretudo sobre os sistemas de relações entre os agentes do campo psicanalítico

nascente. Também se buscará elucidar as condições e os critérios de pertencimento e de hierarquia e as maneiras de legitimar justamente o pertencimento dentro do campo psicanalítico, além da posição do criador na estrutura do campo intelectual. Por fim, a ideia essencial é que a configuração do campo psicanalítico teve um agente privilegiado, o próprio Freud, que não desconhecia as relações complexas do campo psicanalítico e as formas de ação para legitimar o seu poder concreto e a sua autoridade simbólica, embora tenha adotado um discurso de certa ingenuidade que enfatizava a solidão da sua descoberta e o acaso do seu sucesso, que imprimiram a outros textos da historiografia clássica da psicanálise, as ideias de *esplêndido isolamento* e *resistências à psicanálise*, que insistentemente repetidas foram incorporadas como verdades pouco questionáveis da história da psicanálise.

Não se fala, ou pelo menos não se objetiva falar, em *campo* ao acaso. Se a anteriormente citada noção de *cultura psicanalítica* parece bem se adequar aos processos mais livres da recepção da psicanálise na cultura, ainda distante dos processos mais rígidos, e mais políticos *stricto sensu*, de institucionalização, o conceito de *campo* proposto e utilizado como instrumento de análise por Pierre Bourdieu (1930-2002) em diversos momentos de sua obra parece melhor se adequar, justamente, nestes processos instituintes. A definição escolhida é a de campo intelectual e foi construída por Bourdieu (1968, p.105) em *Campo intelectual e projeto criador*: "sistema de linhas de força: isto é; os agentes ou sistemas de agentes que o compõem podem ser descritos como forças que se dispondo, opondo e compondo, lhe conferem sua estrutura específica num dado momento de tempo". Também se entende que quando Bourdieu (2011, p.32) em *Homo academicus* afirma que todo campo é "o lugar de uma luta para determinar as condições e os critérios de pertencimento e hierarquia legítimos, isto é, as propriedades pertinentes, eficientes, próprias a produzir, funcionando como capital – os benefícios específicos assegurados pelo campo", tem-se bons critérios para pensar os processos de institucionalização na configuração do campo psicanalítico.

O período selecionado para análise está situado na primeira fase do processo de institucionalização da psicanálise, entre 1902 e 1914, e inicia com a organização da Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras, espécie singular de grupo de pesquisas sobre psicanálise formado em torno de Sigmund Freud (1856-1939), e termina quando Freud publica *A história do movimento psicanalítico*, escrito entre janeiro e fevereiro, e

publicado no *Anuário de Pesquisas Psicanalíticas e Psicopatológicas*, que tinha Freud como um dos seus diretores e Carl Gustav Jung (1875-1961) como editor-chefe.

3.1 Sociedade Psicológica das Quartas-feiras

Um dos corolários de *A interpretação de sonhos*, obra inaugural da psicanálise, publicada em 1899, mas datada pelo seu editor em 1900, é propiciar o começo do processo de institucionalização da psicanálise. Mesmo que o livro tenha sido recebido com certa indiferença em Viena, segundo o relato dramatizado de Freud (2012/1914, p. 266) em *A história***,** foi depois de sua publicação que quatro médicos se reuniram em torno de Freud, no ano de 1902, para "aprender, praticar e difundir a psicanálise".

Os apontamentos de Peter Gay (1989, p. 111) confirmam, apenas em parte, a solidão de Freud. Ela era antes talvez alimentada pela alta expectativa de que "haveria uma gritaria escandalizada, uma verdadeira tempestade sobre ele." Ainda segundo Gay (1989, p.142), embora *A interpretação de sonhos* tivesse sido notado após certa demora, "tanto em Viena como no exterior, recebeu algumas críticas favoráveis e até entusiásticas".

Wilhelm Stekel (1868-1940) foi o idealizador do grupo. Os outros três médicos vienenses eram Max Kahane (1866-1923), Rudolf Reitler (1865-1917) e Alfred Adler.

O encontro destes cinco homens judeus[3] marca o início da configuração do campo psicanalítico. Freud, ao narrar este período em *A história*, apaga o nome do idealizador e de todos os membros fundadores e sequer precisa o número inicial de participantes. A retirada do nome dos quatro participantes iniciais da Sociedade das Quartas-Feiras pode não parecer algo de maior relevância, no entanto, o artifício reforça o argumento de que Freud narrava em *A história do movimento psicanalítico* a história que lhe era mais conveniente. E cabe lembrar que no momento em que escrevia *A história*, Adler e Stekel eram, nesta ordem, os dois primeiros dissidentes da história da psicanálise, segundo Roudinesco e Plon (1998, p. 728).

Para Adler, Freud reserva a segunda crítica mais forte de *A história* (a primeira é para Jung). Freud se defende da acusação de Adler de que Freud o "perseguia", alegando

[3] Em 1904, porém, Adler se converteria ao protestantismo.

que após a fundação da Sociedade de Viena, lhe passara a direção do Grupo escrevendo que “somente os insistentes pedidos de todos os aliados me convenceram a retomar a presidência nas reuniões científicas” (FREUD, 2012/1914, p.305).

Peter Gay (1989, p. 209) tem leitura diferente dos motivos de Freud tanto no que diz respeito a ter dado a Adler a direção da Sociedade de Viena, quanto por ter lhe retirado do posto. Ele aponta a falsidade do argumento e mostra a nomeação de Adler como parte das

> suas manobras para organizar o movimento psicanalítico de acordo com os seus desejos de longo alcance. Seus esforços posteriores para aplacar os egos que ferira foram igualmente políticos: mostram Freud enquanto diplomata, bem diferente do militante. (...) Freud em política era o verdadeiro político, mais tortuoso do que no resto do seu comportamento, e suas lutas com Adler trouxeram à tona todos os seus dotes latentes para navegar entre forças em conflito e continuar seguindo seu programa.

As reuniões que aconteciam nas noites de quartas-feiras, na casa de Freud, no famoso endereço Berggasse 19, em Viena, aos poucos e muito lentamente, segundo Peter Gay (1989, p.137) e rapidamente segundo Kupermann (1996, p.43), foram recebendo outros interessados em discutir a teoria psicanalítica. E não eram apenas médicos, Freud apreciava “particularmente os leigos temendo que a psicanálise pudesse virar um monopólio de médicos” (GAY, 1989, p.172).

A configuração do campo psicanalítico, iniciada através da Sociedade das Quartas-Feiras, indubitavelmente, uma associação singular para a reflexão científica, parece refletir nos primórdios institucionais a complexa relação que a psicanálise, desde antes da institucionalização, sempre manteve entre o sujeito que pesquisa e o objeto pesquisado e também entre o normal e o patológico. Uma curiosidade voltada tanto para o mundo como para si próprio que direciona a psicanálise envolve também os homens de quarta-feira. Segundo Roudinesco e Plon (1998, p. 719),

> Todas as vezes que se encontravam, ao falar de seus casos clínicos, suas utopias ou sua aspiração a um novo mundo, e do inconsciente, do sonho, ou da sexualidade, estavam também se referindo a seus próprios problemas, a sua vida privada e a seus amores. O que os impelia a compreender o semelhante era uma curiosidade a respeito deles mesmos, de sua infância, seus pais, sua identidade.

Roudinesco e Plon (1998, p. 719) enfatizam certa relação entre os "homens das quartas-feiras" e o mundo do seu tempo, ou talvez até a relação destes homens com a Viena, ou a *Mitteleuropa* do seu tempo: ambos "dilacerados por conflitos". Para eles, "ligados por uma insatisfação comum em relação à ciência de sua época, os homens das quartas-feiras forneciam uma imagem bastante fiel da cultura da *Mitteleuropa*". Os pesquisadores, além disso, criticam a historiografia psicanalítica que desconsidera esta influência da cultura da *Mitteleuropa* na formação da psicanálise, principalmente o próprio Freud (2012/1914) em *A história* e Ernest Jones (1989), em *A vida e obra de Sigmund Freud*, em troca do endosso à ideia ou ao "mito da autogeração da psicanálise por seu valoroso fundador" (ROUDINESCO E PLON, 1998, p.345).

A singularidade da Sociedade das Quartas-Feiras, no entanto, não a desprovia de regras desde o início da sua constituição. Kupermann (1996, p. 43) sistematiza o que seria a formalização das reuniões de quarta-feira, em três características principais:

> 1) a obrigatoriedade da fala – toda pessoa presente às sessões era obrigada a participar das discussões, "sem ter direito de ler os papéis preparados com antecedência"; 2) auto-exposição científica – havia um incentivo para expor no grupo, com fins de ilustração e análise, os problemas, fracassos, questões sexuais, enfim, distúrbios neuróticos; 3) a palavra final e decisiva era de Freud.

A natural centralização em torno de Freud, que incluía a palavra final e decisiva no grupo, parece também excluir Freud da auto-exposição científica. Para Freud, a exposição poria sua autoridade em risco. O melhor exemplo disso é o posterior episódio famoso envolvendo Jung, que Peter Gay (1989, p. 215-26) apresenta como um relato de Jung, e que talvez por isso, o historiador nem endossa, nem nega a história.

> Jung havia interpretado um dos sonhos de Freud da melhor forma que podia, sem entrar em maiores detalhes sobre a vida privada de Freud. Freud se absteve de fornecê-los, observando Jung com desconfiança e objetando que ele pessoalmente não poderia ser analisado; isso poria sua autoridade em risco. Jung lembrava que essa recusa soara o dobre de finados para o poder de Freud sobre ele. Freud, o apóstolo auto-proclamado da honestidade científica, estava colocando a autoridade pessoal acima da verdade.

Mas o exemplo de Jung, da forma como Freud exercia sua autoridade não é único. Na citação abaixo, Peter Gay (1989, p. 207) refere-se ao que chamou *máquina política* de Freud. Ele cita o desconforto de outro suíço Eugen Bleuler (1857-1939), com a

maneira com que Freud conduzia o processo de institucionalização da psicanálise e cita seu discurso na ocasião em que renunciou, em 1911, à Associação Psicanalítica Internacional:

> A desconfortável impressão de que Freud estava montando uma máquina política estritamente controlada, fazia-o hesitar em sua postura em relação à instituição que Freud vinha construindo. Este "quem não está conosco está contra nós, este tudo ou nada" é necessário para as comunidades religiosas e útil para os partidos políticos. Aí posso entender o princípio como tal, mas para a ciência considero-o pernicioso. (1989, p.207)

Carl Jung e os outros "suíços": Eugen Bleuler, Max Eitingon (1881-1943), Ludwig Binswanger (1881-1966) e Karl Abraham, ligados à reconhecida clínica Burghölzli, em Zurique, são figuras importantes na internacionalização da psicanálise.

Os "suíços" representavam para Freud possibilidade concreta de internacionalização da psicanálise e tornaram-se o "núcleo da pequena falange que lutava pelo reconhecimento da psicanálise." (FREUD, 1914/2012, p. 272). A mudança do centro da psicanálise de Viena para Zurique seria uma mudança para uma cidade mais importante, sobretudo dada a importância da clínica de Burghölzli, e ajudaria a retirar da psicanálise, a pecha de ciência judaica. (KUPERMANN, 1996, p. 53). Além disso, os médicos jovens e talentosos, contrastavam com a incapacidade que Freud via em seus seguidores vienenses. "Todos os meus vienenses, não vão chegar a nada, exceto o pequeno Rank." (GAY. 1989, p. 175)

As diferenças de capacidade teórica talvez tenham acentuado ainda mais as divergências já existentes no grupo. Porque quando contava com 22 membros ativos, em 1907, Freud anunciou a dissolução da Sociedade Psicanalítica das Quartas-Feiras, através de uma carta a todos os membros. Na verdade, a carta datada em 22 de setembro de 1907, propunha a dissolução e a imediata reconstituição da Sociedade. Aqueles que quisessem renovar a sua participação no grupo deveriam, portanto, reafirmar o seu desejo. Daniel Kupermann (1996, p.47) lembra que com o expediente Freud estaria;

> aliviando uma tensão quase insuportável no grupo. O alívio viria com o afastamento de alguns participantes com os quais Freud estava em conflito. Através deste dispositivo, Freud voltaria a se sentir dono da situação, porém de uma forma bastante singular.

Jones (1989, p.25) considera a carta como um exemplo da "delicadeza de sentimentos e da consideração" de Freud em relação aos seus discípulos. Por outro lado, Phyllis Grosskurth *apud* Kupermann (1996, p. 36), considera que Freud "para quem o grupo não era mais do que a tábua de ressonância para as próprias ideias – impõe a dissolução incomodado pela *desordem democrática* que passou a reger o seu funcionamento".

Estratégia freudiana em busca de institucionalização formal, tal como esta dissolução é pensada por Roudinesco e Plon (1998) parece solução razoável que talvez não desconsidere as opiniões de Jones e Grosskurth. No ano seguinte, 1908, de fato, a Sociedade das Quartas-feiras se transformaria na Sociedade Psicanalítica de Viena, a *Wiener Psychoanalytische Vereinigung* (WPV).

Em *A história*, Freud (2012/1914, p. 270) confirma, em parte, certo conflito na Sociedade das Quartas-feiras. Em parte porque ele aponta o conflito entre os membros, mas não se inclui entre os conflitantes. E, além disso, Freud arrisca uma explicação para divergências que usa com bastante frequência e, que consiste em comparar os psicanalistas com os pacientes em análise. Assim, ele aponta as discordâncias como resistências. Eis um exemplo do expediente de Freud (2012/1914, p. 302-3):

> A decepção que eles (dois movimentos de separação) me causaram poderia ter sido evitada, se eu tivesse atentado melhor para os processos que ocorrem nas pessoas que se acham em tratamento analítico. Eu compreendia muito bem que alguém recorresse à fuga ao se defrontar com as desagradáveis verdades psicanalíticas, e sempre afirmara que a compreensão de cada um é estorvada por suas próprias repressões (ou seja, pelas resistências que as mantém), de modo que ele não vai além de determinado ponto em sua relação com a análise. Mas eu não esperava que alguém, tendo compreendido a análise em certa profundidade, pudesse novamente perder ou renunciar à sua compreensão. E, no entanto, a experiência diária com os doentes havia mostrado que a total rejeição dos conhecimentos analíticos pode acontecer a partir de qualquer camada mais profunda em que se ache uma resistência especialmente forte, ainda que tenhamos conseguido, mediante exaustivo trabalho, que o paciente aprendesse artes do saber analítico e as manejasse como possessão própria, podemos ainda vê-lo, sob o domínio da resistência seguinte, lançando pelos ares tudo o que foi aprendido e defendendo-se como em seus dia de iniciante. Eu iria aprender que com os analistas pode suceder exatamente o mesmo que com os pacientes em análise.

3.2 Comitê Secreto

Uma das estratégias mais curiosas de legitimação do poder, da definição da hierarquia e das relações entre os agentes atuantes na configuração do campo psicanalítico é a formação do *Comitê Secreto*, em 1912. O *Comitê* ou *Ring*, seus outros epítetos, foi criado por iniciativa do britânico Ernest Jones (1879-1958) e do húngaro Sándor Ferenczi (1873-1933), estrangeiros como os suíços que haviam se incorporado fortemente ao movimento psicanalítico.

O pano de fundo para a criação do *Comitê Secreto*, criado para defender secretamente a "causa" psicanalítica e que tinha por compromisso "não se afastar dos princípios fundamentais da teoria psicanalítica sem antes submeter seus pontos de vista aos membros restantes do grupo" (Kupermann, 1996, p.65), era a relação desgastada e a iminência de ruptura entre Freud e Jung, então presidente da IPA, a *Associação Internacional de Psicanálise* criada em 1910, no Congresso de Nuremberg. Justamente Jung que fora, em Nuremberg, estrategicamente colocado no cargo de presidente por Freud, contando com a colaboração incisiva de um artigo de Ferenczi, intitulado *Sobre a história do movimento psicanalítico.*

Freud aceitou com entusiasmo a iniciativa de Jones e Ferenczi, acentuou a necessidade de "estrito segredo" e da união formar-se "independentemente dos presidentes eleitos" da IPA (Gay, 1989, p. 220) e, além disso, sugeriu os outros nomes que ao final da primeira reunião, receberiam dele um entalhe grego de sua coleção de antiguidades para posterior adaptação a um anel de ouro (o anel que Freud usava tinha a cabeça de Júpiter como entalhe) que selaria esta nova aliança.

O melhor exemplo da atuação política do Comitê, segundo Daniel Kupermann, (1996, p. 67) ocorreu no Congresso de Munique, em 1913;

> Haveria nova eleição para a presidência da IPA e, com o contingente de Zurique apoiando-o, Jung seria reeleito. Abraham propôs então que os membros do Comitê, bem como seus respectivos grupos, expressassem sua desaprovação por Jung formando um bloco de abstenção. Como resultado dessa pressão, 22 dos 52 participantes do Congresso não votaram. Além disso, todos os membros do Comitê apresentaram trabalhos contendo críticas às teorias de Jung. Mesmo reeleito, Jung saiu do Congresso enfraquecido, seja politicamente, seja no registro teórico. Logo após o Congresso, Jones escreveu uma carta, esperançoso de que Freud estivesse gratificado em ver que dessa vez teve uma guarda-

> pessoal ativa para assisti-lo. A partir desse Congresso, enquanto existiu (até 1927), o Comitê escolheria os futuros presidentes da IPA.

No exemplo do Comitê, portanto, havia a disputa por poder em um campo reconhecido por todos os agentes e ao mesmo tempo, havia a disputa clandestina na qual as ações repercutiam tanto no campo reconhecido como no clandestino. Neste caso, aqueles que detinham o poder simbólico e concreto (os membros do Comitê) sabiam minimamente quais eram os aspectos em jogo na eleição da IPA e tinham um ponto de vista ampliado em relação àqueles que não detinham este poder, no que diz respeito à realidade e ao futuro do seu espaço no campo psicanalítico.

3.3 Bomba

No mesmo ano de 1914, ano da eclosão da primeira guerra mundial, que iniciaria em julho, Freud lançava a sua bomba aos adversários da *sua* psicanálise. Bomba era o apelido "carinhoso" dado por Freud em cartas íntimas trocadas com amigos e colaboradores (GAY,1989, p.229) ao artigo *A história.* Os alvos da bomba eram, principal e justamente, Alfred Adler (1870-1937) e Jung, seus antigos colaboradores próximos e agentes fundamentais do processo de institucionalização da psicanálise, que manifestaram discordância sobre aspectos teóricos da psicanálise freudiana.

A publicação de *A história* é uma espécie de ponta de iceberg para o pesquisador. O artigo, que condensa a visão do agente mais importante no processo de configuração do campo psicanalítico, é a ponta visível, o produto final de um processo bem mais longo, seja ele considerado em 1902, com o início da institucionalização da psicanálise, seja ele considerado em 1907/1908 com o aparecimento das divergências mais fortes entre Freud e colaboradores próximos e importantes. Nele Freud apresenta a sua versão de diversos fatos relativos a institucionalização e internacionalização da psicanálise, em tom bélico e panfletário (GAY,1989, KUPERMANN, 1996) cuja tática eivada pela omissão do nome de desafetos, críticas sutis e explícitas a adversários, elogio e apoio para seguidores fiéis é formatada em uma narração, não raro, autoindulgente e auto-heroica (de um homem solitário tal qual um Robinson Crusoé). Diz Freud (2012/1914, p.265-66):

> Enquanto isso, arranjei-me em minha ilha solitária da melhor maneira possível, como havia feito Robinson. Quando olho para aqueles anos solitários a partir das atribulações e confusões do presente, parece-me que foram um belo tempo heroico; a *splendid isolation* não deixava de ter seus atrativos e vantagens. Eu não precisava ler artigos nem ouvir oponentes mal informados, não me sujeitava a influências nem me expunha a pressões.

É curioso que Freud tenha recorrido à narração histórica para proteger a psicanálise de desvios e promover tanto uma institucionalização quanto uma internacionalização, sob seu ponto de vista, seguras**.**

Curioso expediente porque mostra a narrativa histórica como instrumento de manifestação e continuidade de poder, e curioso também porque o êxito da bomba de Freud foi muito além do que, provavelmente, ele podia vislumbrar com a redação do artigo. Freud sedimenta o discurso do *esplêndido isolamento* e *resistências à psicanálise* como parte do processo de difusão da psicanálise e influencia boa parte da historiografia da psicanálise.

Com *A história*, Freud lançava bases sólidas a fim de manter a institucionalização da psicanálise a seu modo por muito tempo. Seu sucesso neste ponto foi, inclusive, para além de sua morte. Talvez porque Freud foi muito transparente ao deixar claro quem sabe o que é psicanálise e quem define as regras do jogo, tanto no plano teórico quanto no plano institucional. E este posicionamento deixou marcas duradouras, muito além da sua morte, sobre o seu papel na organização da psicanálise. Seu nome, que já seria fundamental de qualquer forma, adquiriu capital simbólico ainda maior. Havia, então, um documento legítimo, assinado pelo criador da ciência, que quase dizia, à la Luís XIV: *La psychanalyse c´est moi!* O primeiro parágrafo de *A história* é bom exemplo da maneira direta e clara com que Freud apresenta os seus propósitos. Abaixo, a epígrafe e o primeiro parágrafo da primeira parte do artigo.

> *"Fluctuat nec mergitur",* [cuja tradução é "Balança, mas não afunda"] (No brasão da cidade de Paris). Se nestas páginas ofereço uma contribuição à história do movimento psicanalítico, ninguém deve se admirar de seu caráter subjetivo e do papel que nela cabe à minha pessoa. Pois a psicanálise é criação minha, por dez anos eu fui o único indivíduo que dela se ocupou, e foi sobre mim que recaiu, em forma de crítica, toda a irritação provocada por seu aparecimento. Penso ter o direito de sustentar que ainda hoje, quando há muito já não sou o único analista, ninguém pode mais do que eu saber o que é a psicanálise, como ela se distingue de outras maneiras de estudar o inconsciente e o que merece ter

> seu nome ou deveria receber outra designação. Ao assim repudiar o que me parece uma ousada usurpação, também informo indiretamente aos nossos leitores sobre os acontecimentos que levaram às mudanças na direção e apresentação deste Anuário. (FREUD, 2012/1914, p. 246)

O artigo, que para Gay (1989, p.229.), é "um útil repositório para a raiva de Freud", é dividido em três partes. Toda a primeira parte é uma elegia do herói solitário, que se consolava com o "vácuo em torno da sua pessoa", pois sabia que "havia assumido a luta por uma ideia nova e original". (FREUD, 2012/1914, p.253). Nesta parte Freud reassume a paternidade sobre a psicanálise que cinco anos antes ele havia, exageradamente, dado a Josef Breuer (1842-1925), por ocasião de Conferências dadas nos Estados Unidos. Na segunda parte, Freud narra a saída do esplêndido isolamento e apresenta a sua versão da institucionalização, crescimento e internacionalização do movimento psicanalítico. A parte final é dedicada, principalmente ao debate com Adler e Jung.

3.4 Um estudo autobiográfico

Segundo Roudinesco e Plon (1998, p.345), *A história* é o primeiro trabalho histórico sobre a psicanálise e o segundo é *Um estudo autobiográfico*, escrito em 1924 e publicado em 1925. O último artigo pouco acrescenta ao primeiro. Se Freud iniciava *A história* com as suas relações com Josef Breuer, em *Um estudo autobiográfico*, ele retrocede e fala da sua trajetória intelectual desde seu nascimento. É bem conciso, porém, e, de forma similar ao artigo *A história*, enfoca a cronologia dos conceitos da psicanálise. Como Freud não se dirige a adversários pontuais, o tom de *O estudo autobiográfico* é bem menos beligerante, mas nem por isso, ele deixa de recorrer ao seu expediente auto-heroico. O período do "esplêndido isolamento" é novamente retomado:

> Por mais de dez anos após meu afastamento de Breuer, não tive seguidores. Fiquei completamente isolado. Em Viena, fui evitado; no exterior, ninguém me deu atenção. Minha *Interpretação de sonhos*, vinda a lume em 1900, mal foi objeto de críticas nas publicações técnicas. (...) Logo que percebi a natureza inevitável daquilo com que me defrontara, minha sensibilidade diminuiu grandemente. Além disso, meu isolamento gradativamente chegou ao fim. Para começar, um pequeno círculo de alunos reuniu-se em torno de mim em Viena; e então, depois de 1906,

> chegou a notícia de que os psiquiatras de Zurique, (...) estavam adquirindo vivo interesse pela psicanálise. (Freud, 1925/1996, p. 52)

É possível observar na nota acima que Freud novamente insiste na narrativa do herói isolado em seu tempo lutando contra o mundo que não lhe compreende. Se em *A história* os dez anos de isolamento eram compreendidos, talvez entre 1892 e 1902, agora era transposto para o decênio 1896-1906.

3.5 A história esquecida de Ferenczi

Curioso também é o fato de Roudinesco e Plon (1998) desconsiderarem, entre os primeiros textos de história da psicanálise, o artigo de Sándor Ferenczi *Sobre a história do movimento psicanalítico* escrito, provavelmente em 1910 ou pouco antes, para o II Congresso de Psicanálise em Nuremberg e que visava propor aos participantes a fundação da Associação Psicanalítica Internacional. Proposta, aliás, aceita pelos participantes.

Curioso o esquecimento porque repete um esquecimento mais importante que aconteceu com o psicanalista húngaro e que Roudinesco e Plon (1998, p.234-35) creditam, em parte, à biografia de Ernest Jones sobre Freud que lançou uma injustiça flagrante contra Ferenczi ao chamá-lo de psicótico e paranoico delirante (a respeito do que seria uma inexistente hostilidade de Freud em relação a ele) contribuindo deste modo a desmerecer a sua obra e a lançá-la no esquecimento durante anos. Justamente Ferenczi que havia sido descrito por Freud (2012/1914 p.281), em *A história*, em nota acrescentada em 1923, como o único colaborador da Hungria, mas que sozinho, "equivale a uma sociedade inteira." É que Jones aludia principalmente aos escritos de Ferenczi do final da década de 1920, quando este começou a questionar Freud e eles romperam, ou quase, porque Ferenczi, ao contrário de Jung não foi obrigado a abandonar o uso do nome psicanálise.

O artigo de Ferenczi publicado pela primeira vez em 1911 é tão beligerante quanto *A história* de Freud, ou mais. Neste trabalho, o que realmente importa destacar no que talvez seja o primeiro texto sobre história da psicanálise é que o artigo antecipa a tese explorada por Freud em *A história* e nomeia claramente a primeira época da psicanálise como "época heroína". Apresento a longa descrição empolgada que Ferenczi (2011/1911, p.168) faz sobre esta época,

> representada por esse dez anos em que Freud sustentou sozinho o combate travado contra ele por todos os meios e de todas as partes. A maioria, sem dúvida, adotou o método solidamente provado do silêncio; mas outros optaram pelo sarcasmo, o desprezo ou a calúnia. Os amigos de outrora, e mesmo um antigo colaborador, abandonaram-no, e o maior cumprimento que lhe concederam foi o de ver um tal talento ser vítima de um tamanho erro. Neste ponto do nosso balanço não podemos – sem falsa indiferença – deixar de exprimir a nossa admiração por Freud que, sem se preocupar com os atentados cometidos contra a sua dignidade, inabalável diante dos ataques rancorosos, e apesar da decepção sensível que lhe causaram seus amigos, continuou progredindo no caminho que considerava correto. Podia dizer com o humor amargo de um Leônidas: que eu possa, pelo menos, trabalhar em paz, à sombra da ingratidão. Assim, esses anos lhe serviram, pois, para o amadurecimento de ideias imperecíveis e a redação de obras imortais.

3.6 A estratégia da resistência

Não se trata de argumentar que Freud tenha sido um mentiroso ou cientista desonesto quando se refere ao seu "esplêndido isolamento", tampouco que não tenha enfrentado resistências. O jogo é bem mais complexo e o que realmente importa aqui é que, consciente ou não, do seu exagero em lamentar e propagandear o seu isolamento, Freud construiu uma estratégia de difusão do seu pensamento, ou seja, da institucionalização da psicanálise, que desconsidera todas as lutas entre os agentes e despolitiza a história.

Na história da psicanálise narrada por Freud, a complexidade das relações entre os agentes do processo é substituída pelo acento dado a uma narrativa linear de um herói contra um mundo não receptivo, inóspito e incapaz de aceitar uma verdade que lhe é dolorosa. Freud, pelo menos no campo institucional, parece saber que não é somente isso. Por isso, não se resignou ao "destino" que seria obter reconhecimento cientifico em um momento posterior em que o mundo enfim estivesse preparado para lhe dar este reconhecimento. Freud (2012/1914, p. 265) assim narra como imaginava este destino:

> provavelmente eu conseguiria me manter graças aos êxitos terapêuticos do novo método, mas a ciência não tomaria conhecimento de mim durante meu tempo de vida. Algumas décadas depois, um outro depararia inevitavelmente com as mesmas coisas para as quais a época não estava antes madura, obteria reconhecimento e me prestaria homenagem como precursor necessariamente malogrado.

Freud também não se resignou à luta simbólica ou idealizada no campo intelectual, mero “debate honesto e franco de ideias”. Assim, Freud bem se posiciona na luta por reconhecimento travada no dia a dia dos acontecimentos, no concreto do campo envolvendo diversos agentes e não apenas no etéreo do ideal, envolvendo apenas um herói. Os métodos por ele utilizados para estabelecer a sua hegemonia, para impor com força o seu discurso e para centralizar o seu poder denunciam esta posição.

O seu embate era no campo cientifico, mais precisamente no campo psiquiátrico de sua época, como se observa no texto de 1933, *A questão de uma Weltanschauung.* E não é incomum que uma nova ideia no campo da ciência seja recebida com ressalvas, com desconfiança ou com forte oposição.

A estratégia mais significativa de Freud, porém, não é apenas repetir e alardear o seu isolamento, é interpretá-lo, não raro, à luz da psicanálise e não, por exemplo, como algo comum do campo científico. A estratégia verificada por Freud, tanto em *A história* como em *Um estudo autobiográfico* é encaminhar o raciocínio conjuntamente entre a descrição do isolamento e a explicação psicanalítica amparada no conceito de resistência. Muito apropriadamente Laplanche e Pontalis (1999, p.458) definem o conceito, com a mesma extensão que Freud o utilizava:

> chama-se resistência a tudo o que nos atos e palavras do analisando, durante o tratamento analítico, se opõe ao acesso deste ao seu inconsciente. Por extensão, Freud falou de resistência à psicanálise para designar uma atitude de oposição às suas descobertas na medida em que elas revelavam os desejos inconscientes e infligiam ao homem um “vexame psicológico”. (grifo no original)

Os adversários de Freud são psicologicamente incapazes de aceitar as suas teorias. Freud usa o mesmo argumento a rodo, ele pega tanto os adversários de fora quanto os de dentro da psicanálise. É uma espécie de argumento circular que prende os adversários. Principalmente os de dentro da psicanálise. Ora, como um psicanalista vai conseguir debater com Freud se, não raro, pode estar ele meramente resistindo à psicanálise? Em geral, duas respostas são possíveis: ou ele desiste e se afasta, ou não discute com o mestre.

Estratégia que alcançou os seus seguidores, como nos apontaria muito tempo depois Kupermann (1996, p. 62) que, ao analisar uma carta ente Jung e Freud, aponta uma

“tendência entre os psicanalistas de analisar toda produção teórica divergente do estabelecido por Freud pelo prisma da neurose pessoal”.

Claramente, muito mudou desde a publicação de *A história*, em 1914, mas este movimento – de debate de ideias profícuo com Freud, sem que o debatedor fosse acusado de não fazer psicanálise ou/e de estar cego pela sua neurose - parece bem recente, talvez empreendido apenas a partir dos anos 80, quando a era das escolas de psicanálise entrou em declínio.

Convém apontar que não está em discussão a validade ou a pertinência do conceito de resistência, tanto *strictu sensu,* em termos clínicos, como *lato sensu,* em termos de sua utilização para fatos da cultura. A posição assumida é de concordância parcial com Freud, pela validade do seu uso no que tange aos fatos de cultura. Parcial porque não se nega que a psicanálise possa despertar resistências, no entanto, elas tendem a ser supervalorizadas na medida em que sua utilização é parte de um discurso atuante no processo de difusão da psicanálise. Quanto ao seu uso indiscriminado em historiografia, é preciso sempre trabalhar com este conceito atento aos seus limites, sobretudo por facilmente psicologizar e reduzir análise complexas a uma única explicação.

Com o estudo realizado e exposto neste capítulo, ficou mais clara a advertência de ficar atento às forças que agem sobre o campo psicanalítico. Foi buscando levar tais forças em consideração que busquei construir o próximo capítulo. Ainda que nem sempre expostas, essas movimentações compõem parte das análises que serão efetuadas a seguir.

4. HISTÓRIAS DA PSICANÁLISE EM CURITIBA

4.1 Curitiba moderna: solo cultural para a formação de uma cultura psicanalítica

Entre a publicação de *A interpretação de sonhos*, em Viena, capital do Império Austro-Húngaro em 1899/1900 e a publicação do *Catatau* em Curitiba, capital do estado brasileiro do Paraná, em 1975, muitas águas rolaram tanto no rio Danúbio quanto nos rios Ivo e Belém.

Quando Freud publicou o seu maior clássico, a psicanálise ainda de "um só psicanalista", não era mais que um sonho freudiano e *Coritiba*[4], que contava perto de 50 mil habitantes acomodados em poucas quadras lamacentas entre os rios Ivo e Belém, não era mais que um sonho feliz de cidade despertado abruptamente pela realidade do coaxar de sapos e picadas de mosquito. "Até as primeiras décadas do século XX, as memórias dos curitibanos costumavam se referir às noites coalhadas com o coaxar dos sapos, abundantes nos charcos próximos ao Centro" (DUDEQUE, 2010, p. 27).

E nem em sonho, talvez, o pai da psicanálise ou Cícero Gonçalves Marques, o prefeito da cidade na época, imaginariam o novo quadro pouco mais de 100 anos depois. Há muito a psicanálise deixou de ser "propriedade" de um único homem e foi muito além, tanto vertical (no tempo) quanto horizontalmente (no espaço). A psicanálise penetrou e atravessou todo o século XX e hoje é raro o campo da cultura e/ou das humanidades que passa à margem da sua influência e, deste modo, ela não apenas moldou, como foi moldada pelo século anterior, como chegou a cidades do mundo todo. E entre as cidades atravessadas pela psicanálise está também a Curitiba que, agora em 2016, é bem menos lamacenta e, com mais de 1,8 milhões de habitantes, é não apenas a oitava cidade mais

[4] Grafia da época.

populosa como também possui quarto maior PIB do Brasil. E bem mais que isso. Talvez os sapos e mosquitos que, num primeiro momento, apagavam sonhos com a imposição de uma realidade de charco e lama, combatidos ajudaram a impulsionar a cidade em direção a algo que, também, talvez, a chegada da psicanálise tenha ajudado a impulsionar. Este algo complexo pode ser resumido num adjetivo que a cidade há muito buscou receber e para isso, se transformou e transformou a vida de sua gente, mas sem nunca, quiçá, abandonando completamente certa nostalgia de um tempo tranquilo moldado pela sinfonia de sapos e mosquitos. Moderna.

4.1.1 Modernidade: possível remédio para duas feridas narcísicas da cidade

Quando se pensa as infindáveis relações entre psicanálise e cidade, parece não haver muitos meios de desviar o tema da modernidade. A modernidade, neste contexto, como alguma tinta que é usada para pintar a tela, nem sempre é notada. O notado é a imagem que a tinta cria na tela, que chamamos pintura, a imagem que a modernidade pinta na geografia, que chamamos cidade brasileira.

Ou ainda, para ficar em metáfora próxima de psicanalistas, a modernidade talvez possa ser comparada a uma espécie de fantasia inconsciente sobre a qual o analisando, ciente ou não, colore ou descolore, escreve ou borra, parte da narrativa de sua própria história. Caberia ao analista, ou ao historiador da psicanálise, quando escuta os indícios que seu paciente lhe fornece desta fantasia e intui que há algo importante aí, convidá-lo para falar mais para primeiro se aproximar desta fantasia e, depois, atravessá-la com palavras para dotá-la de novo sentido. Foi mais ou menos o que fiz comigo mesmo. Se parte de mim tentou desviar o tema, porque árduo e complexo, outra parte foi impulsionada a atravessar, pelo menos um pouco, esta *aventura da modernidade*.

A ideia, para começar a atravessar a aventura da modernidade, é contar com as reflexões de Marshall Berman (1986) expostas em *Tudo que é sólido desmancha no ar*. O autor divide a modernidade em três fases: 1ª (início do século XVI até o fim do XVIII), 2ª (da revolução francesa – 1790 – ao final do século XIX), 3ª (a partir do início do século XX). (BERMAN, 1986. p. 16)

A escolha pelo conceito de Berman obedece, em primeiro lugar, à possibilidade de uso de um conceito flexível de modernidade, abrangente o suficiente para desconsiderar as especificidades de uma nova fase pós-moderna e, ao mesmo tempo, restrito a ponto de excluir da análise qualquer tipo de crise da modernidade. A crise constante, a ameaça à tradição é, para ele, parte inerente da modernidade, ou mais do que isso, é justamente o que a caracteriza.

Em segundo lugar, o conceito de modernidade em Berman abrange modernismo e modernização, ideias que podem ser pensadas na relação entre psicanálise e as grandes cidades brasileiras. A ligação entre o Modernismo nas artes ou, pelos menos, os movimentos de vanguardas artísticas europeias e a psicanálise já foi estudada. Roudinesco (1988) destaca o Surrealismo, entre as formas de entrada da psicanálise pela via literária na França. No Brasil, através do Modernismo Paulista, a psicanálise encontrou outra porta de entrada, além da psiquiatria. Oswald de Andrade, por exemplo, autor do *Manifesto antropofágico*, buscava nas ideias de Freud, sobretudo em *Totem e Tabu*, elementos para pensar a questão da identidade nacional mas, ao contrário da psiquiatria da época, não pautava suas ideias pelo tema da inferioridade da raça (OLIVEIRA, 2005; FACCHINETTI, 2003).

Berman (1986, p. 16) explica um pouco como se deram no século passado os processos de modernização:

> No século XX, os processos sociais que dão vida a esse turbilhão (mudança de nossa imagem no universo e do lugar que nele ocupamos, industrialização da produção, descomunal explosão demográfica, rápido e catastrófico crescimento urbano, sistemas de comunicação de massa dinâmicos em seu desenvolvimento, mercado capitalista mundial drasticamente flutuante e em constante expansão, etc...) mantendo-o num perpétuo estado de vir-a-ser, vêm a chamar-se modernização.

No turbilhão que caracteriza o processo, ou os processos de modernização, ainda segundo Berman (1986, p. 328), ser um modernista é “sentir-se de alguma forma em casa em meio ao redemoinho.” A dialética entre modernismo e modernização, que caracteriza o estudo de Berman, se dá na contradição expressa nas dificuldades que o processo de modernização impõe às pessoas, que agem e constroem suas vidas e suas esperanças justamente neste ambiente difícil, hostil à construção. A ideia de modernismo, presente principalmente nas artes, mas não somente, dá forma à capacidade de construção, de

movimentação no ritmo do redemoinho frenético da modernização. O modernismo incorpora a modernização para, segundo Berman (1986, p.328), “fazer seu o ritmo do turbilhão, do redemoinho, movimentar-se entre as correntes em busca de novas formas de realidade, beleza, liberdade, justiça, permitidas pelo seu fluxo ardoroso e arriscado”.

A grande flexibilidade e larga abrangência com que Marshall Berman cunha seu conceito de *moderno* permite certa adaptação para tentar explicar boa parte da utopia, presente desde muito cedo na cidade de Curitiba, de ser moderna. A ideia é ancorar o conceito, ou ideia, em Berman (1986, p. 13), para o qual “ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição (...), pois são todos movidos, ao mesmo tempo, pelo desejo de mudança – de autotransformação e de transformação do mundo em redor – e pelo terror da desorientação e da desintegração, o terror da vida que se desfaz em pedaços”.

O interessante da ideia de moderno como o que está na moda, ou o que se opõe ao antigo é que, pelo menos no uso cotidiano, o adjetivo carrega um juízo de valor e não meramente transmite uma passagem temporal. Nos dias de hoje, o vocabulário cotidiano expressa ainda melhor a questão, opondo moderno ao velho, ao ultrapassado. E, também neste ponto, começa-se a instaurar a utopia curitibana. Ser uma cidade moderna, ou mais do que isso: ser reconhecida pelo outro como moderna (pelos viajantes, pelo resto do Brasil) e também por seus próprios habitantes (pela população comum e por gente importante na administração da cidade e do Estado).

Dudeque (2010, p.27) descreve bem o processo. A palavra “futurosa” usada e destacada pelo autor no trecho abaixo também parece se encaixar bem nos conceitos de modernidade anteriormente propostos:

> As desamparadas ruas que terminavam em brejos quebrantavam o título de capital, assim como as poeiras dos verões, os aguaceiros gelados dos invernos, as enchentes, as vidas encalhadas nas noites de coaxados e mosquitos, as repetitivas conversas climáticas, a falta de atrativos e liderança. A dualidade faria que com que os habitantes de Curitiba adernassem do fervor à depressão, do tédio à ufania, da bravata à impotência. Os elogios às capacidades de uma cidade “futurosa” se alterariam com os lamentos pela carência de atrativos dignos da autoestima local e da atenção dos viajantes.

Assim, a modernidade nos termos curitibanos poderia ser um remédio contra duas grandes feridas narcísicas curitibanas: o sentimento de inferioridade e a carência de identidade[5].

Primeira ferida: Quinta Comarca de São Paulo

Certo sentimento de inferioridade e de desimportância, que moldaria o caráter não só da cidade, mas de seus habitantes, é a primeira ferida narcísica acima referida. Este sentimento, ou mal-estar, é facilmente encontrado, desde há muito até hoje, no discurso de políticos de antigamente, de escritores, de jornalistas, de historiadores, etc. Uma das origens históricas deste mal estar pode ser explicada de duas maneiras; tanto no plano da pouca importância histórica do Estado no cenário nacional quanto da pouca importância da cidade, primeiro no plano local, depois no plano nacional.

O fato de o Paraná ter sido Comarca de São Paulo até 1853, sob nome Comarca de Curitiba, fez com que fosse a última província autônoma do Império, depois do Amazonas.

E mesmo o processo de emancipação é conturbado na medida em que não houve participação popular (WACHOWICZ, 2001). Menos por isso talvez, mas de qualquer forma, o êxito da emancipação só foi alcançado graças a uma aliança conservadora entre a elite paranaense e o Império, contra os liberais. O Império temia a adesão dos liberais curitibanos em uma aliança dos liberais do Rio Grande do Sul, atuantes durante a Guerra dos Farrapos (1835-45), com os liberais de Sorocaba (estes visavam derrubar o presidente da Província de São Paulo no episódio denominado Revolução Liberal de 1842) e de Minas Gerais. Tanto o Império quanto o Barão de Monte Alegre, presidente da Província de São Paulo, fiel ao poder imperial, permitiram a criação de uma província autônoma nos

[5] Em psicanálise, Alfred Adler (1870-1937) foi o teórico que mais se ocupou do tema do complexo de inferioridade. Para ele, a neurose, em parte, se instituía na criança, em consequência de sentimentos de inferioridade existentes desde o primeiro contato com a sexualidade. Adler foi um dos pioneiros da psicanálise, participante, desde o início, da famosa Sociedade Psicológica das Quartas-feiras. Foi criticado por Freud, entre outras coisas, justamente por dar excessivo valor à noção de inferioridade. Os dois romperam abruptamente e Adler fundou a sua Psicologia Individual, ou Psicologia do Eu, independentemente de Freud.

campos de *Coritiba*, em troca de apoio contra a aliança Rio Grande do Sul-Sorocaba (CARNEIRO, 1994; NAROZNIAK, 2010; MARTINS, 1995).

No entanto, com a mudança no cargo do Presidente da Província de São Paulo, dez anos passaram sem o cumprimento por parte de São Paulo do acordo emancipatório e sem a interferência do Império na questão. A emancipação da Quinta Comarca só ocorreu quando deputados mineiros e baianos, descontentes com a forte projeção que a economia da Província de São Paulo vinha adquirindo nacionalmente em função da economia cafeeira, apoiaram a proposta de autonomia dos *coritibanos*. O novo Governo de São Paulo adotou, no entanto, pouco antes do processo inevitável de emancipação, duas represálias significativas contra a nova Província: retirou da alçada da Comarca de Curitiba as vilas portuárias de Iguape e Cananeia e alterou o posto fiscal do Registro de Rio Negro para outro na divisa de Itararé, reduzindo drasticamente o tamanho do litoral e deixando praticamente sem receita financeira a nova província (COSTA, 1995).

O curioso neste processo todo é que até o nome Paraná para a nova província era certo tipo de humilhação imposta de cima para baixo, que surpreendeu a população, que soube de sua denominação através da imprensa (WACHOWICZ, 2006, p. 32), e despertou a ira de autoridades locais, como o "curitibano" deputado provincial por São Paulo e juiz de direito Salvador José Correia Coelho. "Seja como for a denominação foi desgraçada, má e frívola. Se cumpria dar um nome de rio à nova província, porque não província do Iguaçu? Mas antes porque não província de Curitiba?" (COELHO, 1995)

A outra hipótese para essa espécie de sentimento de inferioridade é relativa à própria cidade, expresso, sobretudo, na ausência de mérito de sua condição de capital, obtida, por decreto imperial, após a emancipação da Província.

Adotados os critérios mais óbvios, Curitiba não merecia, em 1854, o título de capital. Segundo Dudeque (2010, p. 26), "para obter o título bastou um decreto. Para sentir-se uma capital de fato, Curitiba necessitou de mais de um século." O pesquisador, aliás, esclarece ainda (2010, p. 15) que dois temas imbricam-se no livro, de sua autoria, *Nenhum dia sem uma linha: uma história do urbanismo em Curitiba*, "o mais evidente trata das transformações urbanísticas ocorridas em Curitiba. O segundo é a sequência de tentativas da cidade para sentir-se uma capital, e não um ponto insignificante no mapa".

Em relatório oficial (PARANÁ, 1855), o vice-presidente da província Theofilo Ribeiro de Rezende descreve Curitiba como uma cidade "estéril e sem cultura, que nada

promete". E vai além: "os funcionários públicos que chegam de fora vivem em desespero, consideram um castigo viver num lugar constantemente lamacento e charcoso."

Na época, tanto Guarapuava no interior (centro do Estado) quanto Paranaguá no litoral da província, eram mais prósperas e a última, além de mais populosa, também estivera na vanguarda das lutas emancipatórias (WACHOWICZ, 2006, p. 30). Ocorre que havia, principalmente por razões militares, a questão da ocupação do interior que desde aquela época preocupava dirigentes do Brasil; por isso a litorânea Paranaguá foi excluída. E a interiorana Guarapuava, embora atendendo a este critério, por ser distante demais, também.

Com o passar dos anos, aos poucos, Curitiba afirma a sua importância no Estado do Paraná, mas a questão da insignificância da cidade ainda se impõe por muito tempo deslocada não mais para a comparação com outras cidades paranaenses, mas com outras capitais brasileiras. Assim, a importância local, no Estado, parece, atualmente, não mais fazer eco em Curitiba. É questão fechada, embora se discuta no Estado que Curitiba é pouco influente no Paraná como um todo: no Sul do Estado, em cidades como Pato Branco e Cascavel haveria forte influência gaúcha e no norte, em cidades como Maringá e Londrina, forte influência paulista. Permanece aberta, no entanto, a questão da importância de Curitiba no rol das capitais brasileiras. Desde meados dos anos 1970, gradativamente, Curitiba impõe sua importância no Brasil, principalmente em termos econômicos. Culturalmente e mesmo politicamente, porém, a importância, embora crescente, ainda não seria muita. Cabe fazer, porém, uma ressalva atualizada: muito recentemente, desde 2014, em função da Operação Lava-jato, capitaneada pelo polêmico juiz de Direito Sérgio Moro, Curitiba é significativamente mais citada pela imprensa brasileira. Resta saber se após o término da operação, tal efeito permanecerá.

Dudeque (2010, p. 25) assim descreve o olhar do brasileiro sobre o curitibano: "Mais de um brasileiro acreditava que os habitantes de Curitiba gastavam os anos encostados nas sombras de alguma praça agreste, discutindo o clima e desejando-se bons dias e boas tardes." E mesmo dentro do Estado, a desconfiança sobre a condição de Curitiba como liderança permaneceu até meados dos anos 70.

Com o fim do ciclo econômico da erva mate no Estado, substituído pelo ciclo do café, em meados dos anos 20 (WESTPHALEN, 1988, p. 13), e o consequente surgimento e rápida ascensão das cidades de Londrina e Maringá no norte do Estado, somente com a

geada negra em 1975 é que Curitiba talvez tenha em definitivo conquistado o lugar de cabeça do Estado do Paraná. Para o arquiteto e historiador Irã Taborda Dudeque (2010, p. 31), corroborando uma ideia geral presente inclusive para outros brasileiros, foi somente através do urbanismo, principalmente num movimento que começa em 1965 e tem seu ápice durante os anos 70, "que os curitibanos foram da depressão ao fervor, da impotência à bravata, convencidos que moravam numa cidade importante e importantíssima".

Segunda ferida narcísica: Característica dos incaracterísticos

A outra ferida narcísica, intimamente ligada à insignificância, é a *carência de identidade*, tanto da cidade quanto dos habitantes. Exceto talvez pelo epíteto provinciana, que se aplicaria à cidade sem muito esforço. Ou melhor, está presente ainda no senso comum e, principalmente, no discurso de artistas locais: o termo é corrente em vários discursos sobre a cidade. Uma das epígrafes desta tese é exemplo.

Como a emancipação da Quinta Comarca ocorreu de "mão beijada", sem luta, em 1853, para Ruy Christovam Wachowicz (2006, p. 30), ela

> não conseguiu desenvolver na população um sentimento de unidade e identidade com a terra. Tal não aconteceu porque não foi conquistada no calor de uma *luta* por um objetivo superior. A emancipação foi praticamente outorgada pelo governo imperial para o cumprimento de um acordo entre grupos políticos.

A falta de identidade dos paranaenses, como é possível inferir na forma em que Wachowicz constrói seu texto, desemboca na *falta de iniciativa* tanto de sua população quanto de sua elite econômica. Para dar fôlego ao seu argumento, o autor cita as impressões do cronista português Antônio Vieira dos Santos, sobre a perda da oportunidade que a cidade de Paranaguá teve de comercializar mate com a Colônia de Sacramento, após a Provisão Régia de 1722, que autorizava tal comércio e o discurso, de "um dos raros paranaenses a presidir sua província", João José Pedrosa, que ao analisar as

características dos paranaenses, afirma que "embora paulistas de origem, eram menos empreendedores e ousados. Cento e sessenta anos depois da Provisão Real de 1722, um presidente de Província identificava ainda as mesmas características detectadas por Vieira dos Santos: falta de iniciativa" (WACHOWICZ, 2006, p. 32). O importante historiador paranaense Romário Martins (1995) resume com ênfase: "O Paraná é um cemitério de iniciativas".

A observação de Pinheiro Machado feita em 1930 é um bom exemplo de como esta questão circulou na cidade:

> O Paraná é um Estado típico desses que não tem um traço de alguma coisa notável, nem geograficamente como a Amazônia, nem pitorescamente como a Bahia ou o Rio Grande do Sul. Sem uma linha vigorosa de história como São Paulo, Minas e Pernambuco, sem uma natureza característica como o Nordeste, sem lendas de primitivismo como Mato Grosso e Goiás. Dentro do Brasil já principado o Paraná é um esboço a se iniciar. Falta-lhe o lastro dos séculos. Apesar de ser o estado de futuro mais próximo, forma nessa retaguarda característica de incaracterísticos. (...) Eu poderia afirmar sem errar por muito que o paranaense não existe. O paranaense não existe dentro do complexo brasileiro. O Paraná é um estado sem relevo humano. Em toda a história do Paraná nada houve que realmente impressionasse a nacionalidade. (PINHEIRO MACHADO, 1930, p. 9, *apud* PEREIRA, 1996, p. 70)

4.1.2 Modernização: urbanismo e higiene social, psicanálise e eugenia

Deslizando entre utopia e ações concretas havia, desde o final do século XIX até as primeiras décadas do XX, forte desejo do poder público no Brasil de modernizar a sociedade local. A "ideologia da modernização", segundo Hobsbawn (2002, p. 365) era imposta às populações atrasadas e encontrou em países como o México e o Brasil forte adesão. No Brasil, sustentava, apoiada principalmente nas ciências da engenharia e da medicina: 1) as reformas urbanas e 2) a eugenia e a higiene mental da população; os dois principais antídotos contra o atraso e primitivismo atávicos no Brasil, pensados na época como as consequências, entre outras, do clima tropical, da miscigenação da população, da presença do negro e, também, às vezes, da presença do colono imigrante.

O poder público brasileiro - entre as últimas décadas do século XIX e começo do XX - promoveu grandes modificações em diversas cidades brasileiras. Ermínia Maricato (2000, p. 22) relata que "Manaus, Belém, Porto Alegre, Curitiba, Santos, Recife, São Paulo e especialmente o Rio de Janeiro são cidades que passaram, nesse período, por reformas urbanas que conjugavam saneamento ambiental, embelezamento e segregação territorial e que constituíam um urbanismo moderno à moda da periferia mundial".

Inspirada, sobretudo, no exemplo de Paris, após as reformas desenvolvidas no século XIX por Haussmann, que alçaram a capital francesa ao lugar imaginário de cidade ideal (SEVCENKO, 1998), a urbanização brasileira foi fiel à adoção de "ideias fora do lugar", tão presente na vida intelectual brasileira na maneira de se relacionar com ideias vindas de Europa. Roberto Schwarz (2000, p. 29) explica que "ao longo de sua reprodução social, incansavelmente o Brasil põe e repõe ideias europeias, sempre em sentido impróprio".

No campo das ciências *psi*, o psicanalista Jurandir Freire Costa (1980, p. 15) no clássico *História da psiquiatria no Brasil*, propõe, à sua maneira, uma reflexão que ao mesmo tempo em que endossa a tese das ideias fora de lugar de Schwarz, justifica a especificidade do pensamento psiquiátrico brasileiro e a singularidade da sua história:

> A psiquiatria brasileira pode ser acusada de nunca ter formulado teorias originais. Isto não nega nem a especificidade de seu pensamento psiquiátrico, nem a singularidade de sua História. A Psiquiatria não foge à regra que comanda os processos de assimilação de um item cultural qualquer. Todo item cultural, uma vez transposta a fronteira de sua cultura de origem, sofre transformações. A cultura receptora só o adota depois de havê-lo integrado a uma matriz de significações, que lhe é própria e peculiar. As teorias psiquiátricas europeias e norte-americanas nunca foram, nem nunca serão, incorporadas à cultura brasileira, sem antes serem submetidas a modificações. Esta evidência tem sido negada ou subestimada até nossos dias. A Psiquiatria brasileira persiste acreditando, ingenuamente que Psiquiatria é ciência, e ciência é uma só. Por isso mesmo, abdica de refletir seu passado, insiste em ignorar seu presente e delega à Europa e à América do Norte a tarefa de pensar o seu futuro.

Ermínia Maricato (2000, p. 122) vai além, articula a ideia de Schwarz e cunha, apoiada em Francisco de Oliveira, o termo *lugar fora das ideias* ao olhar especificamente

para o urbanismo brasileiro e explicar como este contribui para promover a exclusão e a desigualdade nas cidades brasileiras:

> O urbanismo brasileiro (entendido aqui como planejamento e regulação urbanística) não tem comprometimento com a realidade concreta, mas com uma ordem que diz respeito a uma parte da cidade, apenas. Podemos dizer que se trata de ideias fora do lugar porque, pretensamente, a ordem se refere a todos os indivíduos, de acordo com os princípios do modernismo ou da racionalidade burguesa. Mas também podemos dizer que as ideias estão no lugar por isso mesmo: porque elas se aplicam a uma parcela da sociedade reafirmando e reproduzindo desigualdades e privilégios. Para a cidade ilegal não há planos, nem ordem. Aliás ela não é conhecida em suas dimensões e características. Trata-se de um lugar fora das idéias.

Em complementação à higiene das cidades, pelo lado mais difuso e abstrato das utopias (ou ideologias) governamentais e sociais, há a eugenia das populações visando à superação do primitivismo da raça. Segundo Roger Pequinot (1970, p. 738-40), eugenia é termo cunhado pelo fisiologista inglês Galton para descrever "o estudo dos fatores socialmente controláveis que podem elevar ou rebaixar as qualidades raciais de gerações futuras, tanto física quanto mentalmente."

A ideologia da eugenia no Brasil, segundo Jurandir Freire Costa (1980, p. 15-16), faz o elo entre a ciência e a cultura, para justificar a prevenção eugênica adotada pela psiquiatria da época como meio de modificar os problemas da realidade brasileira que os próprios psiquiatras, em consonância com o seu meio social e cultural, acreditavam serem os mais graves do Brasil:

> Os psiquiatras da Liga Brasileira de Higiene Mental acreditaram no mito da ciência psiquiátrica universal. Eles se concebiam habitantes do hermético reino das ciências, portanto impermeáveis às influências culturais. Por isso mesmo, esqueceram que eram indivíduos pertencentes a determinada classe social, com opiniões e valores próprios a determinado período histórico. Este preconceito levou-os a elaborar programas de higiene mental baseados na noção de "prevenção eugênica" nascida da psiquiatria nazista. Para eles, a eugenia era um conceito científico, logo inquestionável. Uma vez aceito este pressuposto, restava impor aos brasileiros as receitas da psiquiatria nazista. Os psiquiatras passaram a pedir a esterilização sexual dos indivíduos doentes, a pregar o desaparecimento da miscigenação racial entre brasileiros, a exigir a

> proibição da imigração de indivíduos não brancos, a solicitar a instalação de tribunais de eugenia e de salário-paternidade eugênico etc.

Na Liga Brasileira de Higiene Mental, fundada em 1922 no Rio de Janeiro, pelo psiquiatra Gustavo Riedel, segundo Elisabete Mokrejs (1989. p. 11), "vários de seus adeptos pautavam seus princípios na psicanálise." E mesmo grandes expoentes dos primórdios da psicanálise brasileira como Juliano Moreira e Júlio Pires Porto-Carrero tiveram relação com a Liga. O primeiro como um antecessor importante que teve contato, em 1907 na Europa, com os princípios e os propósitos profiláticos da Higiene Mental e o segundo como um dos grandes, talvez o maior, difusor das ideias da Liga no campo da pedagogia.

A psicanálise brasileira, portanto, em seus primórdios muito imbricada com a psiquiatria, mais como parte do seu instrumental e menos como teoria relativamente autônoma, não ficou à margem do projeto modernizador brasileiro ancorado na higiene do social. Ao contrário, profundamente fincada na prevenção eugênica, a psicanálise por aqui ampliou seu campo de ação para a pedagogia/educação e para o direito/criminologia ampliando o campo da higiene mental no Brasil, através de um instrumental, travestido de moderno, mas profundamente conservador. Moderno porque novo e importado, conservador por contribuir profundamente com a manutenção do *status quo* social e médico.

Destituída assim de sua condição original**,** a psicanálise brasileira, seja como uma ideia fora do lugar ou/e um lugar fora das ideias, se insere nas cidades por onde chegou, passou e ficou, com uma marca curiosa que provavelmente produz efeitos em sua ética, e em sua prática ainda pouco estudados, como aponta Joel Birman (1988, p. 9-10):

> Evidentemente, este percurso originário da psicanálise no Brasil, que circunscreveu a sua matriz, marca o seu destino posterior, de maneira que podemos registrar ainda hoje os seus efeitos indeléveis em certas modalidades de práticas psicanalíticas.

4.1.3 Curitiba: o moderno entre a realidade e a utopia

O palco principal para as ações modernizadoras do poder público brasileiro foram as cidades. E não só porque nelas acontece a experiência vital do homem no espaço e no tempo, mas porque mais que um projeto nacional homogêneo em busca da modernização, havia, sobretudo no Brasil, a forma peculiar com que cada cidade enfrentava o seu atraso, a sua precariedade. Assim, nas cidades, os habitantes precisavam construir suas vidas a partir de novas experiências na urbe.

Em Curitiba, as grandes reformas urbanas timidamente começadas antes, têm como marco fundador o ano de 1886, ano em que é inaugurado não só para embelezar mas também para sanear uma área encharcada, o Passeio Público da cidade. Mesmo ano em que começam as obras para a substituição da antiga igreja matriz colonial por uma catedral neogótica, inaugurada em 1893. Não foram apenas estas duas inaugurações. Ao final do século XIX, novas ruas e novas edificações surgiam, a atual praça Tiradentes, antigo Largo da Matriz ou Largo D. Pedro, também passou por grande reforma, e houve a implantação do sistema de bondes. (CAPRARO et al., 2010, SUTIL, 2009)

Dois acontecimentos sanitários, a febre tifoide e a gripe espanhola, contribuíram para o aprofundamento do discurso higienista em Curitiba ao mesmo tempo em que ampliavam os discursos da modernidade curitibana pautado na urbanização.

Em 1917, segundo Dudeque (2010, p. 37) uma epidemia da febre tifoide pela primeira vez sentida no centro de Curitiba (a cidade na época), era “convertida em um acontecimento fundamental na organização médica e urbanística de Curitiba: os médicos deveriam reorganizar o serviço sanitário e os engenheiros deveriam construir novas redes para a água e para os esgotos”. As epidemias anteriores em 1889 e 1891 ocorreram “fora da cidade”. Fora da cidade naquela época, hoje são bairros incorporados à cidade e bem localizados.

A gripe espanhola que chegou em 1918 foi ainda mais mortífera, mas seu combate ajudou a elevar o status de outro monumento da Curitiba moderna: a criação da Universidade do Paraná, fundada não sem críticas e oposição, em 19 de dezembro de 1912. Com a participação espontânea de acadêmicos no atendimento da população, a

Universidade dava, enfim, mostras de sua importância "concreta", da competência do seu ensino (SIQUEIRA, 2004).

A maior invenção dos paranaenses

A criação da Universidade do Paraná é uma espécie de monumento da Curitiba moderna porque parece representar a complexidade da noção de Berman. Em primeiro lugar, a Universidade foi alçada no imaginário curitibano como "símbolo da cidade". Em 1999, inclusive, quando Cássio Taniguchi, o prefeito da época, aproveitando-se de uma eleição promovida pelo Banco Itaú, resolveu tentar alterar o "símbolo oficial da cidade" para o Jardim Botânico, cartão postal recentíssimo de 1991 e símbolo do lernismo na cidade. O prédio da UFPR nem constava inicialmente na cédula de votação, mas acabou vencendo a disputa.

O prefeito Taniguchi era um técnico inicialmente desconhecido da população, eleito prefeito da cidade graças ao apoio de Jaime Lerner. O que Taniguchi provavelmente não contava quando endossou a mudança na eleição é que haveria grande mobilização de partes da imprensa e da população acadêmica, para que o prédio histórico da UFPR não perdesse este status para o Jardim Botânico. Abaixo o depoimento de Carlos Roberto Antunes dos Santos, reitor da UFPR entre 1998 e 2002 e professor titular em História do Brasil, dado para o jornal *Gazeta do Povo* em 19 de dezembro de 2011:

> Numa campanha alegre, emocionada e inflamada, em maio de 1999, o prédio histórico da UFPR foi eleito como Símbolo Oficial da Cidade de Curitiba. Numa eleição histórica, a nossa sociedade escolheu como espaço símbolo o prédio de uma instituição pública, de qualidade, tradição e memória. Cumpre destacar a expressiva parceria entre a UFPR e a Gazeta do Povo, que conquistou o apoio significativo de vários setores da sociedade curitibana e conseguiu superar determinadas hegemonias e marketing de outros 'candidatos', como Jardim Botânico, Ópera de Arame, Parque Barigui, Boca Maldita e Parque Tanguá, e conseguiu 'virar um jogo difícil'. Com a vitória alcançada, prevaleceu aquela expressão que, como historiadores, sempre defendemos: 'A Universidade foi a maior invenção dos paranaenses'.

Vencer o lernismo em bom momento de prestígio político demonstra a força simbólica da UFPR. Em Curitiba, por exemplo, a Universidade Federal do Paraná, naquela época ainda Universidade do Paraná é, para todos os efeitos, a primeira Universidade do Brasil, embora fora de Curitiba este título seja, não raro, questionado ou

minimizado, exemplificando o salto do sentimento de inferioridade para a megalomania, descrito anteriormente por Dudeque. Mais importante, no entanto, talvez seja o fato de que a Universidade não raramente é alçada, pelo discurso de alguns historiadores à condição de sonho curitibano/paranaense concretizado pelo esforço e gênio de dois médicos, Vítor Ferreira do Amaral e Nilo Cairo, visionários envoltos por gente sem iniciativa e atrasada. Mais importante porque denota na equação da modernidade curitibana, o lugar fundamental da medicina, e não raro na historiografia clássica local, o lugar fundamental dos heróis.

Para Ruy Wachowicz, (2006, p. 23):

> Outro condicionante encontrado foi o fato de a UFPR ter sido fruto da ação básica de dois vultos: Vítor Ferreira do Amaral e Nilo Cairo. A vontade férrea desses dois homens contribuiu para a fundação da instituição. Este fato pode inclusive ser usado como exemplo típico da influência do indivíduo na concretização de instituições que atuaram decisivamente na evolução de suas comunidades.

Em 1912, o Paraná ainda vivia economicamente da exploração do mate, cujo auge foi em fins do século XIX. Este ciclo econômico do Estado foi iniciado em 1820, quando Don Francisco Alzagaray chegou em Paranaguá para explorar o mercado do mate nas regiões do futuro Paraná (LINHARES, 1969, p. 76).

O ditador do Paraguai Francia, em 1813, proibira, por motivos políticos, a exportação de erva-mate paraguaia para Buenos Aires e Montevidéu e, assim, o mate "paranaense" substituiu o mate paraguaio. A principal característica deste ciclo econômico era estar próxima dos mercados platinos e afastada dos centros de decisões econômica e política no Brasil. A instituição modelar, inclusive, para a nova Universidade paranaense foi a Universidade de La Plata na Argentina, porque o Paraná estaria economicamente mais próximo do Plata do que do Rio de Janeiro (WACHOVICZ, 2006).

Primeiro marco modernizador em Curitiba

Com a breve apresentação da construção da Universidade do Paraná, a maior invenção dos paranaenses, pensamos ter apresentado um pequeno esboço de mapa do processo modernizador brasileiro em ação na cidade de Curitiba. Este seria o primeiro processo modernizador da cidade. Para efeitos de construção do texto, é possível arbitrar,

não um, mas dois marcos dos processos de modernização em Curitiba, a partir dos quais é possível tecer relações com a formação e difusão da cultura psicanalítica local. O primeiro ligado à chegada da psicanálise na cultura de Curitiba e o segundo relacionado com o início da institucionalização da psicanálise.

No primeiro deles, acima descrito, estão os processos de urbanização pelos quais a cidade passa desde os últimos anos do século XIX até o começo dos anos XX. Em verdade, como vimos antes, não são processos isolados em Curitiba, mas ocorrem em diversas cidades no Brasil. É o processo modernizador brasileiro higiênico e eugênico.

Neste primeiro marco, que se inicia nas últimas décadas do século XIX e acaba, mais ou menos, no final da década de 20, com a grande crise econômica mundial, a psicanálise participa, ainda que com menor importância do que em outras cidades brasileiras, sustentando cientificamente o discurso eugenista e higiênico. Como se verá a seguir, foram encontrados indícios da participação da psicanálise em Curitiba nesta época em jornais e quando, em consonância com o projeto modernizador brasileiro, o psicanalista Porto-Carrero, apresenta uma palestra sobre educação na cidade. O Congresso de Educação, no qual a palestra foi apresentada foi, ele próprio, um evento consonante com o discurso modernizador higiênico. Mais do que fazer grande ilações interpretativas é curioso observar nas crônicas e reportagens de jornais, os primeiros indícios da chegada da psicanálise na cultura da Curitiba. Em muitas, Freud e a psicanálise emprestam autoridade cientifica aos jornalistas e, não raro, é possível observar que a psicanálise também mantém ares de discurso moderno. Não é possível, porém, destacar singularidades da chegada da psicanálise em Curitiba, em função destes indícios, mas apenas lançar a hipótese da condição da cidade como mais um exemplo da relação entre psicanálise e psiquiatria no Brasil**.**

O segundo grande processo de modernização na cidade de Curitiba é o ocorrido nos anos 70 e o descreveremos melhor, em seguida nesta tese, no item intitulado *1975, o ano que não terminou em Curitiba*. É possível adiantar, no entanto, que a escolha se deu porque em ambas a psicanálise esteve presente. Um pouco são estas as histórias de atravessamento entre a cidade e a psicanálise contadas daqui em diante, desde as primeiras manifestações da cultura psicanalítica se instalando na cidade, o que pode ser entendido como os primeiros esboços de uma tradição psicanalítica até o momento de transição de uma cultura psicanalítica para o início da institucionalização da psicanálise da cidade.

4.1.4 Freud na imprensa curitibana na década de 1920

As primeiras referências encontradas sobre Freud ou sobre a psicanálise datam na imprensa curitibana da década de 1920. Foram pesquisados os jornais *O Dia*, *A Republica* e *O Estado do Paraná*, mas nem todas as edições foram consultadas. A consulta aos jornais foi iniciada, quando disponível, desde a última década do século XIX e, de forma sistematizada, desde a década de 1910, mas não foram encontradas referências e citações de Freud, na imprensa curitibana, durante esta década.

São destacados abaixo dois artigos da imprensa curitibana dos anos 10, respectivamente, sobre psicologia e pedagogia, porque estes temas, caros à psicanálise brasileira da época, poderiam ser ilustrados com alguma referência a Freud. A afirmação de que os temas da psicologia e pedagogia poderiam ser exemplificados ou ilustrados com a psicanálise baseia-se também na informação obtida com a pesquisa realizada nos jornais. Durante a década de 1920, os jornalistas quando discorriam sobre psicologia e pedagogia, não raro recorriam à autoridade de Freud para embasar suas opiniões. Desta maneira, pode-se afirmar, com maior precisão, que Freud começa a circular com desenvoltura na imprensa curitibana durante a segunda metade da década de 1920.

O primeiro destaque cabe ao longo artigo apócrifo no Jornal *A Republica*, nº 60, de 13 de março de 1914, denominado *A Psychologia da criança*, cujo tema poderia servir para alguma consideração a Freud, mas não há referência ou citação. O jornalista faz o que se pode chamar, com certo esforço, de um estudo darwiniano da psicologia infantil: “A psychologia da criança e a psychologia comparada são e serão sempre importantes ao conhecimento de toda a organização psychologica do homem. O desenvolvimento intellectual do genero humano se acha resumido na criança” (p. 1). Trata-se da conclusão do texto.

Na edição 270 de 19 de novembro de 1912, do mesmo jornal *A Republica*, está o segundo destaque referido. O jornal publica, assinado pelo dr. Claudino dos Santos “Director Geral da Instrucção Publica”, o discurso inaugural de uma importante exposição de trabalhos escolares que contou com a presença do Sr. Presidente do Estado. Este artigo não contempla, como o primeiro, qualquer referência a Freud. O psicólogo citado no artigo é Willian James:

> o educador, que deve ser psychologo, como muito bem afirma em brilhante estudo sobre a Psychologia de Willian James e a Pedagogia, bem poderá nesta promiscuidade de trabalhos sondar a alma da creança para encaminhal-a, não com a preocupação de um systema de ensino para o conjunto de alunos, mas aplicado a cada um, conforme sua psychologia, uma pedagogia individual. (p. 1)

A primeira referência a Freud encontrada na imprensa curitibana é o artigo publicado na edição 797 do jornal *O Dia* no longínquo ano de 1926, precisamente em 06 de fevereiro.

Como não foi encontrada qualquer referência à psicanálise na imprensa antes deste artigo, convém apontar que a psicanálise provavelmente entra na cultura curitibana bem depois de 1922, o que não tornaria Curitiba exceção entre os vários estudos que apontam a chegada da psicanálise no Brasil pela via cultural através da Semana de Arte Moderna de São Paulo. É claro que estabelecer somente por uma questão cronológica, e recorrendo a apenas uma única fonte, qualquer relação entre a chegada da psicanálise em Curitiba e a Semana de Arte Moderna de São Paulo não é correto. No entanto, futuras pesquisas que contemplassem os ecos da semana de São Paulo na intelectualidade paranaense, em parte bem representada nos jornais, talvez encontrassem, se atentas à psicanálise, alguns dos caminhos da psicanálise brasileira construídos a partir da influência e dos caminhos percorridos no Brasil pela Semana de Arte Moderna de São Paulo.

O artigo pioneiro é uma espécie de editorial que ocupa mais da metade da primeira página do jornal e ainda continua na última página, expediente não raro em jornais naquela época, o longo texto intitulado *Para que reformar o infeliz trapo constitucional do Paraná? – Depois do discurso official do dia 1º ultimo, faça o que quizer – Sr. Presidente, sem cerimonia*, é artigo duro dirigido ao presidente da época no Paraná, Caetano Munhoz da Rocha (1879-1944), muito criticado ao longo do artigo por querer reformar de maneira inócua a constituição do Estado e por misturar política e religião.

> Uma dellas, (uma ideia de apenas duas que seriam a base do discurso oficial referido no título), já todos o sabem, pois se afigura o "leit-motif" do seu governo; o "mot d' ordre", o ponto fixo, o eixo gerador de sua personalidade moral e administrativa. Póde-se até afirmar que, nesse geito, a mensagem é a tradução fiel de odios e affeições, o paradigma do seu mysticismo politico, que tão perfeita e absoluta explicação mereceu do imortal autor da psycho-analyse, Freud, cuja obra tomamos a

> liberdade de recomendar a S. Exa. que é medico e professor. Essa idéa se transmuda, revela, floresce em todos os pontos de sua mensagem onde lhe foi propicio fazel-o, a maneira religiosa de querer, por força, retroagir em direito, e lançar, parece-nos, o Paraná nas mãos de uma espécie de theocracia moderna. (p. 1)

O artigo é, na mesma medida raro e exemplar. Exemplar porque a crítica, política ou não, apoiada em Freud e na psicanálise se repete inúmeras vezes em outros artigos da imprensa curitibana. A diferença desta crítica para as posteriores é o caráter até sutil do "uso" da psicanálise se comparada às próximas. Sutil porque é como se fosse mais o Freud dos textos sociais, talvez o Freud de *O futuro de uma ilusão* e *Totem e Tabu* (*Mal-estar na civilização* não fora publicado nesta época) e menos o Freud clínico ou da psicopatologia, menos ainda, como muito se chamava na época, o Freud da psicologia profunda de caráter individual. Em outras críticas de outros artigos, o oponente, não raro, é exclusivamente atacado em sua saúde ou capacidade mental e, não raro também, lhe recomendada a psicanálise para tratar sua neurose. O artigo é duro, mas o ataque é tanto ao Presidente quanto ao atraso.

Claro que o médico Caetano Munhoz da Rocha representava para o jornal o retrocesso, o atraso. Era o homem que "ergueu demais o pendulo de suas idéas intimas, excedendo-se" tanto ao encher de padres as escolas, os abrigos de menores e os asilos da cidade, quanto encher de freiras, feitas enfermeiras, o recém criado asilo de velhos, "sem a menor prova publica de capacidade para os cargos".

> Onde elle púder enfiltrar um padre, não demora, nem perde tempo; zás, e lá empurra um fradinho de sua sympathia. E, no final, ainda exclama, "com a responsabilidade do seu cargo", como declarou no discurso official do dia 1º, aos deputados: "e fiz muito bem". (...) Porque não requerem eles um concurso publico, a que possam comparecer todos os brasileiros, sem distincção de crenças religiosas ou politicas? Para que essa preferencia anti-scientifica? (p. 1)

Há de interessante também em todo artigo, inclusive nos trechos citados, uma defesa da certa concepção de modernidade que compreenderia, em primeiro lugar, a laicidade, ou laicisismo na linguagem da época - do Estado, e em segundo lugar, a própria noção de república - que deveria ser apoiada em uma constituição leiga e, por fim, a ciência, não religião ou posição política, deveria ditar os interesses do Estado. Certamente não por acaso que para combater o atraso e o misticismo político, o jornalista recorre ao

autor da psicanálise. É que a psicanálise representa, ou começa a representar, nos jornais da época, o moderno.

Dois dias após, em 09 de fevereiro, no mesmo jornal *O Dia*, nº 799, na Seção de Cinema, há outra crônica exemplar. Exemplar porque justamente alocada na seção de cinema e são várias críticas de arte, principalmente literárias e cinematográficas, que recorrem à psicanálise para embasar suas análises. Como se sabe, há certa tradição neste sentido por dois lados que se retroalimentam: ambos, seja o psicanalista que recorre às artes, seja o crítico, ou mesmo o artista, que recorre à psicanálise, se alimentam do fato da cultura do outro. A crítica em referência, primeira encontrada na imprensa curitibana, chama-se: *As obras primas do cinema – o poder da fé* e é assinada por Julio Hauer. O jornalista analisa o filme a partir da religião e cita o Freud de *Totem e tabu*, a partir, digamos, de um ponto de vista original;

> "O poder da fé", poderia chamar-se muito bem, o poder da "auto-sugestão", pois a incontestável influência dos símbolos religiosos, seja qual for a religião, do fetichismo ao monoteísmo, exerce grandiosa influência subconsciente e tal, que a medicina física moderna, baseada nas teorias fecundamente maravilhosas de Kraepelin, o maior alienista alemão e quiçá da atualidade, e de Freud, que com sua psicanálise, combinada com sua matemática teoria do pan-sexualismo, já tem aplicado esses recursos do poder da fé religiosa no tratamento das inúmeras psiconeuroses do vasto museu patológico do arcabouço nervoso da humanidade. (...) Foi em torno desses pontos fundamentais do espírito que girou o notável estudo simbologênico do "tabu" e do "totem" tão lucidamente sistematizado por Freud. (p. 2)

No jornal *O Estado do Paraná*, nº 554, em 23 de outubro de 1926, há longo artigo de meia página intitulado *A critica da psycho-analyse*. É, nesta década de 1920, o texto encontrado mais crítico direcionado à psicanálise. Trata-se de resumo de conferência ministrada na Escola Politécnica do Rio de Janeiro pelo professor Charles Blondel, catedrático da Universidade de Estrasburgo. Bastante crítico à psicanálise, mas sem recorrer a argumentos *ad hominem*, o resumo é rigoroso academicamente, algo incomum no meio jornalístico curitibano. O professor critica os resultados do método de Freud, segundo ele, verificáveis apenas para Freud e seus discípulos, como também critica o que ele chama de noções de instinto e libido e a concepção de uma sexualidade infantil "que parece bem a transferencia legitima á criança de estados mentaes que são próprios do adulto." (p. 6) Somente a teoria do inconsciente é, em parte, elogiada por seu caráter

original. O jornalista resume Blondel: “a psycho-analyse tem o seu lugar, talvez, na filosofia, e, mais certamente, na literatura, mas não na sciencia” (p. 6).

Nas referências apresentadas anteriormente, assim como nas abaixo elencadas, os elogios são significativamente mais numerosos que as críticas. Mais importante, porém, do que contabilizar o sinal negativo ou positivo com que cada artigo citado adjetiva a psicanálise, é observar que, em conjunto, os artigos da imprensa curitibana nos anos 20 se apresentam como um pequeno inventário da maneira como a psicanálise começa a circular no Brasil.

Em primeiro lugar, pode-se constatar a importância gradativa que Freud começa a ocupar nos meios intelectuais brasileiros durante as primeiras décadas do século passado, ilustrando o processo de formação de uma cultura psicanalítica brasileira. É verdade que nem sempre, ou quase nunca, esta importância confere rigor na leitura da obra de Freud. Pelo menos aos olhos de hoje, a leitura da época parece ingênua ou mesmo francamente errônea, mas deve-se acentuar que o espaço analisado é o jornal, isto é, trata-se de veículo mais de divulgação popular e menos de divulgação científica. Mas os jornais, principalmente naquela época em que a maior parte da população brasileira vivia no campo e boa parte dos adultos era analfabeta, se encontram no meio do caminho entre a generalização popular e a especificidade científica. E justamente esta condição singular dos jornais brasileiros permite, talvez, problematizar, ainda que com o devido cuidado, o consenso pouco questionado da recepção da psicanálise no Brasil exclusivamente pela via médica ou artística. Talvez seja melhor falar em uma mistura entre as duas vias, através dos jornais diários e menos numa independência, ou mesmo oposição entre elas. Pelo menos no caso curitibano.

A segunda característica do pequeno inventário das referências à psicanálise na imprensa curitibana dos anos 20 constrói-se a partir da autoridade de Freud endossar no jornal vários argumentos, sejam ou não científicos, para assim contribuir em situar a psicanálise em algum lugar deslizante entre o prestígio intelectual e o apelo popular. Este talvez seja o lugar para o qual o famoso “Freud explica” aponta. E este não é um lugar de resistência à psicanálise. Ao contrário, é lugar de adesão pouco crítica. Nas citações abaixo elencadas, ainda é possível observar o prestígio intelectual de Freud.

Na Edição 1269 de 23 de julho de 1927, o Jornal *O Dia*, presta homenagem ao seu diretor, inflando a sua biografia, inclusive nela destacando, os seus estudos de Freud. Ao

informar que o jornalista e poeta, médico que "clinicou no Rio e em Nitheroy", o Dr. Julio Hauer fazia aniversário e destaca parte de sua biografia como médico:

> No ramo da medicina, dedicou-se aos estudos psychicos e psychiatricos, tendo prompto um trabalho: 'Psycho-neuroses sexuais', em o qual estuda o thema á luz do espiritismo e das concepções de Freud e Kraepelin, e da radioatividade, cujo curso fez na Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, com Madame Curie. (p.1)

Publicada pouco antes da homenagem ao Dr. Hauer no mesmo jornal *O Dia*, nº 1257, em 09 de junho de 1927, a crônica *O paranympho da turma será feitor?*, na Seção *O prato do dia*, contém a única crítica à noção de sexualidade em Freud, comumente associada a uma das causas da resistência à psicanálise. Mas para interpretá-la como uma crítica a Freud, é necessária alguma dose de criatividade. Na verdade trata-se de crítica ao Sr. Lysimaco Ferreira da Costa, que havia elogiado o inimigo do jornal, o senhor Munhoz da Rocha, na formatura das alunas da Escola Normal. De qualquer forma, é interessante o registro:

> E ha charadas de psycho-neuropathologia no discurso do paranympho, como aquelle do "organismo em estado de hygidez completa" (sic!) em creanças com "taras especias", que "cream condições contrárias ao desenvolvimento psychico" (sic!)
>
> Que diabos será isso, Sr. Lysimaco? O Sr., disseram-nos, é professor de psychologia...
>
> Mas isto é uma barbaridade, ó manes – sombras ou almas dos mortos deuses infernais do paganismo crina, cabeloo – de Kraepelin, de Freud, de Juliano Moreira, de Roxo, de Afranio...
>
> Que idéa embute o Sr. Lysimaco no cérebro das professoras, a respeito do que é "organismo em estado de hygidez completa"?
>
> Que medicina futurista é esta? Será isso possível? (p.2)

Freud também era requerido *Nos Dominios dos Occultos*, nome de uma Seção do Jornal *O Dia*. Como habitual, Freud empresta algum prestígio científico a algum tema desta área. O mais correto é afirmar que Freud empresta seu prestígio para diversas áreas, inclusive esta. Na crônica *Altas Provas Scientíficas da Telesthesia de Mme. Flory*, publicada no nº 1313 do referido jornal, em 13 de agosto de 1927, Freud é citado entre estudiosos de "incontestáveis fenômenos telephaticos", mas o destaque é Lombroso, que não aparece na citação, mas no começo do artigo. "Ultimamente o grande psychiatra de

Bologna, Morelli, tem tratado profundamente dos casos, assim igualmente, Charcot, Richet, Freud, para só citar os autores ditos profanos" (p.4)

Na edição 2092 de 17 de novembro de 1928 do Jornal *O Dia* foi encontrada a segunda crítica de cinema que recorre a Freud. Trata-se de crítica elogiosa ao filme *A carne e o diabo* que iria estrear na cidade, com Greta Garbo, "alma de pecadora num corpo belo de mulher satânica", e John Gilbert, "máscula vibração que não resiste ao encantos de femina". "A gente não pode escrever sobre o filme, sem pensar em Freud: naquella sua situação amorosa, naquelle seu instante hypnotico em que o objecto real e desejado, toma o lugar daquillo que elle chama 'o ideal do eu'" (p. 8), escreve o jornalista.

A Seção *Sciencia Amena*, datada em 10 de janeiro de 1929, do jornal O Dia nº 2136 é dedicada ao pensamento de Bergson, Freud e Einstein. A coluna assinada pelo Dr. Fred de Marco, apresenta, digamos, muito resumidamente as ideias dos três pensadores que, para ele, têm um traço em comum ao pertencer à filosofia do conhecimento, ou à psicologia.

> Bergson considera o instincto como o factor propulsor essencial da vida e Freud, com o seu pansexualismo (o instincto sensual é o maior instincto da vida) também. (...) Na physiologia Freud introduziu a idéa como tramma – mas a idéa do amor: um pedaço da vida! (...) "Augusto Murri faz a critica mais limpida e profunda das idéas de Freud. Se não se vive só de pao, não se vive só de amor ou de erotismos que é peor. Do que se vive? (p.2)

Exemplificando em parte o prestígio de Freud, em 07 de maio de 1929, o Jornal *A Republica* publica na seção *Telegrammas*, uma nota referente ao seu aniversário, ocorrido no dia anterior. Trata-se, entretanto, de material proveniente do Rio de Janeiro. "A data de hontem assignalou a passagem do 73º anniversario do sabio professor Freud, fundador da chamada psycho-analyse, nova e interessante sciencia para a qual se volta o mundo culto." (nº 104, p.02).

Ainda no mesmo ano, também no Jornal *A Republica*, nº 294 de 17 de dezembro de 1929, há uma referência a Freud em uma entrevista do inventor italiano Guilherme Marconi. Por desgaste do jornal, não é possível ler exatamente o que o artigo diz, mas sabe-se que Marconi discorda de Freud – parece que o inventor não concorda com o papel que o psicanalista daria à morte. Mas vale ponderar que o inventor não concorda nem

mesmo com a morte, “E tão pouco estou convencido de que a morte seja uma necessidade orgânica” (p.2).

Síntese do que representou a cultura psicanalítica no jornal nos anos 1920, para finalizar e atestar a hipótese de uma circulação da psicanálise *na* cultura, pôde ser encontrada na Edição 57 de 12 de março de 1930, na Seção *Notas e Commentarios*, pequena nota elogiosa denominada *As theorias de Freud*:

> Estão em moda as theorias de Freud. É o scientista da época, assim como Darwin o foi e outros vultos que trazem inovações ao mundo scientifico.
> Freud não é só conhecido pelos medicos e estudantes de medicina. No Rio e em São Paulo é vergonha um acadêmico desconhecer as doutrinas do grande intellectual alemão; em Recife, nas rodas estudantis fala-se tanto de Freud que até parece tratar-se de uma figura nacional.
> As producções do notável pensador alemão estão todas esparsas, donde a dificuldade do completo conhecimento de suas theorias. Recentemente, um dos mais illustres professores da Faculdade de Medicina de S. Paulo, o sr. dr. Franco Rocha (sic), publicou um resumo magnífico dos trabalhos do eminente scientista, contribuindo assim para que, em nossa pátria, melhor se conheça a monumental obra dum dos vultos mais em destaque na sciencia em nossos dias. (p. 2)

4.1.5 Júlio Porto-Carrero: a chegada solene da psicanálise em Curitiba

Primeiro historiador da psicanálise no Brasil, autor dos mais complexos e mais instigantes do limiar da psicanálise no Brasil, Julio Porto-Carrero esteve em Curitiba no derradeiro mês do longínquo ano de 1927, para apresentar a sua tese *O caracter do escolar, segundo a psicanálise* na *I Conferência Nacional de Educação*.

Seu trabalho, provavelmente, foi o primeiro contato acadêmico, mais rigoroso, que os intelectuais e educadores curitibanos tiveram com a psicanálise em sua terra natal. Se os jornais difundiam certa psicanálise, distante da vida prática da cidade, a Conferência de Porto-Carrero apresentava uma psicanálise que poderia ser útil na cidade, mais próxima dos problemas que enfrentava.

Não foi uma Conferência qualquer. O estado do Paraná estava muito orgulhoso em receber a *I Conferência Nacional de Educação*. A cerimônia de abertura, não por acaso, deu-se no dia 19 de dezembro e foi o principal ato entre as comemorações pelo 73º

aniversário de emancipação da ex- província de São Paulo. Quem a presidiu, às 20 horas no teatro Guaíra, foi Caetano Munhoz da Rocha, presidente do Estado do Paraná, e nela estavam presentes diversas autoridades civis, eclesiásticas e militares, além de João Moreira Garcez, prefeito de Curitiba e de Lysimaco Ferreira da Costa, Inspetor Geral do ensino do Paraná e principal responsável pelo êxito do Estado em conseguir sediar a conferência organizada pela ABE – Associação Brasileira de Educação.

Nas poltronas do teatro se acomodavam, além dos quatrocentos congressistas e trezentos alunos da Escola Normal Secundária de Curitiba, aproximadamente mais duas mil pessoas. Não se sabe exatamente as razões que levaram ou permitiram aos organizadores do evento convidar um psicanalista para apresentar a psicanálise aos educadores, mas isso, de qualquer modo, é mais um exemplo do elo entre psicanálise, medicina/psiquiatria e pedagogia naquela época e de certo prestígio que a psicanálise gozava. E Porto-Carrero (1932) não tergiversou.

Desde o começo da conferência, o psicanalista não só bateu forte na escola antiga, nos seus métodos para ele ultrapassados como apresentou o antídoto para problema: "a moderna psicanálise que abriu novos horizontes para o estudo dessas pequeninas almas". Mas não só isso. Carrero dividiu em *caracteres* ou tipos os alunos brasileiros e as professoras, parte maior da plateia, descobriram que, por exemplo, "o chamado complexo de castração entra quase obrigatoriamente na gênese dos tímidos e se pesquisardes os complexos recalcados do aluno sonso, do dissimulado, haveis de notar que ele é, até certo ponto, um narcísico", aprenderam também que "querer impedir que uma criança travessa se movimente na carteira, que desvie dos livros a atenção, que se levante a qualquer pretexto é exigir-lhe que recalque as tendências libidinais, em vez de transforma-las; e assim outra transformação se dará, no entanto, à custa da *rêverie* mórbida e da neurose" e aprenderam ainda "que os alunos reclamantes são a classe mais perigosa dos rebeldes. Cheios de si, amantes do seu eu, são homossexuais, na sua mór parte, ainda que não tenham realizado essa tendência".

Suas conclusões são pontuais e diretas, objetivas e utilitárias: a) o professor deve ser interessado no estudo da psicanálise, b) urge fazer a educação sexual, c) é necessário vulgarizar a psicanálise, em direção, sobretudo, aos pais e d) para atender à diversidade dos caracteres do aluno, a educação também carece de diversidade.

Trata-se de um momento simbólico em que a psicanálise encontra um lugar que a recepcione e passa a circular oficialmente pela cidade, demonstrando que a forte aspiração higienista marca esse início da psicanálise em Curitiba. O início, se não de uma psicanálise institucionalizada, de uma cultura psicanalítica. O encontro casual com esta informação, no transcorrer da pesquisa[6], amparou não apenas o abandono da circunscrição temporal como a inclusão da ideia de *surgimento e difusão da cultura psicanalítica em Curitiba*, cujos primeiros desdobramentos são esboçados na presente tese.

4.2 Difusão da Psicanálise em Curitiba: entre cultura psicanalítica e institucionalização

No transcorrer da década de 1960, as ideias de Freud, provavelmente, circulavam com certa desenvoltura pela "boca maldita" da intelectualidade curitibana, formatando certa recepção à sua obra, mas a psicanálise não estava ainda institucionalizada e nem havia o psicanalista curitibano, ou seja, aquele profissional que pagava a gasolina e a escola dos filhos, a matinê no Cine Palácio e as férias no balneário de Guaratuba com os honorários que recebia de seus pacientes. Se houvesse, era menos o psicanalista, tal como hoje o definimos, e mais o médico que adotava alguma das ideias, e quiçá, das técnicas de Freud no seu trabalho cotidiano. São as histórias deste processo de transição de uma cultura psicanalítica precária e desinstitucionalizada para uma psicanálise institucionalizada (que por isso também contribui para uma cultura psicanalítica mais sólida) que são narradas neste momento da tese.

É apenas no final da década citada, e o ano de 1975 é paradigmático neste sentido, que os diversos agentes do processo concorrem e efetivamente dão início à institucionalização da psicanálise na cidade, o que levará em conta classes de profissionais, movimentos destas classes, encontros e desencontros de pessoas, movimentos da cidade, manifestações da imprensa, o acaso, etc.

Para evitar narrar apenas as histórias do que se convencionou chamar movimento psicanalítico, em geral histórias restritas às associações de psicanalistas, neste trabalho entende-se por institucionalização da psicanálise não apenas o processo que culmina na

[6] Da mesma maneira, posteriormente, também foi o encontro casual, ou uma ideia fortuita talvez, quando eu pesquisava outra informação na Biblioteca Pública do Paraná, que tive a ideia de bisbilhotar jornais curitibanos dos anos 20. Embora a questão da cultura psicanalítica já fosse pensada na tese.

formação das associações. São considerados também os processos ou os movimentos da psicanálise em outras instituições. Instituições em que a psicanálise não é o foco, nem o centro. Universidades, faculdades, instituições de saúde mental e mesmo de instituições genéricas de saúde, como hospitais, são exemplos de lugares pelos quais a psicanálise se movimenta. Além disso, neste ponto, o surgimento do profissional psicanalista é ponto central. Porque parte do critério arbitrado aqui para a institucionalização da psicanálise é o oferecimento à população da cidade de atendimento analítico ou tratamento fortemente inspirado nas bases da psicanálise. Clínico é, portanto, elemento de distinção. Não basta ser apenas professor ou teórico, neste momento do trabalho, para ser considerado psicanalista. Mas também não é uma definição restrita: há, por certo, trabalho clínico no consultório tradicional, como há também nas instituições de saúde mental, mesmo em clínicas universitárias.

O processo de institucionalização da psicanálise curitibana inicia em meados dos anos 60 e se avoluma até a década de 1980. A institucionalização para brotar carece de solo fértil, formalizado por uma cultura e certa tradição na qual as ideias psicanalíticas possam circular livremente. Rigorosa ou diletantemente pouco importa. O rigor teórico e clínico virá, ou deve vir pelo menos, com a institucionalização. E a institucionalização, por seu turno, não é um processo estanque composto por uma única ação. É um movimento múltiplo e concomitante composto pelos mais diversos agentes. Agentes do processo englobam largo espectro, porque se classes profissionais e movimentos destas classes podem ser alocados em primeiro plano, o acaso com encontros e desencontros entre pessoas também pode movimentar a psicanálise pela *pólis*, ainda que de maneira não institucionalizada. Assim, a psicanálise se apresenta mais em trânsito que estacionada e mais à margem dos processos de institucionalização do que efetivamente dentro ou efetivamente fora, como será abordado adiante, a partir das considerações de Luís Cláudio Figueiredo.

Parte da opção adotada como narrativa neste momento da tese em que se busca efetivamente narrar as histórias da psicanálise em Curitiba intenta mimetizar esta margem. Quando *não* se divide em tópicos definidos, por exemplo; a) a história de um determinado curso de psicologia ou b) a história de uma determinada escola de psicanálise, pode-se observar com a maior clareza possível, dentro das limitações impostas pela escrita de uma tese, que os movimentos da psicanálise na cidade são contínuos, misturados e alternados

como causa e consequência, moldados tanto por movimentos pouco mais previsíveis porque intrínsecos à psicanálise como moldados também pelo acaso e por movimento alheios à psicanálise, em geral atribuídos à cultura local. Quando se utiliza "cultura psicanalítica" nesta tese, se atribui também, cabe lembrar, à somatória destes movimentos históricos esta noção.

Com alguma inspiração na cartografia deleuziana (Deleuze e Guatarri, 2000), a imagem resultante de nosso percurso aproxima-se mais a um rizoma. Partimos de alguns elementos da psicanálise na cidade de ondem surgem os brotos de uma institucionalização formal. Como dois troncos principais que o originam, o que chamamos de "psicologização" da psiquiatria e o processo de reconhecimento da profissão de psicólogo. Os grupos de estudo de estudo que surgiram na cidade, seriam ramificações mais ou menos desordenadas destes troncos principais.

Em Curitiba, durante a década de 1970, a psicanálise não se encontra tão institucionalizada, como no Rio de Janeiro, a ponto de psicanalistas publicarem artigos específicos em jornais. (Isso ocorrerá somente na década posterior no Jornal de Cultura *Nicolau* ligado à Biblioteca Pública do Paraná). Mas é preciso considerar as diferenças de tamanho e importância entre as duas cidades, sobretudo naquele momento. De qualquer modo, em 23 de dezembro de 1974, o jornal *Gazeta do Povo* publica uma matéria intitulada *Agora é moda estudar psicologia* que parece denunciar certo "espírito da época[7] em Curitiba" no qual também está em voga o saber psicológico. O livreiro Chaim (2013) proprietário da tradicional *Livraria do Chaim*, ao lado do chamado prédio da Reitoria da UFPR confirma esta impressão. Ele falou que a década de 70 foi muito boa para venda de livros de psicologia e psicanálise, é incomparável com o momento atual e explicou que deve ter sido a chegada dos três cursos de psicologia na cidade[8].

A explicação do livreiro coaduna com as hipóteses de diversos outros autores logo abaixo citados sobre a década de 1970. Como Curitiba está entre as cidades brasileiras nas quais a difusão da psicanálise acontece junto com o *boom* das "práticas *psi*" nos anos 70, é possível elencar pelo menos duas consequências daí decorrentes: a relação entre psicanálise e psicologia e a forte presença do Movimento Lacaniano na cidade. Ambas não são exclusividade de Curitiba e antes de permitirem grandes ilações no caso

[7] Neste momento adoto a expressão espírito da época, mas no transcorrer deste capítulo esta expressão será substituída.

[8] Informação fornecida pelo livreiro Chaim, em sua livraria em Curitiba, em 2013.

curitibano, exemplificam porque os anos 70 são mesmo o grande palco da complexificação da psicanálise brasileira.

4.2.1 Boom da psicanálise brasileira na década de 1970

A década em que os brasileiros "começaram" a viver em grandes cidades e a conviver de forma mais próxima com a pobreza e a violência urbanas, foi também a década da expansão da psicanálise no Brasil (RUSSO, 2002, MEZAN, 2002, FIGUEIREDO, 1984). O chamado *boom* da psicanálise no Brasil (MASCARENHAS, 1978, FIGUEIRA, 1991), é bom lembrar, não é só da psicanálise, mas engloba outras terapêuticas-*psi* (RUSSO, 1993).

Eduardo Mascarenhas, em artigo intitulado *O boom da psicanálise e a consciência nacional*, publicado no *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, no dia 12 de fevereiro de 1978, ocasião em que provavelmente cunhou a expressão, busca discutir, ou melhor, abrir a discussão para a sociedade de um projeto de lei que pretendia naquela época restringir a prática da psicanálise para médicos e psicólogos. Mascarenhas especula, por exemplo, que em nenhum lugar do mundo, guardadas as proporções de população e renda, se faz tanta análise de grupo como no Rio e São Paulo e situa o início do *boom*, dez anos antes, portanto, em 1968.

O artigo é curioso, especulativo e carregado de vaticínios, mas é, sobretudo, interessante como retrato da época. Se os vaticínios não se concretizaram como, por exemplo, a consolidação da psicologização ou psicanalização (Mascarenhas fala muito em psicologização, mas subordina as psicologias à psicanálise) da psiquiatria e da medicina, que Mascarenhas entende que já ocorre naquele momento no Rio, por outro lado, ele testemunha como a psicanálise se insere em quase todos os campos da vida social, desde o Direito até o jornalismo, passando pela vida acadêmica e pelas telenovelas.

Vejo, além disso, três principais méritos no artigo. Além do já citado testemunho, o segundo é a sua vontade de discutir com a sociedade os efeitos da psicologização no Brasil, para além dos consultórios e escolas, e o último é a provocação que faz à psicanálise brasileira, incapaz de dar respostas aos problemas brasileiros daquele momento e, até mesmo, de efetuar perguntas relevantes para ajudar a compreender os problemas brasileiros daquela época.

As respostas e as perguntas que a maioria dos psicanalistas da época não fornecem e não propõem ao Brasil, parecem passar, entre outras coisas, pelo desconhecimento da razão para o *boom* da psicanálise naquela década de 1970.

Talvez seja bom lembrar que o Brasil atravessou toda aquela década sob a ditadura militar, mais do que isso, entrou em 1970 sob o AI-5 de dezembro de 1968 que duraria até 1978. A anistia que caracteriza o fim da época mais dura do militarismo no Brasil, pós golpe de 1964, só ocorreria em 1979. E mesmo que os generais Ernesto Geisel e João Batista Figueiredo, que governaram respectivamente entre 1974 e 1979, e 1979 e 1985, não fossem considerados da "linha dura militar", o governo do general Emílio Garrastazu Médici (1969-1974) foi, talvez, o mais repressivo, o mais duro do pós-64.

Simultaneamente, a década de 1970 foi também, sobretudo em seu início, a década do milagre econômico, das modernizações tecnológicas dos meios de comunicação e do sentimento de unidade nacional. No campo dos costumes, é a década pós-maio de 1968, de gradativas aberturas no campo da liberdade sexual, do movimento hippie e de formas de contracultura que, entre outros, questionam valores como a família, a igreja e o patriarcalismo e contestam a organização sexual e o consumismo na sociedade.

Cecília Maria B. Coimbra (1992, 1993) é uma das raras intelectuais que busca entender o *boom* da psicanálise durante os anos 70, articulando movimentos contraculturais, o milagre econômico, tortura e a ditadura militar. A autora começa seu raciocínio afirmando que a geração de 68 no Brasil entra nos anos 70 resistindo à ditadura brasileira de duas formas gerais, pela luta armada e pelos movimentos de contracultura. No entanto, para ela o Estado "aprende a se fortalecer graças às debilidades dessas lutas institucionais" (COIMBRA, 1993, p. 60). No caso do Estado brasileiro, massacrando a luta armada e quanto aos movimentos contraculturais, integrando-os para, desta forma, "anulá-los ao reconhecê-los". À tortura institucionalizada cabe uma função importante: ela produz, como dispositivo social, uma subjetividade ancorada no medo. "Pelo medo, (a tortura) leva a um torpor social, a uma cumplicidade, a uma omissão". Assim, medrosas, as pessoas da década de 70, para ela, tendem a dar o que o Estado brasileiro, indissociável naquele momento do capitalismo monopolista, quer delas, adesão acrítica ao consumo:

> Não é por acaso que é esta época em que mais se tortura, se persegue opositores, se sequestra, se assassina, é também a época do "milagre

> brasileiro". Quando se vende a imagem da "ilha de tranquilidade", de "progresso", de "bem-estar", de "euforia", tanto interna como externamente.
> Esta "ilha de tranquilidade" é um lugar extremamente atraente para o capital monopolista internacional. (...) As subjetividades então produzidas traduzem-se pela importância que é dada ao consumismo, à necessidade de se ascender socialmente; "subir" na vida torna-se uma palavra de ordem. Acredita-se na excelência do sistema e as pessoas creem que dependem de suas virtudes pessoais, seus méritos para "subir". (COIMBRA, 1993, p. 60-61) (grifos no original)

Parte da "ilha de tranquilidade" não é apenas em função do milagre brasileiro. A família, quando competente para transmitir seus valores de ascensão social aos seus filhos, seria também outra "ilha de tranquilidade":

> Há nesse momento, toda uma preocupação com a família; fala-se de sua importância como mantenedora de uma sociedade saudável, de uma sociedade onde o controle e a disciplina estão presentes e ela – a família – deve cooperar nisso. (...) Se algum militante é sequestrado, torturado ou assassinado; se algum hippie após experiências com drogas não retorna da "viagem"; eles e suas famílias são os responsáveis e não o estado de terror que grassa em toda a sociedade. As famílias aceitam tal discurso, culpabilizando seus filhos e culpabilizando-se, acreditando plenamente que algo está errado. (COIMBRA, 1993, p. 63-64) (grifos no original)

É justamente neste ponto – da ênfase na responsabilidade individual – que nasceria, junto com o esvaziamento político, a psicologização do cotidiano e da vida social. É mais ou menos desta maneira que Coimbra explica o *boom* do discurso psicologizante, característico, sobretudo, das camadas médias urbanas, nos anos 70, no Brasil.

> Com esse profundo intimismo, com essa "tirania da intimidade", qualquer angústia do cotidiano, qualquer sentimento de mal-estar existencial, são imediatamente remetidos para o território da falta onde os especialistas "psi" estão vigilantes e atentos para resgatar suas vítimas. (...) pois diferente do padre e do médico, ele com sua providencial neutralidade simplesmente "verifica o desejo do seu cliente". Portanto, no chamado "discurso da competência" os técnicos e especialistas aparecem como os que entendem do assunto, possuem o saber, verdadeiros iluminados, detentores do conhecimento "científico", "rigoroso", "objetivo" e "neutro". (...) Dois grandes vetores são aqui utilizados e, em função deles, tais temas são produzidos e fortalecidos: a *modernização* e o desenvolvimento, de um lado, e a segurança nacional, de outro. (COIMBRA, 1993, p. 66-67) (grifos no original, exceto em modernização)

Dois temas se sobrepõem a partir da análise de Coimbra. Em primeiro lugar, há o novo, representado nos movimentos de resistência ao *status quo*.

Se o raciocínio de Coimbra estiver certo, corroborado pela impressão de Mascarenhas que foi a partir de 1968 que aconteceu o crescimento das terapias "psi", é curioso pensar porque a psicanálise, justamente neste momento da vida social brasileira, volta à tona ou ganha mais espaço.

A tentativa de resposta de Coimbra ao articular repressão e medo, de um lado, individualização (como proteção contra a sociedade) e família (como o exemplo mor de proteção), de outro lado, explica em parte o *boom* da psicanálise na década, porque esta se articularia como o artificio do *status quo* tanto no diagnóstico quanto no prognóstico do problema visto pelo ponto de vista do Estado brasileiro – ou mesmo da maior parte da sociedade brasileira – ou seja, o problema para o estado é o próprio questionamento do *status quo*. E o psicanalista ou o profissional "psi" veria a doença, como tratável, diminuindo quaisquer formas de questionamento desse *status quo.*

No entanto, a hipótese de Coimbra só dá conta de um lado do pós-68 no Brasil, o aumento da repressão. Há também o pós-68, que mesmo na repressão brasileira, é o pós-68 da contracultura, da contestação, das resistências. No Brasil, é ainda o pós-68 da Tropicália e do Cinema Novo. É verdade que talvez este tipo de contracultura não faça oposição ao individualismo, mas ao consumo parece fazer, e a explicação de Coimbra parece frágil neste aspecto da questão.

Talvez a resposta seja encontrada quando se articula a questão da contestação, da resistência com o segundo tema implicado na análise de Coimbra, que é novamente o tema da *modernização* da sociedade brasileira.

Assim como houve entre o final do século XIX, início do XX, um processo modernizador na sociedade brasileira, nos anos 70 há uma espécie de retomada deste processo. Curitiba, pelas suas mudanças urbanísticas e pelo crescimento vertiginoso, é um exemplo desta retomada. O curioso é que, novamente, a psicanálise está presente, acompanhando, ou dando suporte científico no processo modernizador brasileiro. Agora, porém, embora passível de comparações com o que se deu no início do século XX, trata-se de um processo modernizador mais complexo: concomitantemente, a psicanálise entra como mantenedora do *status quo* e como questionadora, como resistência ao *status quo*.

Mantenedora por guardar resquícios da maneira como ela entra no Brasil, mero instrumento da psiquiatria higienista (aqui talvez estejamos vendo uma das marcas curiosas que produziriam efeitos em sua ética e em sua técnica, da qual nos apontou o já citado Joel Birman) e questionadora por também guardar resquícios de sua entrada via Modernismo Paulistano de Mário e Oswald de Andrade. E na entrada via Modernismo, é bom ressaltar, não completamente destituída de suas características de questionamento à psiquiatria tradicional. Mais do que isso. Questionadora também, porque embora comprometida com o *status quo* (e o melhor exemplo para isso é o caso do psicanalista torturador Amílcar Lobo no Rio de Janeiro) começam a existir resistências institucionais dentro da psicanálise ao *status quo.* A própria psicanalista denunciante do fato Helena Besserman Vianna (1994) e a matéria *Os barões da psicanálise* publicada no *Jornal do Brasil* em setembro de 1980, contendo críticas de Eduardo Mascarenhas, Hélio Pellegrino e Wilson Chebabi à direção da Sociedade de Psicanálise do Rio de Janeiro (SPRJ) são exemplos de resistência.

É simplista imaginar que todos, ou mesmo boa parte, dos psicanalistas do período, usariam a sua neutralidade e cientificismo para adaptar seus pacientes a uma nova vida individualizada e consumista e é mais razoável pensar que a psicanálise ao mesmo tempo adaptada e instrumento de adaptação é também contestatória tanto no plano individual como no coletivo. A psicanálise desta forma também vive num plano de paradoxo e contradição, movida por desejos de mudanças e pelo terror da fragmentação e desintegração, justamente por isso, modernista nos termos de Marshall Berman, porque de alguma forma a psicanálise se sente em casa em meio ao redemoinho dos anos 70.

Com esta explanação pretende-se simplesmente tentar apresentar parte do contexto social brasileiro nesta época, na qual a psicanálise curitibana se insere. Mas não se pode esquecer que se trata, mais ou menos, de pano de fundo. Existem outros elementos que contribuíram para a complexificação da psicanálise brasileira naquela década: o surgimento e expansão das faculdades de psicologia no Brasil, a chegada e começo da institucionalização do Movimento Lacaniano vindo, principalmente, de duas maneiras para o país (via argentinos no Brasil e via brasileiros que se deslocam para Argentina e França para estudar psicanálise), e como corolários destas duas, a disputa política entre psicólogos e médicos no seio das instituições clássicas de formação de

analistas e as consequências da ditadura militar argentina na psicanálise tanto naquele país quanto no Brasil.

4.2.2 Os caminhos da psicanálise pela via da "regulamentação da psicologia"

A década de 1950 nasce no Brasil com o debate sobre o processo de regulamentação da profissão de psicólogo no Brasil recém-iniciado. Movimentações dos profissionais da psicologia ocorreriam, com maior e menor profundidade e organização, durante toda a citada década até, pelo menos, 1962, ano da aprovação da Lei 4.119, que regulamentou a profissão de psicólogo no Brasil. Ilustram este processo, segundo Silva Baptista (2010, p. 173), as palestras proferidas, respectivamente em junho e dezembro de 1949 na Associação de Psicologia de São Paulo. A primeira, "por Anita Cabral intitulada *A profissão do psicólogo e a associação de psicólogos norte-americanos: sugestões para a organização de nossa sociedade*", e a segunda, "por Betti Katzenstein, *Impressões de viagem de estudos a centros europeus*."

A Associação de Psicologia de São Paulo, na época Sociedade de Psicologia de São Paulo, fundada em 1945, segundo informação disponível em seu site oficial, "contribuiu significativamente para a regulamentação da Profissão de Psicólogo, bem como para a criação do Conselho Federal de Psicologia e dos Conselhos Regionais de Psicologia, no país".[9] Uma parte desta contribuição acontece em 1952, quando esta Sociedade instituiu uma comissão sobre a carreira do psicólogo, da qual fazia parte a psicanalista Virgínia Bicudo, a fim de realizar estudos e debates para caracterizar a profissão no Brasil. Outra parte continua durante a década de 1950, naquele momento pré-regulamentação da profissão, através da publicação em seu Boletim de Psicologia, de artigos e palestras nos quais os profissionais, em regra, apresentam os modos como a psicologia é exercida fora do Brasil e propõem parâmetros para a regulamentação da profissão.

Fazem parte deste rol de documentos: 1) o artigo de Oswaldo de Barros, publicado em 1951, sobre aspectos da orientação profissional na Europa; 2) um memorial de uma aluna de Filosofia da USP, Elza dos Santos Lima, entregue no *Segundo Congresso*

[9] Disponível em http://www.psicologiasp.org.br/ Acesso em 13 mai. 2015.

Estadual de Estudantes, em 1950, reivindicando a criação de uma seção independente para a Psicologia, separada do curso de Filosofia e de um laboratório para a mesma área e também a regulamentação da profissão de psicologista; 3) uma palestra proferida em 1952 por Maria José Garcia sobre as tendências atuais da Psicologia na França; 4) o texto que Arrigo Angelini escreveu sobre a Psicologia em algumas universidades americanas; 5) o registro das conferências de Aniela Ginsberg sobre impressões de visita a centros de psicologia europeus, proferida em 1952; 6) as impressões de viagem de visita a centros de psicologia que Carolina Bori publica em 1952; 7) a palestra de Noemy Rudolfer com o título *Da legitimidade da função do psicólogo clínico e das clínicas psicológicas*; 8) a palestra de Anita Cabral, *Formação do profissional em Psicologia;* 9) A palestra de Madre Cristina, publicada em 1955, sobre impressões de uma viagem de estudo na França (SILVA BAPTISTA, 2010).

Estas manifestações que ocorreram em São Paulo nos anos 50 parecem exemplificar o debate profícuo que aconteceu no Brasil naquela época e que culminou com o reconhecimento da profissão de psicólogo ou psicologista, como se falava na época, em 1962. Grande parte dos profissionais acima relatados esteve em Curitiba, por ocasião do *Primeiro Congresso Brasileiro de Psicologia*, evento dos mais importantes para a regulamentação da profissão de psicólogo no país. Ginsberg (1954, p. 106) relata: "No Congresso foi elaborado um projeto de formação de psicólogos e de codificação da profissão, encaminhado ao Ministro da Educação e Cultura".

Psicanalistas Difusores

Existem vários estudos de histórias da psicologia ou da psicanálise que descrevem esta atmosfera nos anos 50, na qual ecoam vozes reivindicando a regulamentação da profissão de psicólogo. São trabalhos que apontam o esforço dos profissionais da psicologia pelo reconhecimento da profissão e a forte resistência médica para não dividir o mercado clínico (RUSSO, 2002; OLIVEIRA, 2005**).**

Menos observada e problematizada nestes trabalhos ou depoimentos relativos à época, mas de interesse para esta tese, é a participação de psicanalistas pioneiros da psicanálise, conhecidos por suas participações na difusão da psicanálise do Brasil neste processo. Enquanto as histórias da psicologia, em regra, e nem seria mesmo necessário ser

diferente, apenas descrevem os nomes dos participantes deste processo, as histórias da psicanálise, também regra geral, contornam esta relação entre a psicanálise e os eventos que sustentaram a profissionalização do psicólogo no Brasil. Fica a critério do leitor das histórias de psicologia, neste tema específico, saberem ou não se o sujeito citado neste processo que durou perto de uma década é psicanalista ou não, mesmo porque a psicanálise é geralmente pensada apenas como uma linha teórica da psicologia. Assim, os leitores dos livros de história da psicanálise no Brasil encontrarão quase sempre os dilemas envoltos na relação, seja tensa ou não, entre a psicanálise e a psiquiatria e quase nunca encontrarão problematizados a participação de psicanalistas no processo de reconhecimento da profissão de psicólogo no Brasil.

Para esta tese, no entanto, o tema é de certo interesse porque antecipa em aproximadamente duas décadas o debate sobre a forte relação que há entre a psicanálise e a psicologia no Brasil, ampliando o estudo das relações que a psicanálise mantém, nos anos 70, com as faculdades de psicologia no Brasil para as relações que mantém, no anos 50, com o processo de profissionalização e reconhecimento da profissão de psicólogo no Brasil. Além disso, sobretudo, a participação de psicanalistas neste processo, enquanto difusores da psicanálise e do pensamento de Freud, introduz mais um elemento na construção da cultura psicanalítica no Brasil.

Não que o tema seja inédito, mas intrigante porque pouco explorado. Olhado com atenção é quase óbvia a relação: a psicologia no Brasil, ou em qualquer lugar do mundo ocidental, pelo menos em termos clínicos e teóricos teria enormes dificuldades em prescindir do pensamento de Freud. Ainda assim, porém, a participação de psicanalistas importantes na história da difusão do pensamento psicanalítico no Brasil parece apontar um lugar ambíguo para estes psicanalistas[10], sobretudo os médicos (que eram a quase totalidade), em termos políticos, no qual não apenas se aceita a divisão de poder e mercado, como se abre mão de um lugar seguro política e economicamente na psiquiatria, para um lugar destituído do mesmo status social. Ao endossar o nascimento de uma nova profissão no Brasil, médicos como Durval Marcondes e Darcy de Mendonça Uchôa

[10] Ambiguidade não completamente dissolvida hoje no que tange à função social do psiquiatra, do psicólogo e do psicanalista, pelo menos para boa parte da sociedade em geral e para as pessoas que precisam de atendimento em saúde mental.

parecem comprar uma briga difícil não apenas com a psiquiatria, mas com todo o corporativismo médico. Até porque havia, nesta época no Brasil, uma só psicanálise, a reconhecida pela IPA, e Marcondes e Uchôa estavam neste lugar seguro. Fora disso, havia apenas uma cultura psicanalítica em construção, destituída de oficialidade, na qual o pensamento de Freud e a psicanálise circulavam, com maior ou menor liberdade, com maior ou menor rigor. E mesmo que a psicanálise fosse tratada como mera técnica auxiliar da psiquiatria tradicional, a recepção na psicologia, embora diferente, não era recheada de louros. Na psicologia, a psicanálise não passava, como ainda não passa, de mais uma linha teórica.

Foge muito dos propósitos nesta tese, avançar na busca das razões que fizeram psicanalistas consagrados, "oficializados" pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e médicos com carreira proeminentes na psiquiatria brasileira, contribuir para a profissionalização dos psicólogos no Brasil. Fica apenas o registro, mas, para além de notar o fato, pode-se pensar nestes psicanalistas, como agentes da difusão da cultura psicanalítica no Brasil. Ao menos, em Curitiba, cidade na qual a psicanálise circulava, naquela época, mais na imprensa e menos nos meios médicos. Além disso, dado seu pequeno tamanho na época, a cidade era muito receptiva aos grandes eventos científicos nacionais. Aqui, cabe uma informação que será detalhada nesta tese: o psicanalista Eduardo Etzel esteve em Curitiba no ano de 1963 ministrando um Curso de extensão universitária. Assim, através destes psicanalistas importantes, a psicanálise oficial, ao que parece, transmuta-se em agente da difusão da cultura psicanalítica, através da psicologia, sobretudo em cidade menores que o Rio e São Paulo.

Além dos já citados médicos Durval Marcondes e Darcy Uchôa, outro médico que se tornaria psicanalista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, Bernardo Bley Neto (1918-1993), também esteve em Curitiba por ocasião do Primeiro Congresso de Psicologia. Aos médicos, se soma a psicanalista não médica Virgínia Leone Bicudo, que, como anteriormente citado, já fazia parte de uma comissão sobre a carreira de psicólogo na Associação de Psicologia de São Paulo. Bicudo, embora não médica, é psicanalista entre as mais conhecidas na história da psicanálise no Brasil. Aliás, Bicudo, Marcondes e Uchôa são "fundadores do primeiro núcleo psicanalítico da América Latina,

o Grupo Psicanalítico de São Paulo, constituído oficialmente em 5 de junho de 1944" (CAMPOS, 2001, p.88).

Primeiro Congresso Brasileiro de Psicologia em Curitiba

O Primeiro Congresso Brasileiro de Psicologia aconteceu entre os dias 1º e 07 de dezembro de 1953, no salão nobre do Colégio Estadual do Paraná, organizado e presidido pelo professor de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Paraná, Gabriel Munhoz da Rocha. O Primeiro Congresso Brasileiro de Psicologia foi também o II Congresso Latino-americano de Psicologia e contou com a participação de psicólogos argentinos, chilenos e uruguaios.

Existem dois documentos mais completos sobre o Congresso, publicados em 1954 nos Arquivos Brasileiros de Psicotécnica: um documento apócrifo publicado no noticiário, intitulado *II Congresso Latino-americano de Psicologia* e outro assinado por Aniela Meyer Ginsberg, intitulado *Impressões do Primeiro Congresso Brasileiro de Psicologia*.

No noticiário da Associação Brasileira de Psicotécnica (1954) é possível observar a participação de psicanalistas: 1) Entre as "conferências solenes", estava a ministrada por Darcy Uchôa, *Sobre a psicologia da angústia*; 2) "os Drs. Durval Marcondes, Armando de Arruda Sampaio e Eurípedes Constantino Miguel deram 4 aulas sobre diversos aspectos da psicoterapia"; 3) Na comissão de Psicopatologia, psicoterapia e psicanálise, "a Profa. Virgínia Leone Bicudo apresentou o trabalho *Contribuição da Psicanálise para a Compreensão da Criança Problema* e o Dr. Bernardo Blay Netto, o trabalho *Psicodrama"*.

Ginsberg (1954, p. 107) é mais crítica e menos elogiosa que o documento apócrifo. Ela critica principalmente o caráter popularizador tanto das conferências, entre as quais se encontra a do Dr. Darcy de Mendonça Uchôa, quanto dos cursos, entre os quais está o ministrado por Durval Marcondes:

> Estes cursos, em geral de caráter popularizador, pareciam destinados mais a estudantes que a especialistas. Também as conferências da noite pareciam feitas para o grande público e, com poucas exceções, não apresentavam novidades interessantes.

Confirmando estes movimentos na direção da regulamentação da profissionalização do psicólogo no Brasil, no final da década de 40 e início da década de 50, começaram a funcionar alguns cursos de especialização na área de Psicologia, mas não há registro de especializações em Curitiba nesta época.

Em São Paulo, o primeiro foi o de Psicologia educacional, organizado pela cátedra de Psicologia Educacional da USP no ano 1947. Em 1953, foi organizado, na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Sedes Sapientiae, o de Psicologia Clínica. Também na USP foi organizado um de Psicologia Clínica no início em 1954. No final da década de 50, a matéria denominada Ensino, publicada na *Revista Ciência e Cultura* (Marcondes, 1959), traz algumas informações fornecidas por Durval Marcondes sobre esse curso de especialização em Psicologia clínica. O relato menciona a psicoterapia dos alunos como um novo método de ensino, nos moldes dos que existiam nos institutos de formação psicanalítica. Durval defende tal proposta, dizendo que assim os alunos estariam sendo preparados para atuar com os pacientes que os procurariam, e sugere, ainda, que esse método deveria ser usado com todos os profissionais que se envolvessem com aspectos emocionais da relação interpessoal (médicos, psicólogos e assistentes sociais). Em Porto Alegre, no mês de junho de 1953, foi criado na PUC/RS um curso de especialização em Psicologia, que se propunha a dar formação para profissionais que quisessem trabalhar na área.

Pereira e Pereira Neto (2003, p. 23) consideram que, com a regulamentação da formação dos especialistas em Psicologia, “iniciou-se oficialmente o exercício dessa profissão. Assim, a profissão legitimou-se academicamente para lutar pelo domínio de segmentos importantes no mercado de trabalho” Para eles, essa situação foi um dos fatores que impulsionou os movimentos que buscavam a regulamentação da profissão.

A psicanálise “oficial” segue caminho distinto, ligado à normatização da formação preconizada pela IPA, e que resultará no único documento normatizador da profissão no Brasil, de 1957. O Aviso Ministerial n. 257 contempla o “exercício de psicanalistas leigos, não-médicos, desde que fossem formados e credenciados pela IPA”, embora ainda restasse a “necessidade de um médico indicar o tratamento e se manter responsável por ele” (Amendoeira, 2009, p. 26). No entanto, a presente tese busca mostrar

outros elementos em jogo na formação do ofício do psicanalista, intimamente articulado ao estabelecimento da profissão de psicólogo e à difusão de uma cultura psicanalítica, a psicologização da psiquiatria e, mais tarde, com a chegada de Lacan ao Brasil. Optou-se, no entanto, por apresentar estes dados, porque para além de aventar a hipótese dos psicanalistas difusores da psicanálise através da regulamentação da profissão do psicólogo, é bom que o leitor menos inserido nestas discussões tenha claro que os parâmetros da profissão de psicólogo e do ofício de psicanalista são distintos.

A inserção da psicanálise na psicologia brasileira e paranaense

De qualquer forma, mesmo quando a psicanálise é entendida apenas como linha teórica da psicologia (como a psicologia tende a fazer), é interessante observar a sua participação entre as psicologias clínicas. Assim, os dados recentes sobre a atuação do psicólogo no Brasil demonstram o reconhecimento da relação entre a psicanálise e a psicologia. E, além disso, se não põe em xeque a propalada resistência à psicanálise, no mínimo, apresentam dados para reflexão.

A primeira pesquisa em âmbito nacional sobre o perfil do psicólogo no Brasil foi realizada em 1987, 25 anos após a regulamentação da profissão de psicólogo no país. Foram realizadas entrevistas com 2448 psicólogos de todas as regiões do Brasil representando um universo aproximado de 102.862 formados em psicologia (dados do Conselho Federal de Psicologia) e 53.338 psicólogos inscritos nos Conselhos Regionais de Psicologia no mesmo ano. Universo aproximado porque os dados são de 1985 e as entrevistas foram realizadas em 1986 e 1987. A maior parte dos entrevistados relatou trabalhar na área clínica. 60,7% dos psicólogos brasileiros se dedicam à psicologia clínica. No CRP-08, Conselho que abrange os psicólogos que atuam exclusivamente no estado do Paraná, o dado é um pouco mais elevado que a média nacional, 65,9%. Quase metade dos psicólogos clínicos trabalham em consultórios (34,2%), hospitais (7,8%) e instituições de atendimento psicológicos (5,9%).

O predomínio da psicanálise é inquestionável, no geral, aparece com 37,1% das situações, sendo a orientação mais citada em todas as áreas de atuação - em clínica, atinge 57,7%, caindo para 30,9% em escolar e 22% em organizacional. A hegemonia da psicanálise manifesta-se em todas as regiões do país

Segundo dados do livro *O trabalho do Psicólogo no Brasil* publicado em 2009, na última pesquisa do gênero no país, a psicologia clínica foi considerada a área que mais atrai os profissionais de psicologia, com 53,9 %. E entre as orientações teóricas, a psicanálise (que assim foi considerada nesta pesquisa) apresentou o maior percentual de escolha entre os profissionais, com 18,2 %. Os dados específicos do Paraná, confirmados por pesquisa realizada no mesmo ano de 2010, pelo Conselho Regional de Psicologia são muito próximos da média nacional. Entre os paranaenses, a psicanálise também é a mais escolhida, 18,8% dos psicólogos paranaenses disseram a preferir entre outras abordagens teóricas, a psicanálise.

A psicanálise no surgimento dos cursos de Psicologia

Em meados dos anos 60, o psicanalista clínico era tão raro e difícil de encontrar em Curitiba quanto de compreender a sua formação, se, por acaso, este fosse encontrado.

Algo não muito diferente ocorria também com a psicologia. O profissional psicólogo estava coberto pelo guarda-chuva das profissões regulamentadas pelo Estado brasileiro desde 27 de agosto de 1962 através da Lei 4.119, mas não havia em 1965, por exemplo, andando em Curitiba, nenhum psicólogo formado em alguma universidade no Paraná. Os primeiros psicólogos, entre outras exceções descritas no Decreto 53.464, ou eram “práticos” com mais de cinco anos de atividades em psicologia aplicada, ou detentores de títulos de Doutor em Psicologia ou em Psicologia Educacional, cujo exercício da profissão de psicologia teria sido efetivamente reconhecido no referido Decreto e autorizado em 21 de janeiro de 1964. Este é o caso de Egidio José Romanelli, filósofo que fez pós-graduação na França, organizador de diversos cursos de Psicologia no Paraná, inclusive os três primeiros. Somente em 1973, formados pelo curso pioneiro de psicologia em Curitiba e no Paraná, da Universidade Católica, os primeiros psicólogos graduados estariam à disposição da sociedade curitibana. A informação abaixo é de Cairo (2013, p. 25):

> O primeiro curso do estado começou a ser idealizado em 1968, pela Universidade Católica do Paraná, atual PUCPR e a formatura da primeira turma aconteceu no dia 17 de dezembro de 1973, com 39 formandos, que se juntariam aos nove profissionais que atuavam em Curitiba e mais seis no interior, totalizando 54 psicólogos no estado.

No que diz respeito às relações com a psicanálise, a abertura em 1969 do primeiro curso de Psicologia em Curitiba, na Universidade Católica pareceu, como de resto no país, abrigar uma demanda incipiente de interessados (distantes da medicina) que não encontravam lugar instituído para o estudo da psicanálise. Parte deste possível interesse dos alunos pode ter sido saciada nas aulas tradicionais, mas também nas aulas e conversas com o professor Emir Calluf. Outra parte do interesse pode ter sido saciada nos grupos de estudos, que os próprios alunos organizavam e eram independentes das exigências acadêmicas, o que também será abordado no decorrer do presente capítulo.

Padre Emir Calluf: entre o popular e a instituição

Um dos idealizadores do primeiro curso de Psicologia foi o padre Emir Calluf, também professor durante anos na Universidade Católica (HOERNER JUNIOR, 2006, p. 59). O padre jesuíta de sólida formação intelectual mereceria um estudo mais profundo sobre a sua influência intelectual na cidade porque, a seu modo, é outro representante interessante do processo de psicologização[11] que começa a se abrir na cidade nos anos 60/70, junto com os movimentos que estão ocorrendo na psiquiatria, com a própria abertura dos cursos de psicologia, com os movimentos intrínsecos da psicanálise e com o trânsito das ideias freudianas nos meios intelectuais. Se, por um lado, graduou-se em psicologia em Harvard e foi, provavelmente, o maior idealizador do curso de Psicologia da Católica, por outro, foi popularmente conhecido por sua verve polemista e radical, moldada em anos de intensa participação na imprensa curitibana. Quando ainda apresentava, entre os anos 60 e 70, um programa na televisão paranaense intitulado *Um lugar ao Sol* era uma espécie, segundo o jornalista José Carlos Fernandes, de pioneiro dos padres superstars, em parte "um Marcelo Rossi da era iê-iê-iê" (*Gazeta do povo*, 01/09/2011). Mais tarde e mais distante de seu apogeu midiático, na década de 1980, viria a se candidatar, sem sucesso, ao cargo de vereador da cidade.

No entanto, Calluf é homem de difícil enquadre ideológico. Ao mesmo tempo em que é associado ao pensamento conservador católico, com fortes críticas ao comunismo, foi igualmente crítico ao Vaticano. Suas críticas eram tanto à esquerdização do clero quanto ao celibato dos padres, inclusive, um dos principais motivos que o teriam tornado

[11] Trataremos deste processo adiante.

"persona non grata para a Igreja - especialmente na Arquidiocese de Curitiba", segundo Aramis Millarch (*O Estado do Paraná*, 12/04/1987, p. 2), foi o fato de ter se casado nos anos 70. Há também uma crítica pesada (ou ofensa) proferida publicamente contra a artista Leila Diniz, por ocasião de sua morte, em 1972, que teria causado parte da perda do seu apelo popular.

Apresentar parte pequena das polêmicas que emolduraram a biografia do padre Emir Calluf não é o mais importante, mas serve para tentar exemplificar este tipo de situação na qual a psicanálise se difunde, por vezes alimentada por variadas polêmicas, e que se caracteriza por uma forte mistura entre o popular e o segmentado, entre o cultural e o institucionalizado. Calluf é importante na história da psicologia e da psicanálise de Curitiba tanto nos processos rigorosos de institucionalização, como idealizador do curso de Psicologia, quanto nos processos "livres" de difusão, por seu trânsito na imprensa, como polemista ou não. Com o passar dos anos e mesmo enfrentando as dificuldades por bater de frente contra o catolicismo, em especial o fato de ter sido afastado de suas atividades como professor, Calluf se refugiou no consultório de psicologia e, além disso, escreveu um dos pioneiros livros de psicanálise "aplicada" em Curitiba. *A esquerdização do clero: um estudo psicanalítico*, editado em 1987, pela Editora Potencial. Pouco se conhece sobre a formação psicanalítica[12] do padre e muitos psicanalistas, não sem parcela de razão, talvez questionem a afirmação de que o livro citado do padre é um livro de psicanálise aplicada. No entanto, dado que o próprio autor se propõe fazer "uma psicanálise dos motivos da esquerdização clerical" (1987, p. 8), não há porque questioná-lo, tampouco criticar o seu livro. É interessante considerar, porém, que até os anos 80 em Curitiba, concorrendo com processos de institucionalização mais sólidos, havia um clínico e teórico na cidade escrevendo singularmente, em ambiente escasso de reflexões expostas em livros, sobre psicanálise.

[12] Obtive uma informação, não completamente confirmada, através do depoimento de João Carlos Braga, de que Calluf teria feito análise na década de 1950 no Rio Grande do Sul, com um psicanalista que era padre. Braga foi cuidadoso ao notar o meu interesse pelo assunto e endossou sua falta de certeza. Registro apenas como uma curiosidade interessante, mas, assim como Braga, mantenho o cuidado para afirmar que não se trata de nada esclarecido, tampouco citado em qualquer outra entrevista.

Os primeiros cursos de Psicologia em Curitiba

Universidade Católica do Paraná

Em 1975, Curitiba contava com três cursos de Psicologia: o primeiro do Estado do Paraná foi o da Universidade Católica do Paraná (UCP), atual Pontifícia Universidade Católica do Paraná, idealizado em 1968 e fundado em 1969 pelo citado padre Emir Calluf. O primeiro coordenador do Curso foi o já citado professor Romanelli e as aulas começaram no ano de 1969 e a primeira turma foi formada em 1973, com 39 formandos (CAIRO, 2013). Reverberando o prestígio da psicanálise, segundo Nanci Garcia Cairo (2013, p. 25-26), "O nome da primeira turma para a formatura foi "*Sigmund Freud*", escolhido por votação, embora o secretário geral da UCP tivesse sugerido o nome do padre italiano Agostinho Gemelli, fundador e primeiro reitor da Universidade Católica de Milão". Além disso, embora com diversas homenagens prestadas a professores psicólogos, o patrono da turma foi o Dr. João Carlos Braga, médico e psicanalista[13] (CAIRO, p.33). A Psicologia da PUCPR criou em 1983 o Instituto Paranaense de Psicologia, denominado atualmente de Núcleo de Prática em Psicologia que visa atender a formação de seus alunos e por meio do qual presta serviços nas diferentes modalidades da Psicologia (HOERNER JÚNIOR, 1993, p. 93). Trata-se de um curso importante na cidade, principalmente no que diz respeito às primeiras turmas, porque foram destas turmas que se apresentaram para a cidade diversos professores de psicologia e vários psicanalistas.

Até hoje o Curso da PUCPR mantém em seus quadros de professores de psicologia diversos psicanalistas da cidade, alguns concomitantemente são membros de Associações *sctrictu sensu* de psicanalistas. O mesmo ocorreu, e ainda ocorre, nos outros cursos pioneiros da cidade: o Curso de Psicologia da *Universidade Tuiuti do Paraná* (UTP) e o da *Universidade Federal do Paraná*. Assim, desde os primórdios da psicologia

[13] João Carlos Braga, nesta época (percebo em entrevista realizada), não se considerava psicanalista porque não havia concluído todo o processo formativo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Este tipo de avaliação não é incomum entre os psicanalistas ligados aos órgãos oficiais da IPA, em geral médicos psiquiatras. No entanto, para os propósitos desta tese, menos preso aos critérios e ditames da IPA, não interessa apenas a formação oficial. Por esta época, Braga já havia montado o Instituto Freud, do qual nos ocuparemos em seguida nesta tese, estudava a obra de Freud em grupos e, no mínimo, praticava uma clínica inspirada em Freud. Assim sendo, fazia circular pela cidade a obra de Freud.

acadêmica em Curitiba, a psicanálise encontrou na Universidade um lugar importante para a difusão e institucionalização.

Universidade Tuiuti do Paraná

Data também de meados da década de 1970 o início da concepção do curso de Psicologia da *Universidade Tuiuti do Paraná*. O curso de Psicologia da *Faculdade de Ciências Biológica e da Saúde* da atual *Universidade Tuiuti do Paraná*, credenciada em 1977, foi criado na antiga *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Tuiuti*, autorizado em 11 de novembro de 1973 e reconhecido em 14 de fevereiro de 1977, sendo usualmente reconhecido como o terceiro Curso de Psicologia da cidade. A Faculdade iniciou suas atividades com os cursos de Letras, Psicologia e Pedagogia e o Curso, coordenado pelo professor Egídio José Romanelli, recebeu seus primeiros alunos em 1974.

O Curso, que inicialmente ofereceu apenas a habilitação de Licenciatura, a partir de 1980 começou a formar psicólogos na cidade. Trata-se de um curso tradicional na cidade; desde 1978 é oferecido à comunidade através de sua *Clínica de Psicologia* e desde 1979 apresenta cursos de pós-graduação *lato sensu.* A modalidade especialização em Psicologia Clínica foi ofertada em 1979, 1980, 1986, 1996, 1997, 1998, 1999 e 2000. Os dados se referem até o ano 2000 apenas.

No livro *O curso de psicologia da Universidade Tuiuiti do Paraná: aspectos de sua trajetória: 1973 a 2001*, de Dorothy Rocha e Solange Lucie Machado (2005) do qual foram tirados os dados dos dois parágrafos acima, não apresenta dados específicos sobre o ensino da psicanálise na graduação do curso de Psicologia. Há, no entanto, descritos no livro dois cursos de pós-graduação *lato sensu* que contêm *psicanálise* no nome: o curso de *Filosofia e Psicanálise* ofertado em 1991, 1993 e 1994 e o curso *Psicanálise com crianças* ofertado em 2000.

Universidade Federal do Paraná

O curso de Psicologia da *Universidade Federal do Paraná*, da mesma maneira que o da Universidade Católica, foi pré-concebido no ano de 1968. Exatamente no dia 7 de dezembro de 1968, se encontraram oficialmente os professores dos Departamentos de Medicina, Educação e Filosofia Herley Mehl, Pórcia Guimarães Alves, Dalena Guimarães Alves, Claridália Stechan, Pureza Vauthes de Macedo e Paulo Montserrat com

a finalidade de elaborar o regimento do Departamento de Psicologia. Em 1969, foi eleito o primeiro chefe do Departamento de Psicologia, o médico e bacharel licenciado em Filosofia pela própria UFPR, professor Herley Mehl. (NOVICKI, 2007). Em 1967, o professor Herley Mehl era, até então, o único professor a obter o título de livre docente em Psicologia (WESTPHALEN, 1988, p. 86).

No entanto, embora as conversas sobre a instalação do curso tenham se dado desde 1968, e mesmo contando até com chefe de departamento, o "curso só veio a ser inaugurado, cinco anos depois, em 1973, sendo o segundo de Curitiba e o quarto do Estado do Paraná, depois dos cursos da Universidade Católica, Universidade Estadual de Londrina, implantado em 1971 e do Centro de Ensino Superior de Londrina, atual Centro Universitário Filadélfia – UNIFIL, implantado em 1972". (CAIRO, 2013). A UFPR recebeu a primeira turma de alunos em 1974, que se formariam em 1979 (NOVICKI, 2007). A historiadora Cecília Maria Westphalen (1988, p.52) conta que o Curso de Psicologia da UFPR foi criado "sem maior planejamento e, portanto, colocando dificuldades à medida em que deveriam ser instaladas as novas séries e turmas, pela formação especializada inexistente e pela ausência de equipamentos e laboratórios", o que talvez explique, em parte, o atraso de 5 anos para a inauguração efetiva do Curso. Segundo o pesquisador Miguel Novicki (2007),

> a justificativa para a criação do curso de psicologia da UFPR, vem em decorrência da grande demanda de alunos que cursavam as disciplinas de psicologia que eram ofertadas para os cursos de filosofia e pedagogia da própria universidade, disciplinas como, por exemplo, a de Psicologia Educacional ministradas pelo professor Gabriel Munhoz da Rocha. Outra justificativa para a criação do curso é pelo fato da Psicologia se tratar de uma profissão em expansão, devido ao recente reconhecimento da profissão no Brasil, ocorrido em 1962.

Ao contrário dos outros cursos de Psicologia da época, o curso foi alojado, por "convicção teórica" no Setor de Ciências Humanas (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, 1977). Até hoje, o atendimento à população curitibana é feito através do Centro de Psicologia Aplicada "Herley Mehl", inaugurado em 19 de agosto de 1977 (NOVICKI,2007).

Estão entre os antecedentes do curso de Psicologia da *Universidade Federal do Paraná*, os cursos de Filosofia, Medicina e Pedagogia da mesma Universidade. Não

somente porque as cadeiras de Psicologia eram muito procuradas pelos alunos de Filosofia e Pedagogia, mas também porque foram professores destes cursos que fundaram o Curso de Psicologia na UFPR, como vimos anteriormente.

Por esta razão cabe abordar, acentuando aspectos relacionados à psicologia, da *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná* posteriormente incorporada à *Universidade Federal do Paraná*.

No ano de 1938, ocorre a implementação da cadeira de *Filosofia e Psicologia*, a cargo do professor Padre Jesus Ballarin e da cadeira de *Psicologia Genética*, a cargo do professor Milton Carneiro, duas das cadeiras que funcionariam no primeiro ano da *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná*, que seria extinta através do Estatuto de 1970 da Universidade Federal do Paraná. Os onze cursos – divididos em quatro departamentos, Filosofia, Ciências, Letras e Pedagogia – eram os seguintes: Filosofia, Matemática, Física, Química, História Natural, Geografia e História, Ciências Sociais, Letras Clássicas, Letras Neolatinas, Letras Anglogermânicas e Pedagogia.

Entre os diversos professores com Cadeiras de Psicologia na *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná*[14], destaco o nome de Herley Mehl e Orlando de Oliveira Mello, porque importantes especificamente para a difusão da psicanálise local e que serão, em seguida, referidos na tese.

---

[14] Abaixo, uma lista dos professores e as respectivas Cadeiras de Psicologia, por eles ministradas, por ano, na *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná* posteriormente incorporada à *Universidade Federal do Paraná*. Fonte: (WESTPHALEN, 1988). As particularidades de sua importância na difusão da psicanálise mereceriam ser melhor investigadas em estudos futuros:

1938 – Cadeira de *Filosofia e Psicologia*, Padre Jesus Ballarin; Cadeira de *Psicologia Genética*, regente professor Milton Carneiro.

1939 e 1940 – Cadeira de *Psicologia*, regente Padre Jeronimo Mazzarotto.

1940 – Cadeira de *Psicologia Educacional*, regente Joaquim de Matos Barreto, professor assistente Orlando de Oliveira Melo.

1946 – Cadeira de *Psicologia*, regente Padre Jeronimo Mazzarotto, Cadeira de *Psicologia Educacional*, regente Joaquim de Matos Barreto.

1962 – Professor catedráticos: Cadeira de *Psicologia*, regente Gabriel Munhoz da Rocha

Instrutores de ensino superior:

Psicologia, Dalena Guimarães Alves

Psicologia Educacional – Claraidália Deszounet Stechman, bacharel em 1955 e licenciada em 1956 pela própria Faculdade e Pórcia Guimarães Alves, bacharel em 1940 e licenciada em 1941 pela própria Faculdade (regendo a cadeira sob contrato)

1967 – Herley Mehl, médico e bacharel em Filosofia pela própria Faculdade em 1954 e licenciado em 1956) faz concurso para docência livre em Psicologia Geral.

Em 1º de abril de 1946, a *Universidade do Paraná* era reinstalada e a *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*, a ela era incorporada. Em 1950, a Universidade era federalizada tornando-se então a Universidade Federal do Paraná. O curso de Psicologia, posteriormente, começou a funcionar no Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, criado em 1972.

4.2.3 Os caminhos da psicanálise pela via da "psicologização da psiquiatria"

Psicanálise no DANC: um exemplo da psicanálise ou da psicologização na psiquiatria

> "Nossa intenção é puramente didática visando transmitir nossa convicção sobre o valor da psicanálise, satisfazendo não só a curiosidade do estudante, mas criando interesse para o verdadeiro estudo e aplicação da psicanálise" *Eduardo Etzel*

Talvez não seja exagero afirmar que a Biblioteca Pública do Paraná guarde um único exemplar de um livro raro, que por enquanto, dada a ausência de elementos melhores, pode ser alçado, mesmo que com ressalvas, à condição de símbolo das mudanças pelas quais a psiquiatria curitibana viria a passar, principalmente no que tange às relações com a psicanálise, durante a década de 1960.

Na capa deste livro lê-se em letras grandes dispostas na vertical *Psicanálise* e em letras menores está escrito *Diretório Acadêmico Nilo Cairo, Departamento de Publicações.* O Diretório Acadêmico Nilo Cairo é o órgão representativo dos estudantes de medicina da Universidade Federal do Paraná, desde os primórdios da Universidade. Foi o DANC que publicou em setembro de 1963 uma série de palestras proferidas em Curitiba, em um livro de 133 páginas, datilografado em letras maiúsculas.

É um livro, ou quase isso, de edição precária intitulado *Noções de Psicanálise* pelo psicanalista Dr. Eduardo Etzel, membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Trata-se, em verdade, de um curso de extensão universitária com duração provável de uma semana, formatado em 07 preleções, A leitura da obra indica que cada

preleção foi diária, mas não é possível afirmar as datas em que elas ocorreram. Embora, dada a precariedade da edição, seja possível até pensar que elas tenham ocorrido em data muito próxima da publicação.

O livro está editado de forma precária, mas isto não diminui sua importância. Sua existência aponta para uma demanda dos estudantes de medicina por conhecimento em psicanálise. E, embora o convite ao psicanalista tenha sido iniciativa dos estudantes e não do Curso de Medicina, o professor de psiquiatria da Universidade, mesmo que apenas de maneira protocolar, abriu o Curso de Extensão.

> Há mais de 70 anos Freud lançou suas ideias e suportou o peso do horror da cultura contemporânea em face da verdade que, com a acuidade do seu gênio, soube entrever sobre o nosso inconsciente. Freud foi muito mais combatido e atacado pelo que não disse do que pelo que escreveu, tais as deturpações de suas ideias fundamentais. Ainda que sua teoria tenha encontrado resistências de toda ordem na penetração nos círculos médicos, vemos hoje, sobretudo neste recinto, que não lutou inutilmente, pois este auditório tão numeroso e seleto, *com a apresentação de vosso professor de psiquiatria*, vale bem por um atestado de valor do que tão laboriosamente estudou e nos legou através de sua imensa obra científica. (1963, p.1, sem grifo no original)

O trecho acima é da 1ª Preleção que apresentou os temas: Generalidades. Desenvolvimento e estrutura da mente. Importância do mundo interno. Sonhos. O curso foi denso e rigoroso, Etzel transita por temas clássicos e essenciais da psicanálise e, além disso, discute temas específicos como Psicanálise de Grupo e Formação do Analista. Também não faltam referências, como vimos acima, às resistências que Freud e os psicanalistas bravamente enfrentam e à ideia do herói solitário "assim também no estudo da psicanálise Freud encontrou obstáculos que foram vencidos pela justeza da causa e pela enorme capacidade e persistência de seu gênio" (1963, p. 1).

As outras preleções apresentavam os seguintes temas: 2ª Preleção: Desenvolvimento psíquico da criança e sua evolução. Instintos. Mecanismos de Defesa. Interação do mundo interno com o mundo externo; 3ª Preleção: Psicodinâmica das Neuroses e Psicoses; 4ª Preleção: Psicologia Clínica. Métodos Psicoterápicos. Psicanálise; 5ª Preleção: Psicoterapia de Grupo; 6ª Preleção: Aplicações da Psicanálise no Campo Específico e 7º Preleção: Formação do Analista.

Mesmo que Etzel considerasse "a psicanálise como a ciência de um só homem" (1963, p .2), ele é um homem antenado com as psicanálises de sua época. Provavelmente

kleiniano, pelos elogios que faz à psicanalista em diversos momentos do seu curso e pela ampla bibliografia de Klein recomendada, ele inclui, além desta, outras duas escolas de psicanálise em Londres, “sob certos pontos de vista, a Roma da psicanálise” (p. 5). A primeira que apresenta é a que chamou de escola freudiana, “liderada hoje por sua filha Anna Freud” (1963. p. 5) e o Grupo do meio, que estaria entre as duas.

Etzel, porém, é elegante ao incitar seus alunos a não julgarem se a psicanálise “é melhor nesta ou naquela escola. O que varia é a maneira de abordar o paciente, a compreensão das relações entre este e o psicanalista” (1963, p.5).

A bibliografia que Eduardo Etzel recomenda contém a obra completa de Freud, além dos clássicos de Melanie Klein. Mas também contempla, com um livro de cada autor, O. Fenichel (The psychoanalytic theory of neurosis, 1946); M. Rosenbaum (Group Psychoterapy, 1963), L. B. Wolberg (The technique of psychoterapy, 1954) e B. Wolstein (Counter transference, 1959), em inglês e três obras em espanhol, editadas na Argentina. A obra de L. Grinberg, M. Langer e E. Rodrigué, *Psicoterapia del grupo* é a primeira, *Maternidad y sexo* de M. Langer é a segunda e completa a lista *Estudios sobre técnica psicanalítica* de H. Racker.

Nesta tese, a publicação deste livro e as palestras dadas foram alçadas a um lugar de símbolo de um momento de transição na psiquiatria e na psicanálise curitibanas, por dois motivos: primeiro, o livro é indício de uma possibilidade de transição da cultura psicanalítica para uma possível institucionalização da psicanálise, principalmente pelo critério adotado nesta tese e anteriormente explicado, a profissionalização do psicanalista. Etzel fala a partir de um ótimo lugar para dialogar com, e quiçá recrutar, futuros psicanalistas, talvez melhor que isso apenas se já falasse com médicos e sob a tutela da psiquiatria curitibana. Seu diálogo foi construído em uma linguagem rigorosa e científica, capaz de bem comunicar com sua plateia. Não foi um curso, digamos, nem leigo nem genérico, nem Etzel falou, como em 1927 Porto-Carrero havia falado, para professoras, alunos e políticos. Há, por fim, uma palestra inteira para explicar como é a formação do psicanalista em São Paulo, sob os ditames da IPA. O livro é o mais forte indício da existência de uma demanda que parte da comunidade médica de Curitiba mostrava por esse novo ofício, ou talvez como por eles fosse vista, como uma especialização peculiar da psiquiatria.

O segundo motivo talvez seja o símbolo mais forte. Com o convite e recepção que os alunos de medicina fazem, metaforicamente, para a psicanálise[15], começa-se a explicitar um movimento que acontece nos anos 60 em Curitiba e parece importante sustentáculo para o sucesso que a psicanálise, posteriormente na década de 1970, teria na cidade. Trata-se do processo de abertura para uma "psicologização" ou subjetivação no tratamento em saúde mental. A psicanálise é parte deste processo, mas não exclusivamente, porque também a psicologia, ainda não universitária neste momento, brigava neste ringue. Do lado oposto estava a psiquiatria clássica da cidade, aquela "clássica, antiga, de hospital psiquiátrico, de eletrochoque, de insulinoterapia, de isolamento" (BRAGA, 2016).[16]

Psicologização

O começo do interesse de parte dos médicos pela psicanálise mais que atestar, é parte deste processo de "psicologização", que começa a acontecer na cidade de Curitiba. A partir deste ponto utilizaremos bastante a palavra psicologização, mas não apenas no mesmo sentido utilizado por Coimbra, anteriormente citada neste trabalho. Na verdade, não desconsideramos suas reflexões que são complementares às nossas, na medida em que, por exemplo, talvez, este processo seja parte dos antecedentes do *boom* psicológico dos anos 70 no Brasil. No entanto, com o uso desta palavra, neste momento da tese, queremos dar ênfase a um processo que alguns médicos psiquiatras entrevistados utilizaram para explicar um movimento que se dá no campo da psiquiatria da cidade de Curitiba. São os questionamentos, iniciados em meados dos anos 60, de que uma "nova" psiquiatria da cidade impõe à "velha" psiquiatria clássica, organicista, mas muito influente

[15] Embora nesta tese, este curso de psicanálise esteja alçado a um lugar que representa uma aproximação, ou minimamente de curiosidade, da psiquiatra pela psicanálise, pouco se sabe sobre o curso no meio psicanalítico curitibano e menos ainda sobre a recepção efetiva que Etzel teve em Curitiba. O único entrevistado que provavelmente se referiu a estas palestras, embora não tenha lembrado o nome de Etzel, foi o médico psiquiatra e psicanalista Pérsio Guimarães. Para ele, quem teria chamado o psicanalista de São Paulo teria sido o médico Orlando Mello e a recepção não teria sido calorosa, ao contrário, Pérsio fala em ataques selvagens e insultos. Falando em resistência que a psicanálise teria sofrido em Curitiba, ele reflete sobre o provincianismo e regionalismo excessivos na cidade pequena da época. Mesmo que Etzel e a psicanálise tenham sofrido resistências ferozes, a iniciativa ou dos alunos ou do professor Mello, que não era do Departamento de Psiquiatria, mas sim do Departamento de Clínica Médica, representa uma tentativa, ao menos, de se aproximar do campo psicanalítico com este convite. No entanto, futuras pesquisas que encontrem material sobre a recepção que Etzel teve em Curitiba, seriam muito bem-vindas.

[16] BRAGA. João Carlos. Entrevista concedida a Marcio Robert. Curitiba, jun. 2016.

em Curitiba. Esta nova psiquiatria não faz um embate apenas técnico, mas também político, na medida em que nas "mãos" do médico Dr. Alô Guimarães do qual abaixo trataremos, a psiquiatria local clássica anda de mãos dadas com o poder e conservadorismo locais.

Adotamos a palavra psicologização, além disso, não apenas para explicar este processo que ocorre na psiquiatria ou porque dela fazem uso os psicanalistas psiquiatras entrevistados, mas porque a entendemos como a mais adequada para explicar este processo como parte do processo de difusão e como parte do processo inicial de institucionalização da psicanálise na cidade. E a psicanálise, mais uma vez como parte de um discurso modernizador, integra este processo de psicologização. Mas se utilizássemos, porém, psicanalização, além de pouco utilizada e esquisita, estaríamos muito reduzindo o processo, na medida em que excluiríamos outros agentes, especialmente da "psicologia não psicanalítica" do processo. Talvez subjetivação pudesse ser usada, mas psicologização é mais utilizada na literatura sobre a época, sobretudo quando se fala, especificamente, no processo que ocorreu nos anos 70 no Brasil.

Dr. Alô Guimarães: Psiquiatria Clássica em Curitiba

Em Curitiba, esta psiquiatria, além de clássica ou "ultrapassada", era uma psiquiatria poderosa na cidade com tentáculos na política e no imaginário da cidade, muito bem representada na figura do Dr. Alô Guimarães (1903-1985).

Alô Guimarães, ou simplesmente o Dr. Alô "para Curitiba é um ícone e pode ser tomado como uma metáfora para a trajetória da psiquiatria clássica da cidade" (LIMA E HOLANDA, 2015). O professor da Universidade do Paraná também foi prefeito da cidade, secretário de saúde, deputado estadual e senador, mas fora do Paraná ficaria famoso nacionalmente, também em função da publicação do livro do curitibano Austregésilo Carrano Bueno (2001), *Canto dos Malditos* que inspirou o filme *Bicho de sete cabeças* de Laís Bodanzky, com Rodrigo Santoro no papel de Carrano. O livro e, principalmente, o filme tiveram boa repercussão nacional:

> Austregésilo Carrano era um hippie de 17 anos quando seu pai, depois de encontrar um cigarro de maconha no seu bolso, o convidou para visitar um amigo no Hospital Psiquiátrico Espírita Bom Retiro, em Curitiba, e lá o deixou sem ele entender nada. Na época, o diretor da instituição era o psiquiatra Alô Ticolaut Guimarães, já falecido. "Este senhor me aplicou

> 21 eletrochoques com voltagem que variava entre 180 e 460 volts, levando-me a defecar em mim mesmo", acusa Bueno, que moveu o primeiro processo no País contra erro psiquiátrico. (CLÁUDIO, 2001)

Carrano, de um lado, e o Hospital Bom Retiro e a família de Alô Guimarães, de outro, travaram uma batalha judicial por anos. Não deve ter sido uma disputa fácil para Carrano. Seu livro e filme atacam não só o prestígio do médico, mas questionam toda uma rede de práticas em psiquiatria. Segundo Lima e Holanda (2015, p. 57), "o prestígio individual do Dr. Alô Guimarães, que transcende o campo da medicina e se inter-relaciona com questões políticas, sociais e culturais, repercute nas práticas de atendimento aos doentes mentais." O curitibano Alô Ticoulat Guimarães, além disso, era de família tradicional e muito bem inserido na sociedade curitibana:

> (...) não foi sem importância o fato de que o prestigioso cargo (cátedra de clínica psiquiátrica da Universidade do Paraná, posterior Universidade Federal do Paraná) havia sido ocupado por um "patrício", um personagem credenciado da sociedade paranaense. (...) Através da inscrição na "boa sociedade curitibana", encontramos as articulações entre Alô Guimarães e suas múltiplas atividades. (...) Por nascimento, membro da elite sócio cultural local, o que já lhe conferia, de largada, um grande trunfo social. (LIMA E HOLANDA, 2011)

Como exposto anteriormente, havia um ringue no processo de psicologização de Curitiba que punha de um lado, a psiquiatria clássica e de outro, a psicanálise e a psicologia. Mas talvez seja importante salientar que havia ringue, mas não houve nocaute. Mais que a vitória de um lado ou outro, o que caracteriza o processo é a dinâmica do embate, sobretudo no início do processo. Como explicou anteriormente Berman (1986), talvez o embate seja apenas parte de certa modernidade curitibana dos anos 70, em constante processo de crise e contradição, também no plano da saúde mental.

Bom exemplo deste movimento de psicologização da psiquiatria é o Hospital Pinel, fundado no ano de 1968. Em certo sentido, o Pinel, neste começo, pelo menos era um efeito prático deste processo e representava o contrário do que, por exemplo, o Hospital Bom Retiro representou no filme[17].

---

[17] Trata-se apenas de uma representação da época. Esta pesquisa não objetiva e nem possui elementos para dizer que um hospital tenha sido ou seja melhor, ou mais moderno, ou mais eficiente que o outro, etc. Nem foram pesquisadas quaisquer mudanças pelas quais os referidos hospitais

O Hospital Pinel: processos de modernização da psiquiatria

Hélio Rotenberg, filho de judeus oriundos da Bielo-Rússia e Polônia, formado em medicina na *Universidade Federal do Paraná* em 1961, é dos nomes mais importantes da psicanálise em Curitiba. Menos por ter se formado, posteriormente, psicanalista pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e ser nome sempre referido no *Grupo Psicanalítico de Curitiba,* e mais por ter sido fundador do *Hospital Pinel* em Curitiba. Isto porque, de certa forma, o Pinel é a principal, porque primeira, representação institucional de uma nova psiquiatria na cidade.

Quando Rotenberg retornou de um breve período em São Paulo, no qual trabalhou no *Hospital Juqueri*, verificou que em Curitiba faltava um hospital não clássico de psiquiatria. A partir daí, sua ideia foi construir um hospital diferente dos clássicos, norteado desde o princípio por uma ética humanista e, com o passar dos anos, implantando propostas terapêuticas novas na cidade, por exemplo: grupos e comunidades terapêuticos, hospital como um microcosmo social, humanização com responsabilização do paciente (alguns pacientes podiam ter as chaves do hospital), etc. Podia até acontecer inovações em outros hospitais na cidade, mas o *Hospital Pinel* teria sido política e eticamente comprometido com uma proposta diferente de psiquiatria.[18] Rotenberg não era psicanalista, quando fundou o *Pinel*, e em consultório particular trabalhava com psicodrama. O hospital, no entanto, era provavelmente, seu maior orgulho, local para o qual dedicava seus maiores investimentos pessoais. Durante a década de 1970, ao mesmo tempo em que gradativamente se aproxima da psicanálise, não deixa de investir em seu hospital. Por esta razão, passou o ano de 1976 na *Menninger Clinic* em Houston nos EUA para aprimorar seus conhecimentos na área.

Provavelmente por possíveis relações de amizade e por tratar-se de um espaço que se considerava diferente no âmbito da saúde mental em Curitiba, o hospital acolheu diversos psicanalistas da cidade, especialmente os ligados ao que é hoje o *Grupo Psicanalítico de Curitiba*, vinculado à IPA. Assim, o *Pinel*, hoje *Clínica Dr. Hélio Rotenberg* se tornou a instituição que acolheu boa parte dos médicos curitibanos que não

---

possam ter eventualmente passado modificando esta representação. São símbolos, metáforas apenas, e restritos àquela época.

[18] Essas informações são oriundas de entrevista. O critério adotado aqui, e em toda a tese foi tentar confrontar pelo menos através de duas entrevistas para considerar a informação passível de compor o corpo do texto da presente tese.

se viam representados em instituições psiquiátricas clássicas. Assim como os integrantes da *Sociedade das Quartas-feiras*, citados no capítulo anterior, os psiquiatras – não apenas eles, mas também psicólogos e intelectuais – parecem se ligar por "uma insatisfação comum em relação à ciência de sua época" (ROUDINESCO E PLON,1998, p. 719)

Hélio Rotenberg, um dos fundadores da Associação Paranaense de Psiquiatria[19], teria sido o homem que convenceu o seu amigo próximo Jaime Lerner, a aceitar a indicação para prefeito. Justamente o prefeito que seria símbolo inconteste da modernização urbanística pela qual Curitiba passaria na década de 70, aquela que tentaria cicatrizar as feridas narcísicas da cidade.

O interesse dos médicos pela psicanálise atesta, em parte, esse processo de psicologização que pode ser observado em outra vertente dos caminhos da formação psicanalítica: os grupos de estudos em psicanálise, que resultarão, posteriormente, algumas vezes, em importantes instituições de psicanálise da cidade de Curitiba. Em um desses grupos que resultou em instituição de psicanálise, participou Hélio Rotenberg. A breve história que contaremos a seguir, ilustra uma das partes da relação entre a psicologização da psiquiatria na década de 1960 e a aproximação com a psicanálise.

[19] Informação disponível em http://www.psiquiatria-pr.org.br/historico.php

4.2.4 Os grupos de estudo em Psicanálise

A reunião de psicanalistas para estudar em grupos, seja teoricamente, seja discutindo casos clínicos, ocupa, desde Freud, lugar importante na institucionalização da psicanálise, como descrito em capítulo anterior. Pode-se presumir que também não é incomum no mundo universitário de qualquer área, a reunião de estudantes ou profissionais para discutir qualquer assunto, qualquer problema prático. Mas o grupo formado por psicanalistas é diferente**,** por várias razões.

Primeira razão, o lugar que a psicanálise ocupa entre as ciências é singular, da mesma maneira o lugar que o psicanalista ocupa entre as profissões *psi*. Não completamente dentro, nem completamente fora, a imagem mais interessante da psicanálise e do psicanalista talvez seja à margem e os grupos representam, pelo menos um pouco, este lugar. Nem sempre com esse nome, parte dos grandes debates históricos da psicanálise transita por esta margem na qual a psicanálise se sustenta, aparentemente longe de uma oficialidade que lhe dê respaldo: a questão da análise leiga e a formação dos analistas fomentam o debate sobre o lugar do psicanalista, a relação com a universidade e a questão científica sobre o lugar da psicanálise (ALBERTI, 2009).

A importância dos grupos de psicanalistas que se reúnem para estudar psicanálise aumenta, e assim se distingue de outras profissões, na medida em que o reconhecimento do profissional psicanalista se dá, de maneira capital, pelo reconhecimento de seus pares, ou seus ímpares, como falam, por exemplo, alguns psicanalistas de Curitiba. É quase consenso no campo psicanalítico que não há Universidade para formar psicanalistas, tampouco registro profissional nos termos da legislação brasileira. Além disso, a formação dos grupos de estudo, principalmente no âmbito das Associações não é incompatível com a formação do psicanalista ancorada no famoso tripé: estudo teórico, supervisão e análise. Muito pelo contrário, é nele que se sustenta. E se consideramos associações de psicanalistas como debitárias dessa organização singular, cabe lembrar que a maioria das associações, direta ou indiretamente, oferece, para os seus pares, os três vértices clássicos da formação do analista. Mais que isso, oferece o reconhecimento social para os psicanalistas. O Manifesto do Movimento de Articulação da Entidades Psicanalíticas Brasileiras, publicado em 2001, problematiza essas peculiaridades da formação do psicanalista:

> Esta tríade (análise pessoal, os cursos teóricos e a supervisão dos casos clínicos) configura a formação como um ofício, e o psicanalista aprende e ganha qualificação em oficinas – os institutos de formação – onde, artesanalmente, no contato com outros analistas, desenvolve sua análise pessoal, realiza seus seminários para o aprendizado teórico e técnico e tem o seu trabalho supervisionado. A formação de cada psicanalista é um processo permanente, que se amplia no diálogo com os textos clássicos e com os produzidos por outros analistas, confrontado com a sua experiência pessoal, na relação com seus analisandos, mesmo quando já está qualificado como psicanalista. Esta qualificação, portanto, não se ajusta aos modelos que podem sofrer algum tipo de certificação por instituições de ensino ou órgãos reguladores públicos; se existe um indicador, ele será, certamente, o de qual é a instituição que forma, quem são seus componentes, que padrões são seguidos. (ALBERTI, 2009, p. 157)

Nesse sentido, é interessante observar também que nem sempre nos pequenos grupos se vislumbra a criação formalizada de uma Associação. Não é muitas vezes um objetivo claro, pelo menos não de todos os participantes, mas é, muitas vezes, um possível caminho, porque geralmente ou as Associações surgem destes grupos ou de cisões de outras Associações. A proposta institucional lacaniana, adotada em algumas associações de Curitiba, por exemplo, se ancora fortemente, tanto em termos de formação do analista como em termos de diretivas institucionais, num tipo especial de grupo, o cartel, construído no decorrer do ensino de Jacques Lacan.

Além das singularidades do ofício do psicanalista, existem também as razões históricas que remetem ao tempo de Freud. Quando Freud reclama do seu isolamento em função das suas descobertas, principalmente após a publicação de *Interpretação dos Sonhos*, ele reclama principalmente da não aceitação, ou pelo menos incompreensão do mundo científico/universitário. E sua defesa consiste em, por um lado, apontar em seus textos as vantagens práticas, ou seja, clínicas do seu novo método e, por outro, apostar na institucionalização singular da psicanálise, via, naquele momento, a formação de um grupo de simpatizantes de suas ideias, à margem das oficialidades da medicina, da ciência e da universidade de sua época, conforme abordamos anteriormente.

De certa forma, todo grupo de psicanalistas reunidos em torno de estudos, e principalmente de discussões de casos clínicos, em parte é tributário, mesmo que metaforicamente, daquele grupo originário formado por Freud, a *Sociedade Psicanalítica das Quartas-Feiras*. Cada grupo, principalmente os transformados em associações psicanalíticas, mesmo sem se colocarem nesta posição, são focos de resistência da

psicanálise, seja ela existente ou exagerada, pois se fundam, também, diante da ausência ou da impossibilidade de respaldo oficial da profissão do psicanalista na medida em que fazem circular internamente o reconhecimento social do psicanalista e, por corolário, da psicanálise. E assim, ao mesmo tempo em que contribuem para singularizar a posição da psicanálise e do psicanalista, carregam a marca da *Sociedade das Quartas-Feiras*, isto é, metaforicamente isolados do mundo, os psicanalistas em grupo enfrentam as resistências que a psicanálise levanta e também as que supostamente levanta.

A imagem dos psicanalistas isolados pelo mundo em pequenos grupos defendendo a sua prática não é, porém, de todo verdadeira, o que o percurso de construção da presente tese busca atestar. Mas também não é de todo falsa. Outro exemplo de lugar à margem porque a psicanálise não está completamente fora nem completamente dentro do respaldo institucional clássico. Há uma ambiguidade na relação entre a psicanálise e a universidade, entre a psicanálise e a medicina, entre a psicanálise e a psicologia. Se parcela da universidade pode rechaçar peremptoriamente a psicanálise, e vice-versa, parte considerável da universidade lhe acolheu e lhe acolhe seja nas graduações seja nas pós-graduações, nas psicologias e nas humanidades. Se hoje a medicina psiquiátrica parece ter abandonado as ideias de Freud no Brasil, foi esta medicina que primeiro lhe garantiu todo um respaldo que contribuiu significativamente com a entrada da psicanálise no território brasileiro. Se há, portanto, um movimento de resistência, porque se a sociedade não outorga à psicanálise o direito de entrar "oficialmente" na universidade (mas tampouco a psicanálise demanda atualmente isso), nem tampouco oferece à profissão do psicanalista os "benefícios" de uma profissão reconhecida, há também um movimento de adesão e difusão, porque a sociedade se abre amplamente para a entrada da psicanálise, mesmo que à margem. Os grupos de psicanalistas que se unem para estudar representam um pouco esta margem, porque fazem circular internamente as ideias da psicanálise e ao mesmo tempo, porque aberta aos interessados em psicanálise e contando, por vezes, com certa influência cultural de seus membros, contribuem significativamente para a difusão da psicanálise.

Grupos de Estudos de Psicanálise em Curitiba

Os grupos de estudos de psicanálise em Curitiba começam a surgir, como parte importante do processo de institucionalização da psicanálise, mas também ainda como

foco de difusão, dentro deste processo de psicologização que a cidade atravessa no final dos anos 60, primeira metade dos 70. Grupos são formados, com consequências e durações diferentes, nos três principais movimentos que contribuem ao processo de institucionalização da psicanálise na cidade. 1) Os médicos psiquiatras curitibanos, que buscam a formação mais tradicional, ligada à IPA, formam o que, muito provavelmente, é o primeiro grupo de estudos de psicanálise da cidade; 2) alunos do primeiro Curso de psicologia do Paraná na *Universidade Católica* formam grupos para complementar seus estudos e, quiçá, sua formação; 3) Um pouco mais tarde, os lacanianos de Curitiba também organizam grupos de estudos. Serão descritos, abaixo, estes três processos.

O Grupo dos psicanalistas médicos vinculados a IPA

Em consonância com a anteriormente citada psicologização da psiquiatria, e buscando meios de se capacitar em uma tradição diferente da psiquiatria clássica imperante na cidade, alguns médicos que já trabalhavam em Curitiba montaram um grupo para estudar psicanálise. Ao que tudo indica, primeiro a obra de Freud estava no centro dos estudos e depois, gradativamente, psicanalistas da tradição inglesa, especialmente Melanie Klein, ganharam relevo.

A referência, neste momento, é a formação do grupo de estudos embrião do que viria a ser, muito posteriormente, o que é atualmente o *Grupo Psicanalítico de Curitiba* (GPC)[20], órgão único da oficialidade da IPA em Curitiba. Soterrada ou, pelo menos, muito encoberta pelo tempo de quase 50 anos, as informações sobre este grupo são um pouco contraditórias na memória dos participantes entrevistados. Mas pouco importa a precisão das datas, o importante aqui é acentuar a existência deste movimento, naquele momento da cidade, entre o final dos anos 60, começo dos 70 no qual a psiquiatria, amparada na psicanálise empreende questionamentos para a psiquiatria clássica. E mais fiel aos fatos, talvez, seja considerar que não foi um único grupo que, imutável ao longo destes anos todos, deu origem ao GPC. Certamente, com o passar dos anos, houveram nomes que

[20] Nos processos atuais de institucionalização da IPA, o "Study Group" é o passo anterior à efetivação da Sociedade de Psicanálise. O GPC é oficialmente Grupo desde 31 de janeiro de 2013. Antes disso, era o *Núcleo Psicanalítico de Curitiba*, fundado em 28 de abril de 1993 e vinculado institucionalmente à SBPSP. Neste sentido, a formação do GPC também representou uma independência institucional, dentro da tradição ipeísta, em relação à psicanalise de São Paulo.

entraram e saíram do grupo, reuniões aconteceram em vários lugares diferentes e outros grupos paralelos podem e devem ter acontecidos com a chancela de pelo menos um dos nomes que logo serão citados.

Ao mesmo, tempo, porém, ainda assim é possível falar em grupo embrião do GPC, porque os médicos João Carlos Braga, Hélio Rotenberg, Solange Caldas dos Santos, Vera Marieta Fischer, Mauro Pereira dos Santos, Rauny Campos Quaggio e Sionéia Alves Cardoso de Souza, se tornariam posteriormente, com exceção única de Quaggio, principalmente a partir dos anos 80, psicanalistas com a chancela da IPA. A maioria deles fez formação em São Paulo, na SBPS; a exceção é Fischer, que fez formação psicanalítica na Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, SBPRJ. Além disso, todos os psicanalistas permaneceram em Curitiba, foram fundadores tanto no NPC quanto do GPC e estão até hoje vinculados ao GPC, exceto Rotenberg, falecido em 2012. Braga, Calda dos Santos e Cardoso de Souza possuem, além do mais, função de analistas didatas.

Todos os nomes acima citados, ou foram mencionados em entrevistas realizadas, ou estão em documentos consultados. No documento *Histórico do Núcleo Psicanalítico de Curitiba*, na parte intitulada *O início: a psicanálise junto com a psiquiatria* encontra-se a mais antiga referência encontrada de formação de um grupo de estudos de psicanálise formado em Curitiba:

> Em Curitiba, é a partir da década de 60, no século passado, que *interesses mais específicos*, de aproximação à psicanálise, passam a estar presentes entre os profissionais da área de saúde. Frequentemente, na época, tais iniciativas ganhavam o nome de "psiquiatria dinâmica." Um grupo expressivo deste movimento estava ligado ao Hospital Psiquiátrico Estadual Adauto Botelho. Neste local, inicia-se uma rotina de, na época, aos sábados pela manhã, discutir-se casos psiquiátricos e textos de Sigmund Freud. Faziam parte deste grupo, *entre outros*, os médicos João Carlos Braga e Hélio Rotenberg e a estudante de medicina Solange Caldas dos Santos.

Além da mais antiga referência a um grupo de estudos de psicanálise, encontra-se na citação acima, na expressão "interesses mais específicos" no primeiro parágrafo, certa referência à transição da psicanálise do diletantismo da cultura para o rigor da institucionalização entre os profissionais de saúde. É justamente isso; a psicanálise

começa a se constituir como um interesse mais específico, como uma possibilidade de formação aos jovens médicos, como vimos, por exemplo, nas palestras do DANC.

Entre os "entre outros" expresso no segundo parágrafo provavelmente se encontrava uma jovem estudante de medicina da Universidade Federal do Paraná Vera Marieta Fischer, que se formaria no ano de 1967**.** Fischer não conheceu a obra de Freud no Curso de Medicina; em mais um sinal da psicanálise à margem do saber científico e próximo da cultura, moldou seu interesse pela psicanálise através do hábito da leitura, seu e de sua família. Filhas de judeus tchecos encontrou primeiro na biblioteca de casa, na obra literária de Stefan Zweig e depois nos livros de Freud mesmo, os primeiros indícios de interesse por psicanálise.

Parceiro de grupo de Vera Fischer, o médico psiquiatra acima citado João Carlos Braga (2016)[21] [22] [23] [24], formado em 1966, na Universidade Federal do Paraná, primeiro encontrava, através do trabalho como psiquiatra, uma lacuna "muito grande" na psiquiatria na cidade, a ausência da vertente do psicológico. A psiquiatria praticada na época em Curitiba seria "clássica, antiga, de hospital psiquiátrico, de eletrochoque, de insulinoterapia, de isolamento" e, assim, a experiência do trabalho do psiquiatra na época era "frustrante, limitada e precária". "A medicina dá ao estudante uma formação

[21] BRAGA. João Carlos. Entrevista concedida a Marcio Robert. Curitiba, jun. 2016.

[22] A partir daqui até o lugar em que houver a referência Braga (2016), trata-se de informações e reflexões fornecidas na entrevista acima referida, e quando entre aspas, trata-se de citação literal.

[23] Por uma questão que envolve opção metodológica e estilística, são poucas as citações de entrevistados citados dessa forma, mas dada a relevância das informações trazidas, optou-se por citá-lo literalmente.

[24] Este, me parece, é o momento agradecer publicamente ao psicanalista João Carlos Braga e, ao mesmo tempo, expor uma questão de ética e metodologia da presente pesquisa. Eu nunca havia falado com o psicanalista João Carlos Braga antes da entrevista referida e tratava-se de uma entrevista tardia para a pesquisa, feita em junho de 2016, ao contrário do que havia indicado a banca de qualificação e mesmo que o bom senso indicava. No entanto, como as informações que eu tinha sobre o grupo embrionário estavam contrastantes, resolvi contatar Braga. Não resolvi as contradições que envolviam a formação do grupo, mas foi a partir das concepções de Braga sobre a antes ausência da vertente do psicológico na psiquiatria tradicional, - mas que naquela época estavam em processo de mudança - que construí a ideia de psicologização que está presente neste capítulo. Não que eu não havia, mais ou menos, pensado nisso, mas dada a sua clareza e, principalmente, a paixão (ainda que Braga seja um homem de fala calma) com que me pareceu que expunha sua participação no processo naquele momento que tive a certeza que deveria acentuar este aspecto na tese. Nós não temos, parece, a mesma concepção sobre o período, pois Braga acentua os aspectos formais e formalizantes decorrentes deste processo na institucionalização da psicanálise, ao passo em que eu considero a psicologização tanto efeito quanto causa da cultura psicanalítica e além disso, penso que a cultura psicanalítica não deixa de agir mesmo quando os processos institucionalizantes estão em andamento. O correto, porém, é dividir, ao menos em parte, parcela na construção da ideia.

organicista e, assim o médico tende a pensar a mente somente pelos aspectos de doença, como se os problemas mentais fossem problemas médicos", reflete. O encontro ou aproximação com esta vertente do psicológico, da qual a psicanálise faz parte, foi um antídoto ao jovem médico, "a possibilidade de respirar" em uma atmosfera pesada da psiquiatria curitibana.

O interessante no relato de Braga (2016) é que ele não encontra, digamos, ar mais puro, de uma maneira exclusivamente individual. Para Braga (2016), no final dos anos 60, início dos 70 em Curitiba, começa a existir na cidade uma nova cultura, mais humana e menos médica no âmbito da saúde mental, que sobrevém na junção da psicologia com a psiquiatria. Braga pensa que o provincianismo de Curitiba atrasou o processo de abertura. Ele cita, por exemplo, São Paulo que desde os anos 20 conhece formalmente a psicanálise e Porto Alegre que, pela proximidade cultural com Buenos Aires, praticaria, provavelmente desde os anos 40, uma psiquiatria mais influenciada pela psicologia e pela psicanálise.

Assim como Vera Fischer, Braga não lembra algum professor falar em psicanálise no Curso de Medicina, no entanto, ele cita o médico Herley Mehl, diretor do Hospital Adauto Botelho, homem interessado e aberto (menos à psicanálise e mais à psicologia e à psicopatologia), como um dos homens que representaria esta mudança de cultura no tratamento psiquiátrico da cidade. Mehl se tornaria posteriormente professor no Curso de Psicologia da *Universidade Federal do Paraná*, onde atualmente dá o nome ao *Centro de Psicologia Aplicada* que oferece atendimento à comunidade. Professor Herley Mehl é também o nome de uma escola municipal da cidade. (Lima, 1990)

As reuniões do grupo aconteciam no *Hospital Colônia Adauto Botelho* porque o Diretor do Hospital era Herley Mehl que, embora não psicanalista, direta e indiretamente era um agente da difusão e institucionalização da psicanálise em Curitiba. Indiretamente porque foi um destes representantes da psiquiatria com abertura para uma "vertente psicológica" da psiquiatria. "Em uma época em que Curitiba era um campo quase virgem para a ciência psicológica e em que a psiquiatria se limitava aos ensinamentos dos clássicos, Herley Mehl era uma notável exceção", resume João Carlos Braga (1990, p. 58) no texto *O Herley que eu conheci*, publicado no livro *Herley Mehl: o homem e o médico,*

organizado pelo médico Eduardo Corrêa Lima. Diretamente e ao acaso, porque fortemente influenciou psicanalistas da cidade[25]. Braga (1990, p. 57) relata:

> Foi desta maneira que eu, beneficiado por seus generosos estímulos, aproximei-me de uma psiquiatria psicológica, ingressei no magistério universitário e, mesmo, tomei contato com a psicanálise. Até hoje guardo um Jornal de Psicanálise, com um dos seus bilhetes: "Ao João Carlos, para ler e devolver". Na ocasião, representou para mim o acesso a um tesouro, era o meu primeiro contato com a instituição e com as pessoas que viriam, posteriormente, a ocupar, em minha vida, o lugar que naquele tempo era dele.

Outros homens citados por Braga, que o influenciaram, porque dentro desta abertura para o psicológico são: o Padre Emir Calluf (1930-1994), organizador do primeiro curso de Psicologia da cidade, na Universidade Católica, o médico e professor Orlando de Oliveira Mello, catedrático de terapêutica na Universidade Federal do Paraná e criador da Disciplina de *Psicologia Médica* nesta universidade. Esta disciplina e o professor Orlando de Oliveira Mello foram citados também por outros psicanalistas provenientes da medicina como uma porta de entrada para os estudos de psicanálise no começo da década de 1970, principalmente para os médicos ligados à IPA. Mas não só. O psicanalista Léo Cardon, médico formado pela UFPR, depois ligado ao movimento lacaniano de Curitiba, que depois teria também, posteriormente, seu nome ligado ao *Hospital das Clínicas* da Universidade Federal do Paraná elogia, de maneira similar ao que diz Braga, a "abertura" teórica do professor Mello, a ponto de mesmo não

[25] Vale registrar aqui que considero Herley Mehl, amparado em suas diversas atuações no campo *psi* da cidade, muitas das quais já relatadas, outras que serão ainda, um ícone ou um símbolo desta época da psicologização da psiquiatria. O exemplo dele é paradigmático, além disso, porque, contribui com a popularização da psicologia em Curitiba, sobretudo por sua participação capital na criação do Curso de Psicologia da UFPR (NOVICKI, 2007). Nesta tese, porém, mais do que o homem e o médico Mehl, o que importa é o movimento que ele representa. Isto significa que, sem diminuir a importância dele ou de qualquer outro citado que caminhou nas vias construídas pela psicanálise na cidade não se considera, por exemplo, que se Mehl morasse em Teresina ou Istambul, "outro Mehl" não estaria, no lugar do original, em Curitiba, contribuindo ao seu modo, parecido ou não com o original, para a difusão e institucionalização da psicanálise em Curitiba. Parece existir um movimento de forças políticas que estão acima das pessoas no processo. O mesmo vale especialmente para o já citado padre Emir Calluf e para Orlando de Oliveira Mello, porque são nomes que bem representam esta abertura da medicina para a vertente psicológica, mas vale também para os psicanalistas que, nesta tese, já foram citados e os que ainda serão. Vale acentuar que, assim agindo, penso não estar diminuindo as suas importâncias nas histórias da psicanálise em Curitiba. Ao contrário, como ícones, representam antenas naquele momento histórico por reverberarem fatores atuantes no campo social, para além das histórias singulares. (estas últimas constituem material rico, especialmente, para a clínica psicanalítica).

psicanalista, conseguir despertar possível interesse por psicanálise em alguns dos seus alunos. Além de Braga e Fischer, foram assistentes do professor Mello, Iracy dos Reis Petra, considerada pelos psicanalistas do GPC a primeira psicanalista de Curitiba, por ter sido a primeira a fazer formação na SBPS e retornar para Curitiba para trabalhar como psicanalista e Amélia Thereza de Moura Vasconcellos, considerada outra pioneira, não exatamente por atuar em Curitiba, mas por manter constante relação com a cidade, mesmo a partir de São Paulo.

Braga também cita o "INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) da época", nesta mesma toada "modernizadora". Eduardo Correa Lima, médico que na época era diretor provavelmente do INAMPS (Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social) ou do INPS (Instituto Nacional de Previdência Social) é o homem responsável pelo crédito modernizador que Braga, em parte atribui, a esta autarquia de saúde. Menos importante que a denominação correta da autarquia federal, responsável pela assistência médica durante aquele período da ditadura militar brasileira, foi o convite que o médico Eduardo Lima teria feito para a médica psiquiatria Sionéia Alves Cardoso de Souza, que acabara de voltar de um estágio realizado no Hospital Pinel de Porto Alegre no Rio Grande do Sul. Porque, a partir deste convite foi criado pela própria e por mais quatro psiquiatras – João Carlos Braga, Vera Marieta Fischer, Mauro Pereira dos Santos e Rauny Campos Quaggio – o *Instituto Freud*. Este Instituto, cujo nome já sinalizava uma perspectiva psicanalítica na psiquiatria, foi criado justamente a partir deste convite provavelmente entre 1969 e 1970, possuía um ambulatório no qual era prestada à população atendimento psiquiátrico e psicoterápico.

Um grupo de estudos em psicanálise na primeira turma de psicologia de Curitiba

Quando Mezan (2002, p. 224) analisa o campo psicanalítico brasileiro, se referindo à mesma época aqui tratada, propõe o casamento de dois fenômenos: a acelerada modernização das camadas urbanas com o aparecimento dos cursos de psicologia nas cidades brasileiras; o resultado seria o *boom* das terapias nos anos 70. Na citação abaixo, o mais interessante para ser destacado neste momento da tese é a inclusão dos grupos, por ele denominados informais, como agente neste processo:

> Esse fenômeno se verifica especialmente nas grandes cidades, como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte; ali ele se cruza com outro, a instituição oficial dos cursos de psicologia a partir dos anos 60. A psicanálise era apresentada como o "biscoito fino" de Oswald de Andrade, mas exceto em São Paulo, eles (os alunos de psicologia das faculdades recém-inauguradas, como é o caso da UCP em Curitiba) não tinham acesso à formação como analistas. Muitos – iniciando suas análises e desejosos de aprofundar os conhecimentos adquiridos na universidade – passarão a frequentar grupos de estudos informais; os professores desses grupos são ora argentinos que fazem a ponte "aérea", ora analistas brasileiros que aí veem uma oportunidade de divulgar a disciplina e de aumentar sua clientela.

Por esta época, como coordenadores de grupos de estudo, circulavam em Curitiba tanto psicanalistas argentinos quanto brasileiros, mas os registros da chegada de argentinos ministrantes de palestras se restringem, ao que tudo indica até este momento da pesquisa, às demandas de grupos dos médicos psiquiatras que buscavam a formação mais próxima da IPA, mais formalizados e, provavelmente, com mais recursos financeiros que os psicólogos, tanto porque já eram profissionais e não apenas estudantes, como também porque, naquela época, talvez ainda mais que hoje, a profissão tradicional do médico permitia, regra geral, uma ascensão social mais rápida e consistente. No campo específico curitibano, acresce-se o fato de a relação próxima dos médicos curitibanos com a SBPS, ligada à IPA, facilitar a vinda destes psicanalistas argentinos. "A partir dos anos 70, psicanalistas do Brasil e do exterior são convidados a comparecer em Curitiba, para realização de seminários e supervisões: Eduardo Kalina, Isidoro Berenstein e Raquel Soifer", todos da APA (*Associação Psicanalítica Argentina*), estão entre os argentinos citados. (HISTÓRICO DO NÚCLEO PSICANALÍTICO DE CURITIBA, 2012).

De qualquer forma, desde a primeira turma de psicologia da Universidade Católica, aconteceu pelo menos um grupo de estudo de psicanálise em Curitiba. Há informação levantada em entrevistas sobre um grupo formado pelas alunas Elisabete Tassi Teixeira, Esther Holzmann e Gentila Fermina Carneiro Céspedes que trazia, aos domingos, o psicanalista Oswaldo Di Loreto, para coordenar seus estudos em grupo.

4.2.5 Difusão e Institucionalização da psicanálise a partir de Lacan

O nome de Jacques Lacan é citado na Edição de sábado e domingo, 29 e 30 de março de 1969, do Jornal *Diário do Paraná.* É uma nota curiosa na Seção *Ler – Livros em Revista* intitulada *Freud*. A nota é curiosa porque não analisa, como no resto da coluna, uma obra específica de determinado autor. Não há indicação de nenhum livro de Lacan e trata-se de uma análise genérica sobre o renascimento da obra de Freud: "depois de terem sido relegadas a um plano muito secundário por diversos ramos das ciências humanas, as teorias freudianas sobre a estrutura psíquica do homem atravessam neste momento um período de verdadeiro Renascimento." (Diário do Paraná, 1969, p. 2). Para o autor do texto não assinado, o renascimento de Freud se devia, naquele momento, a dois fatores: a relação entre o freudismo e o marxismo, e a reformulação rigorosa de conceitos freudianos que Lacan efetuava:

> Isto se deve a dois principais fatores: a – a sociologia, redescobrindo a teoria do inconsciente, compreendeu a importância fundamental entre o freudismo e a visão político-econômica de Marx, abrindo perspectivas totalmente novas para o estudo do homem atual. Neste campo, surge com destaque o nome de Herbert Marcuse, origem de inúmeras polêmicas; b – no campo especificamente psicológico, Jacques Lacan, a frente de um grupo de orientação estruturalista, reviu e reformulou diversos conceitos de Freud e, com um rigor incontestável, abriu novas perspectivas operacionais para a psicanálise. Neste panorama, esta obra possibilita uma verdadeira releitura de Freud à luz das novas aquisições das ciências sociais, e reveste-se de um aspecto duplamente valioso para o leitor brasileiro dada a grande falta que sentimos sobre o freudismo. (Diário do Paraná, Terceiro Caderno,p.2.)

Além de curiosa, a nota do *Diário do Paraná* é incomum e avançada para o ano 1969, porque antecipa o debate que Lacan faria na psicanálise curitibana, a partir, principalmente de 1975. Os novos alunos da *Universidade Católica*, por exemplo, pioneiros da psicologia acadêmica paranaense, não ouviram, em 1969 no primeiro ano do Curso, qualquer professor falar sobre Jacques Lacan. E não apenas porque estavam no primeiro ano, tampouco aprenderiam nos próximos quatro que se seguiriam.[26]

E se já é difícil precisar a desenvoltura com que as ideias de Freud circulavam no meio intelectual curitibano, embora os escritores entrevistados tenham sido unânimes em

[26] Nenhum dos alunos entrevistados que estudou na Universidade Católica até 1975, quando inquirido, respondeu que tinha aprendido sobre Lacan na graduação.

relatar que as ideias de Freud eram discutidas, o escopo das ideias de Lacan, por outro lado, traçava caminhos mais complexos.

Aconteceu, por exemplo, que o escritor Roberto Gomes, na época estudante de filosofia e, pouco depois, professor de psicanálise na *Universidade Federal do Paraná* e na *Universidade Católica*, quando chegou em Curitiba, precisou trabalhar na *Aliança Francesa* e, como bibliotecário, conheceu os *Escritos* de Lacan no original, praticamente na mesma época em que foram publicados em Paris em 1966.

Na *Aliança Francesa de Curitiba*, Roberto Gomes também conheceu a parisiense Hèlène Garfunkel (1900/1982), engenheira formada na França e cidadã honorária de Curitiba desde 1962. A *Aliança Francesa de Curitiba*, ainda atuante na cidade era, mais do que uma escola de idiomas sob a administração de Hèlène Garfunkel, uma espécie de embaixada cultural na pequena Curitiba. Garfunkel foi em sua época, influente intelectual na cidade e, quase, uma embaixatriz cultural da França. Ela ajudou diversos intelectuais paranaenses a estudarem na França. Entre os quais: Poty Lazzarotto, Pedro Viriato Parigot de Souza, Jaime Paciornik, Camil Gemael, Ivo Brand, Lubomir Ficinski Dunin, Lia Maria de Abreu Souza, Wilson Martins, Maurício Schulmann, Saul Raiz, Heron Arzua, Newton Freire-Maia e Jaime Lerner. (GARFUNKEL, 1982)

Outro escritor entrevistado, Fábio Campana, pensa que Hèlène Garfunkel pode ter sido uma espécie de agente da psicanálise francesa em Curitiba, por conta de seu gabarito cultural. Para confirmar ou não sua hipótese, seria necessário avançar na pesquisa.

Assim, com a obra de Jacques Lacan, houve algo parecido, mas em menor escala, com o que houvera antes, na década de 1920 com a obra de Freud em Curitiba. O nome de Lacan começa a circular lentamente pela cidade, o que talvez fosse possível considerar como o nascimento de uma cultura psicanalítica especificamente lacaniana.

Mas o momento é diferente porque a obra de Lacan se insere na cidade em período no qual, como se procurou mostrar anteriormente, a institucionalização começa a dar seus passos iniciais. Nesse sentido, a obra de Lacan se insere na cultura ao mesmo tempo em que ganha importância inquestionável no processo “profissionalização” da psicanálise na cidade. Foi a psicanálise lacaniana, com forte crítica à IPA, com seu ensino aberto e com uma proposta de formação do psicanalista que poderia, e ainda pode, propor leituras amplas do aforismo “o analista só se autoriza por si mesmo” (LACAN, 2003, p. 314), que recebeu boa parte dos psicólogos que buscavam a psicanálise como ofício. Nesse sentido,

a obra de Lacan, junto com a proliferação dos cursos de Psicologia no Brasil que ocorre nos anos 70 é, a um só tempo, causa e efeito do que Ana Cristina Figueiredo chama de psicologia psicanalítica:

> Dois aspectos caracterizam a "psicologia psicanalítica": 1) os psicólogos clínicos passam de consumidores a produtores, ou re-produtores, da psicanálise, reivindicando o *status* de psicanalista; 2) o próprio campo psicanalítico se amplia atingindo um certo ecletismo de teorias e práticas para além de seus próprios limites. (Figueiredo, 2008, p. 240.)

A circulação das ideias de Lacan pelo campo psicanalítico em formação, assim, complexifica as relações entre a psicanálise e a psicologia e abre outros caminhos para a formação do psicanalista na cidade.

O início da institucionalização lacaniana

A psicanálise lacaniana em Curitiba está situada entre a via da psiquiatria, porque dela também psiquiatras participaram e a via da psicologia, porque, como vimos anteriormente, representou uma porta de entrada para os psicólogos. Em Curitiba, o psiquiatra Pérsio Pereira Guimarães, formado em medicina pela *Universidade Federal do Paraná* no ano de 1965 [27] e sua esposa, a psicóloga Tiana Guimarães são um bom exemplo deste lugar. Perseguidos pela ditadura militar, o casal se exilou na França, em Paris e lá conheceu a obra de Lacan. Quando voltaram para Curitiba, em 1974, após, aproximadamente 6 anos em Paris, retomaram ou iniciaram, em Curitiba, sua prática como analistas e fundaram um grupo de estudos para estudar a obra de Freud, e principalmente de Lacan.

A história deste grupo, pioneiro sobre a obra de Lacan em Curitiba, é curiosa, porque o grupo teria se mantido ativo por muito tempo, até meados da década de 1990, mas nunca se tornou oficialmente uma Associação de Psicanálise. Muito embora, em seus primórdios, este grupo, que não tinha nome instituído, tenha se aproximado do *Centro de Estudos Freudianos*, o primeiro círculo lacaniano do Brasil, fundado em São Paulo, no dia

[27] Quando o entrevistado estudou medicina na UFPR recorreu-se - por rigor e porque algumas vezes os entrevistados não lembram, com precisão, o ano em que se formaram - ao livro *O ensino da medicina na Universidade Federal do Paraná.* Neste livro, de 1992, organizado por Iseu Affonso da Costa e Eduardo Corrêa Lima há uma relação com o nome de todos os médicos formados na Universidade até o ano de 1992.

04 de outubro de 1975, por Luiz Carlos Nogueira, Ivan Corrêa, Jacques Laberge e Durval Checchinato. O primeiro de São Paulo e o último de Campinas, os outros dois do Recife.

No verbete correspondente ao CEF (*Centro de Estudos Freudianos*) no *Dicionário Histórico de Instituições de Psicologia no Brasil*, assinado por Ana Laura Prates Pacheco e Raul Albino Pacheco Filho, encontra-se a única referência sobre uma possível relação do CEF com Curitiba:

> O CEF, embora fundado em 1975 por indivíduos sediados em apenas dois estados brasileiros, foi concebido, desde o início com pretensões de representatividade nacional. Grupos subsidiários nacionais vieram a ser criados em São Paulo, Recife, Campinas, Brasília, Curitiba, Piracicaba, Salvador, Natal, Porto Alegre e Goiânia, ainda que alguns com duração efêmera. (JACÓ-VILELA, 2011, p. 79)

Não é possível precisar se os autores sabiam qual e com quem era esta relação entre o CEF e Curitiba. No entanto, o mais provável é que se trate mesmo do Grupo formado em 1974, porque alguns participantes faziam análise com Nogueira e Checchinato e, segundo vários entrevistados, não era incomum que estes dois viessem para Curitiba:

Algumas relações entre a psicanálise na Argentina e em Curitiba

A Argentina dos últimos anos da década de 1960 e dos primeiros de 1970 era palco de uma psicanálise complexa, singular e importante, uma das razões pelas quais exportava profissionais para o Brasil (principalmente para ministrarem palestras, cursos e supervisões) e recebia brasileiros para lá se formarem *psicoanalistas*, sobretudo na *Asociación Psicoanalítica Argentina* (APA), sociedade vinculada à IPA, que existia oficialmente desde 1942. Este intercâmbio entre os dois países, no âmbito das sociedades vinculadas à IPA, como já citado anteriormente, também aconteceu em Curitiba.

Caracterizando a complexidade da psicanálise do Prata, psicanalistas argentinos vinculados à IPA, participam ativamente dos movimentos que questionavam tanto o modelo de formação quanto a estrutura de poder da IPA. Estes grupos, a ala argentina do *Plataforma Internacional* e o *Documento*, iniciam uma resistência dentro da IPA (tanto que em 1971 se efetua um rompimento) e se posicionam na vanguarda teórica da psicanálise latino-americana. (BALÁN, 1991)

No campo político, a Argentina no final da década de 60, começo de 70 também vive momento agitado. O golpe de 66 que impõe a ditadura do general Juan Carlos Onganía ainda deixa as veias da sociedade argentina abertas no entre décadas. Em 1973, acontece o retorno do peronismo e o clima, que já era tenso, torna-se ainda mais, com novo golpe militar em março de 1976. O novo golpe impõe o exílio, no lugar do que antes era apenas o intercâmbio, para diversos psicanalistas argentinos e, assim, alguns deles fixam residência no Brasil. Vale acrescentar que a ditadura brasileira, embora dura, não persegue os psicanalistas como classe organizada. Ela persegue apenas os subversivos, pois a maior parte da "classe" psicanalítica brasileira é politicamente conservadora. (MEZAN, 2002, p. 223).

Além disso, parte da causa da migração é econômica e não política: o Brasil vive a época do "milagre econômico" e os profissionais argentinos buscavam muitas vezes, melhores condições financeiras.

Parte considerável destes psicanalistas, que se estabelece no Brasil era de orientação lacaniana, uma vez que o movimento lacaniano argentino, ao contrário do incipiente brasileiro, naquele momento estava bem consolidado. Assentado em Buenos Aires, desde 1959 (GARCIA, 1989, p. 5), a psicanálise lacaniana se organizava em torno de Oscar Masotta, que viria a ser fundador da *Escola Freudiana de Buenos Aires*, em 1974 (BALÁN, 1991).

Com a vinda dos psicanalistas argentinos, completa-se o segundo eixo da formação do movimento lacaniano no Brasil. O primeiro é formado por psicanalistas brasileiros que retornam da França e da Bélgica depois de lá entrarem em contato com a obra de Lacan. (MEZAN, 2002, p. 225). Como vimos anteriormente, em Curitiba, o grupo de estudos dos psicanalistas Pérsio e Tiana Guimarães representa este movimento da psicanálise na cidade. Mas os dois eixos estão presentes na cidade, porque em 1976, Norberto Carlos Irusta e Antonio Godino Cabas, ambos lacanianos, são os primeiros psicanalistas argentinos a fixar residência na cidade. Depois deles viriam outros argentinos, pelos motivos os mais variados, e também se fixariam em Curitiba. Alguns falam que o primeiro a chegar foi Irusta, outros falam que chegaram juntos. Pouco importa, o importante, neste momento da tese, é que, com os caminhos que os lacanianos já encontraram abertos na psicanálise da cidade somados aos que posteriormente eles próprios abririam, estão dadas todas as condições para que, efetivamente, a transição de

uma cultura psicanalítica para uma institucionalização da psicanálise ocorra. O ano que representa a transição? 1975, por motivos tanto extrínsecos quanto intrínsecos à psicanálise.

4.2.6 1975: o ano que não terminou em Curitiba

Dois dias, 17 e 18, em julho de 1975, foram suficientes para os paranaenses, inclusive os curitibanos, compreenderem que "ser moderno é fazer parte de um universo no qual tudo que é sólido desmancha no ar". No dia 17 de julho, a alegria tomou conta dos curitibanos que saíram de suas casas para ver e brincar com a neve que caiu na cidade praticamente o dia inteiro. Antes disso, somente em 1928, Curitiba havia presenciado neve em intensidade parecida. No dia seguinte, porém, outro fenômeno meteorológico mudaria radicalmente, para não dizer para sempre, a economia e as características do estado do Paraná e, por consequência, de Curitiba. A geada negra – fenômeno que leva este nome porque a força da geada congela a seiva, e não apenas as folhas, impossibilitando qualquer resquício de vida e recuperação para a planta que morre queimada e escurecida – devastou praticamente toda a plantação de café do Estado e apressou o fim deste ciclo econômico no Paraná. Este fenômeno responde no Paraná por grande parte do êxodo rural acontecido naquela década. E de maneira absurdamente abrupta. Três milhões de pessoas, de um total de sete no Estado, deixaram o campo em direção as grandes cidades e a capital Curitiba, recebeu uma grande parcela destas pessoas. Se a modernidade como diz Marshall Berman (1986, p. 15) nos "despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia", talvez não seja exagerado afirmar que certo Paraná moderno nasceu por aqueles dias.

Quando 1975 chegou, os processos de modernização em Curitiba já estavam em grande aceleração. Foi durante a primeira gestão do prefeito Jaime Lerner (1971-1974) que o ambicioso, aberto e moderno plano urbanístico apresentado à cidade em 1965 pelo arquiteto italiano radicado em São Paulo, Jorge Wilheim foi posto em prática. Ambicioso

porque, entre outras coisas, previa o fechamento da principal rua da cidade, a rua XV de novembro, ao trânsito de carros e aberto e moderno,

> porque o triestino propôs uma obra coletiva e maleável, inverteu de vez os princípios vigentes em Curitiba e foi além. Colaborou para aproximar a conceituação urbanística disponível no país da vanguarda das artes e da ciência. (...) Essa maleabilidade é possível porque o Plano Wilheim-IPPUC parece ter sido ideado de acordo com duas noções em voga, na década de 60, entre os críticos de arte e literatura: "*work in progress*" e "obra aberta". Criada por James Joyce, na década de 1930 (quando publicava trecho do *Finnegans Wake*), a expressão "*work in progress*" pode ser traduzida por "obra em processo" ou "obra em andamento". Define uma obra de arte que é exibida, exposta ou impressa ainda inacabada, porque não tem um final previsto, ou para ser refeita, de acordo com a reação do público ou as análises do artista. Quanto à "obra aberta", a referência óbvia é o livro de Umberto Eco, *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. (DUDEQUE, 2010, p. 167; p. 148) [grifos no original]

Curitiba inicia a década com uma população de 600 mil habitantes e, durante os anos 70, cresce espantosamente para entrar em 1980 com mais de 1 milhão. Mas não é só isso:

> Entre 1972 e 1975, a administração pública criou parques, alterou o zoneamento, calçou parte do Centro, aplicou o conceito de linearização, convenceu uma montadora a fabricar ônibus urbanos (que circulariam nos eixos estruturais). E a industrialização, tão desejada pelos governos do Paraná desde o início da década de 1960, começou a se concretizar num distrito chamado Cidade Industrial de Curitiba. Ou seja: entre 1972 e 1975, a administração de Curitiba iniciou mais projetos urbanos do que tudo o que ocorrera em toda a história anterior da cidade. (DUDEQUE, 2010, p.234)

Se alguns eventos locais explicam mudanças e o crescimento populacional em Curitiba, não significa que se deve considerá-la uma ilha de crescimento populacional no país. Ao contrário, Curitiba exemplifica o crescimento urbano do país durante toda a década de 1970. O chamado milagre econômico vivido nos primeiros anos da década acentuou em várias regiões brasileiras a industrialização iniciada nos anos 50 e contribuiu ainda mais para o êxodo rural – foi durante esta década que a população urbana do Brasil ultrapassou com folga a rural – e, assim, deu o formato urbano mais próximo do que conhecemos hoje no Brasil, com suas grandes cidades repletas de favelas, com alto índice

de violência e mesmo quando consideradas ricas, formadas por áreas de pobreza nos bairros periféricos e nas regiões metropolitanas.

Coincidentemente, no mesmo ano de 1975, o hoje escritor Roberto Gomes, antes filósofo e professor do Curso de Psicologia da UFPR e da PUC, publicava o primeiro artigo de um paranaense sobre o pensamento de Lacan intitulado *Jacques Lacan: um retorno a Freud* (Gomes, 1975). Mesmo ano também em que o "cabotino caipira", na definição do cineasta Julio Bressane, ou "polilingue paroquiano cósmico" como preferia o poeta Haroldo de Campos, o escritor curitibano Paulo Leminski (1944-1989) publicava em Curitiba, em edição do autor, o romance-ideia Catatau (1975), ícone da literatura experimental brasileira e tributário de James Joyce.

Situados aleatoriamente no meio da década que transformou a cidade de Curitiba, as publicações do artigo sobre Lacan e o livro *Catatau* parecem ícones, ou talvez exemplos, do moderno, enfim, encontrando lugar na provinciana Curitiba. É claro que há um exagero proposital, presente em qualquer arbitrariedade por escolha de ícones, mas de qualquer forma, ambos carregam um quê de moderno, seja no grau de experimentação linguística, seja no que representam na tradição que se inserem, seja como a cultura que os abriga, os percebe. E, talvez, ícones sejam antenas que captam algo de seu tempo e, concomitantemente, ao devolver ao seu tempo outras referências, o atualize.

Se o *Catatau* de Leminski – tributário da poesia concreta de Haroldo de Campos, por sua vez, próximo de psicanalistas lacanianos e que, posteriormente, viria a escrever *O afreudisíaco Lacan na galáxia de lalíngua* – não pode ser considerado, com razão, um ícone intrínseco à psicanálise, o mesmo não se pode dizer do artigo de Roberto Gomes. Roberto Gomes está à margem da psicanálise da cidade, lugar tão "ao gosto" para psicanálise, como anteriormente falamos, mas foi deste lugar que seu artigo começou a conversar com psicanalistas curitibanos. À margem porque Gomes não é, nem nunca foi, psicanalista, mas transitou, mesmo sem nunca se sentir bem à vontade, por algum tempo nos cursos de psicologia da cidade. Teria sido procurado por Luís Carlos Nogueira, em Curitiba, para conversar sobre este artigo mas, sobre esse episódio, lembra-se apenas de uma vez ter sido procurado por alguém da USP, mas não lembra o nome.[28] Em alguns momentos, se interessa em ler psicanálise, em outros não mais. Diz que em sua literatura

[28] Esta informação foi me dada por dois entrevistados, mas o próprio Gomes não sabe confirmar.

não entra psicanálise, mas se diz influenciado por Freud, mas apenas na medida em que todos os intelectuais de sua juventude foram.

De qualquer forma, porém, antenado com sua época, o artigo *Jacques Lacan: um retorno a Freud* foi publicado no mesmo ano em que "Lacan dirigia seu olhar ao Brasil" (C. BRASILEIRO DO CAMPO FREUDIANO, 1994, p. 6). Momento chave da psicanálise curitibana e da história da cidade, porque une a ampliação da psicanálise local com a modernização e crescimento de Curitiba, 1975 é o ano no qual se encontram as condições que próximas à psicanálise, algumas apresentadas ao longo deste tópico, com as extrínsecas, representadas pelas mudanças que ocorreram na economia paranaense e na configuração local da cidade, em função da geada negra para que, enfim, surgisse na cidade, o psicanalista, ou a psicanalista, anteriormente referidos, que com os honorários de seu ofício pagavam suas contas e tinham a psicanálise como principal ocupação. Consta que, certa vez, depois de um dia de trabalho, seus filhos convenceram os pais psicanalistas a ir ao Cine Condor em Curitiba, mas não se sabe se viram *Tubarão* em 1975 ou *Guerra nas Estrelas* em 1977.

Fim das histórias

O ano de 1975 não terminou em Curitiba, mas nossa história sim. Isto porque a partir deste momento, no qual são dadas todas as condições para a institucionalização da psicanálise ocorra em Curitiba, o que efetivamente ocorre, gradativamente desde lá, penso que, muito provavelmente, o arsenal usado até aqui para buscar entender o processo curitibano que vai da instalação de uma cultura psicanalítica para a institucionalização da psicanálise não serviria para dar conta dos outros processos que se abrem, com a efetiva institucionalização. Além disso, por razões práticas como tempo para pesquisa, eu poderia ser apressado e, provavelmente injusto, com todas as histórias das instituições de psicanálise que surgiam desde então, mesmo com outros lugares, instituições não de formação de analistas, mas nas quais a psicanalise circulou e continua a circular. Ainda assim, porém, mantenho o mesmo entendimento de que a psicanálise transita e não estaciona na cidade e tampouco as associações de psicanalistas detém exclusividade pelo trânsito da psicanálise na cidade. Isso implica processos de difusão contínua e concomitante com processos de institucionalização. Outro fator que muito complica, tanto a pesquisa quanto análise, é que, por um lado, se os processos não são estanques, por

outro, como corolários dos processos de institucionalização estão o rigor intelectual e, assim, a psicanálise se torna mais sólida teoricamente e mais capacitada criticamente para dialogar com a cidade, sem se submeter ao *status quo* médico, por exemplo.

A bem-vinda entrada do rigor teórico e clínico na psicanálise em Curitiba não aconteceu somente em razão da implantação do movimento lacaniano na cidade. Quando aponto anteriormente os caminhos que uma psicanálise curitibana percorreu na cidade dos grupos quase informais à criação do atual *Grupo Psicanalítico de Curitiba*, vinculado à IPA, penso também estar exemplificando um exemplo de rigor e complexificação da psicanálise que ocorre naquele meio. No entanto, além de mais aberto para a cidade que os movimentos próprios da IPA, pelo menos no que diz respeito à recepção aos psicólogos e aos custos de sua formação, a contribuição do movimento lacaniano neste aspecto é inegável.

Para compreender Lacan

Dizem que, não raro, os artistas estão à frente dos outros para compreender os processos de sua época. E para compreender o que estava ocorrendo, e principalmente, o que ocorreria em Curitiba era necessário Lacan.

Era 1975, Fábio Campana, estudante de psicologia na Universidade Católica do Paraná, que se tornaria escritor, se envolveu com “o ensino de Lacan”. Ele bateu nas costas de sua colega de classe e lhe “advertiu com um presente”.

A advertência: “Você faz análise lacaniana, sabia? É bom você conhecer algo sobre Lacan”.

A advertida: Vânia Regina Mercer, que na época não sabia que sua análise era lacaniana, é hoje psicanalista vinculada ao *Espace analytique* de Paris.

O presente: o livro *Para compreender Lacan* de Jean-Baptiste Fages, publicado no Rio de Janeiro, em 1975.

4.3 Breves indicações de algumas instituições de psicanálise da cidade após 1975

O movimento lacaniano, porém, é, principalmente após a morte de Lacan em 1981, uma ampla gama de instituições dos mais variados tipos e seus processos de institucionalizações passam por cisões e fusões, dissidências e fundações, re-fundações e rompimentos. Este seria outro problema para a continuidade da pesquisa após 1975, porque em Curitiba não é diferente. No entanto, como já nos referimos ao bem mais, digamos, calmo processo de institucionalização que se deu no âmbito da IPA em Curitiba, optamos em apresentar também, alguns dos caminhos dos processos institucionais próprios do movimento lacaniano na cidade. Não há aqui qualquer pretensão de análise e tampouco qualquer comparação, por qualquer critério, entre as instituições citadas. Cabe apenas, em tentativa de integrar o que será apresentado às reflexões anteriormente efetuadas sobre grupos de estudos em psicanálise, apontar que boa parte dessas associações começou como um grupo de estudos.

A institucionalização formal no campo lacaniano curitibano ainda não havia ocorrido em 1975. Ela viria somente um pouco depois. Norberto Irusta está entre os fundadores da *Biblioteca Freudiana de Curitiba* (BFC), associação em atividade ininterrupta até hoje e que se autodenomina, em seu site, "pioneira na capital e no Estado do Paraná na continuação das teses de Sigmund Freud e de Jacques Lacan"[29].

Era o ano de 1980.

Mesmo ano em que Lacan dissolve a *École Freudienne de Paris* e menos de um mês depois funda a *Cause Freudienne*, início do processo que opõe Charles Melman e Jacques-Alain Miller e fragmenta o campo lacaniano em inúmeras associações. A BFC ficaria mais próxima de Melman. Em 2002, A BFC em conjunto com a Associação Psicanalítica de Curitiba (APC), recebe Melman para o curso *Novas formas clínicas no terceiro milênio*), (C. DA APPOA, 2002, p. 5).

Miller, porém, também não ficaria sem interlocutores, nem, digamos, auditório em Curitiba. "Relacionada com a Fundação do Campo Freudiano de Paris desde seu início, *Coisa Freudiana* organizou em julho de 1987, com a presença do genro de Lacan, o I Encontro Brasileiro do Campo Freudiano". *Coisa Freudiana*, instituição de psicanálise

[29] Disponível em : http://www.bfc.com.br/instituicao.asp. Acesso em 18 de fevereiro de 2016.

foi fundada em Curitiba, em 01 de abril de 1985. Os argentinos Godino Cabas[30], Juan Fernando Penã e Maria Silvina Perez e os brasileiros Fábio Thá e Luiza Inês Wisniewski são os signatários da ata de fundação. (LARA, 2010, p. 68-69)

Depois, *Coisa Freudiana* se dissolveria para vincular-se ou fundir-se, com a *Escola Brasileira de Psicanálise*. A criação de uma escola brasileira unificada era eco da fundação da *Associação Mundial de Psicanálise* (AMP) formalizada em 1992, por iniciativa de Miller. Nas *Atas do Colóquio da Sociedade Psicanalítica de São Paulo*, colóquio fundamental para a criação e formalização da escola, organizado em São Paulo ainda no ano de 1992, encontram-se as contribuições de Cabas e Thá, respectivamente, nas sessões plenárias denominadas *A Escola de Lacan* e *Para uma Escola Brasileira*. Mesmo participando ativamente das iniciativas para a fundação da *Escola Brasileira de Psicanálise*, no entanto, em algum ponto situado entre 1992, momento das iniciativas mais concretas, e 30 de abril de 1995, data em que a *Escola Brasileira de Psicanálise – Escola do Campo Freudiano* (EBP – ECF), é fundada pela AMP, no Rio de Janeiro, *Coisa Freudiana* rompe com o processo.

Mesmo assim, mais uma vez, no entanto, Miller não ficaria sem interlocutores e representantes em Curitiba. Como o rompimento não foi de todos em *Coisa Freudiana*, parte dos psicanalistas de *Coisa Freudiana* ficaria na *Delegação Paraná da Escola Brasileira de Psicanálise*, existente até hoje na cidade e a única representante paranaense na Associação Mundial de Psicanálise. Outra parte fundaria em 05 de dezembro de 2003, agora distante da Associação Mundial de Psicanálise e de Jacques-Alain Miller, a *Escola da Coisa Freudiana*. Outros se afastariam de qualquer instituição.

Antes disso, entre dissidentes da *Biblioteca Freudiana de Curitiba*, psicanalistas fundariam a *Associação Psicanalítica de Curitiba* (APC), bastante atuante na cidade, e que mantém regularmente a *Associação Psicanalítica em Revista*, publicação regular de psicanálise, algo raro na cidade.

Era o ano de 1997.

Mesmo ano em que Gilceley Santos criou a Associação Livre (?) Centro de Estudos em Psicanálise – ALCEP. Santos, havia sido fundadora do *Colégio Freudiano de Curitiba*, junto com Helvídio de Castro Velloso Netto. Velloso, como é mais conhecido em Curitiba, trabalhou com Irusta por algum tempo entre o final dos anos 70, começo dos

[30] Godino Cabas nasceu em Tanger, Marrocos, mas sua formação analítica e sua graduação em psicologia foram realizadas em Buenos Aires.

80 e é considerado, por muitos psicanalistas, em conjunto com *Irusta e Cabas*, como um dos mais atuantes difusores da psicanálise em Curitiba.

Por fim, outros dissidentes da BFC, em 2 de agosto de 2008, fundariam a *Letra-associação de psicanálise*, inicialmente pensada como um site de divulgação da psicanálise para se tornar, posteriormente, uma associação sem sede.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomo, para iniciar as considerações finais da presente tese, a já narrada história do livro oferecido como presente pelo escritor à estudante de psicologia, em 1975. A cena pode ser talvez considerada como uma forma de difusão da psicanálise, porque a psicanálise também pode caminhar na cidade, como em uma análise, através do singelo e do singular. Mas também a cena pode ser considerada *lato sensu* uma forma de transmissão da psicanálise na cidade, porque ainda que de quase impossível mensuração, entre seus corolários podem estar pequenos tijolos do processo de institucionalização. Assim, os processos de difusão e transmissão não se dão apenas em espaços institucionais formalizados, eles se dão também ao acaso, em encontros eivados de afetos e de transferências, em qualquer espaço da cidade. Mas não, talvez, em qualquer momento porque as condições necessárias para que eles ocorram precisam estar postas na sociedade e na cultura. E isso vale tanto para encontros singelos como para eventos maiores. E as condições estavam sendo postas em 1975, quando, entre outros exemplos, a psiquiatria local havia iniciado um processo de questionamento de seus modelos clássicos, os jovens procuravam a psicologia como profissão e as ideias de Lacan começavam a circular pela cidade. Mas nem os pequenos, nem os grandes acontecimentos são isolados. Os acontecimentos se dão na cultura e, ao mesmo tempo, são fatos da cultura, compondo uma tradição outrora iniciada.

Para dar conta desse fenômeno que ocorre nos caminhos nos quais a psicanálise transita pela cidade é que foi inserida, nesta tese, certa tentativa de diálogo constante com a cultura e também a noção de cultura psicanalítica inspirada em Sérvulo Figueira foi adotada. Porque penso que o fenômeno é mais complexo do que a ideia de isolamento, seja esplêndido ou não, pode dar conta. Além disso, buscou-se complexificar a questão das resistências à psicanálise (que se liga à questão do isolamento), como parte do processo da relação desta com a cidade que a recebe. O que se tentou, portanto, nesta teste, foi evitar o talvez principal corolário dos discursos das resistências à psicanálise e do esplêndido isolamento: a ideia da geração espontânea da psicanálise. Com isso, buscou-se evitar narrar apenas a psicanálise do *status quo*, seja médico ou não. As histórias que são narradas sem complexificar as questões utilizadas pela historiografia de Freud em *A história do movimento psicanalítico* despolitizam os processos, na medida em

que apresentam um psicanálise desimplicada dos meios culturais, dos processos sociais, dos momentos históricos e assim desimplicadas das demandas que a cidade pode impor à psicanálise. A psicanálise é, então, retirada do seu lugar de trânsito à margem que se dá, muitas vezes, entre o popular e o segmentado, entre o leigo e o formal e estacionada dentro do *status quo*, com apenas seus processos "herméticos" de legitimação. E tanto a relação da psicanálise com a cultura como a cultura psicanalítica desvelada atribuem elementos para que se possa pensar a psicanálise na margem de diferentes processos pelos quais transita na cidade.

Deste modo, quando se optou por enfatizar os processos e não os efeitos das condições que tornaram possível a complexificação da psicanálise na cidade de Curitiba em meados da década de 1970, estava dado o principal motivo para encerrar as nossas histórias no ano de 1975. Este é o principal motivo, mas não é o único. Além de questões importantes como tempo para pesquisa e para a divulgação dos resultados e análises decorrentes, a riqueza e a densidade dos processos da institucionalização da psicanálise na cidade que ocorrem, principalmente no campo lacaniano após 1975, merecem um estudo dedicado especificamente a esta etapa da psicanálise em Curitiba. Delimitar o escopo da pesquisa de um modo diferente do que eu pensara até então foi uma das decisões mais difíceis que precisei tomar como pesquisador, porque assim deixei de lado muitas informações ricas obtidas em entrevistas, deixei algumas boas páginas de fora e não pude refletir melhor sobre processos institucionais que se dão tanto nas associações/instituições formais de psicanalistas como fora delas, em outras instituições que considero instigantes, complexas e exemplares[31]. Como deixei de lado também as fontes mais seguras porque

[31] O *Serviço de Psicologia do Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná* (SPHC) criado em 1977, talvez seja o melhor exemplo aqui, porque em alguma medida o SPHC, mesmo não sendo uma associação formal de psicanálise, é paradigmático dos processos que se dão na difusão e na institucionalização da psicanálise e no surgimento e difusão de uma cultura psicanalítica entre clínica, teoria e política na cidade de Curitiba. Em alguns aspectos a trajetória do SPHC muito bem representa o trânsito da psicanálise na cidade por envolver caminhos clínicos, caminhos teóricos e caminhos políticos Caminhos clínicos porque, para ficar apenas em um exemplo, muito provavelmente em números absolutos, o SPHC é a Instituição, *lato sensu*, que mais presta atendimento psicológico com base na psicanálise na cidade. Caminhos teóricos não apenas porque o Hospital de Clínicas é o hospital de ensino da Universidade Federal do Paraná, mas porque o SPHC oferece estágios de graduação e pós-graduação aos alunos e caminhos políticos, porque em sua criação e estabelecimento houve tensão entre a psicologia e a psicanálise, entre a psiquiatria e a psicanalise e porque, entre os profissionais da ativa e aposentados, há representantes das principais associações de psicanálise da cidade que trabalham no hospital. Ainda o considero um lugar perfeito para pensar, em outras questões, como se dá ou não, o isolamento dos psicanalistas e as resistências à psicanálise.

cobertas por amparos institucionais e priorizei as singulares e descobertas, fiquei mais dependente dos meandros das memórias dos entrevistados, principalmente os que atuam há mais tempo na cidade, porque estas entrevistas ganharam importância com o novo escopo adotado na tese. Além disso, eu senti como se estivesse relegando a um plano secundário a maior parte das entrevistas. Mas não foi isso porque considero, sem dúvidas, que as entrevistas foram a minha mais rica experiência nesta trajetória da pesquisa. Mas depois que reli a tese para escrever estas considerações finais me dei conta de que se não estavam *ipsis litteris* na tese, as informações obtidas na entrevista estão em muitas das análises que efetuo e mais do que isso, as entrevistas realizadas estão presentes em toda a tese porque na medida em que eu entrevistava as pessoas, eu me transformava como pesquisador. E isto aponta para outra questão que quero apontar nestas reflexões finais.

Desde os preparativos para a pesquisa anteriores a minha entrada no Doutorado até o momento em que escrevo estas linhas, sem nenhuma exceção significativa ao longo de todo o tempo, duas questões atravessam imbricadas em quase todas as reflexões que eu fazia durante o processo de doutoramento. O desejo de conhecer a psicanálise na cidade onde eu vivo e trabalho nunca se separou de certa indagação sobre o método. Ou, dito de outra forma, ao mesmo tempo em que pesquisava e conhecia aspectos da história da psicanálise em Curitiba, refletia sobre a pesquisa histórica na formação do psicanalista e sobre o lugar que este tipo de pesquisa ocupa entre as pesquisas em psicanálise. Quando o momento permitiu, cheguei até mesmo a dividir com alguns dos psicanalistas entrevistados algumas dessas indagações. Ao mesmo tempo, na trajetória do doutorado encontrei diversos autores que pensam sobre o tema, o que fez com que eu me aproximasse de respostas que, trilhavam caminhos diferentes, mas na maioria das vezes apontavam a importância da pesquisa histórica para o psicanalista. Não sabia bem a razão, mas as resposta ao apenas confirmar a importância da pesquisa histórica em psicanálise, quase sempre me pareciam insuficientes.

Talvez em decorrência deste pano de fundo eu tenha formulado perguntas mais ou menos presentes, mais ou menos abandonadas na presente versão final da tese. Exemplifico com a primeira, porque relevante à guisa de conclusão e que pode ser formulada em algo próximo de *existe uma psicanálise curitibana? Se sim, quais as singularidades que a compõem?* Essa pergunta, sempre me pareceu um pouco frágil e, de certa maneira, desisti há algum tempo de tentar respondê-la porque outras questões bem

mais interessantes se apresentaram. Mas ainda assim, neste momento de reflexão final, tentarei esboçar possíveis respostas, a partir do que foi pesquisado na presente tese. Há que se considerar também que, com a exclusão do tempo mais rico da institucionalização da psicanálise em Curitiba a partir de meados da década de 1970, fica ainda mais difícil de destacar possíveis singularidades locais. E é necessário considerar também que, mesmo no período pesquisado, entre as décadas de 1920 e 1970, grandes lacunas permanecem na pesquisa[32] porque, entre as mais diversas razões, a ênfase foi dada para a psicanálise que caminha pela cidade concomitantemente com dois momentos dos processos de modernização ocorridos em Curitiba no último século, ou dito de outra forma, o que provavelmente é um processo que se dá continuamente na cidade, foi reduzido, nesta pesquisa, para dois marcos (importantes mas arbitrados) do processo modernizador local. Mas, de modo geral, parece ser possível afirmar que não há, em Curitiba, um elemento claramente singularizante como o que há, por exemplo, em Porto Alegre devido a influência maior da Argentina na capital gaúcha, ou como há em São Paulo e no Rio de Janeiro, devido não só ao grande tamanho e importância das cidades no Brasil na primeira metade do século XX, como também à organização anterior das sociedades vinculadas a IPA.

Afirmei, antes do parágrafo anterior que, através de autores conhecidos ao longo deste processo de doutoramento, encontrei respostas pouco satisfatórias para as questões que atravessaram imbricadas durante toda a jornada de doutoramento: pesquisar e, ao mesmo tempo, indagar sobre o lugar da pesquisa realizada. Foi somente, porém, quando quase ao final do trabalho, não exatamente ao acaso, mas perto dele, encontrei o artigo *Pesquisas em psicanálise: algumas ideias e um exemplo* de Luís Cláudio Figueiredo e Marion Minerbo que encontrei a melhor resposta, não sei se para aquilo que fiz, mas para

[32] Principalmente dentro do período situado aproximadamente entre as décadas de 1930 e 1960, diversas lacunas na pesquisa abrem espaços para temas que mereceriam aprofundamento, por exemplo: 1) os caminhos da psicanálise em Curitiba nos anos 30 e 40; 2) a recepção da psicanálise nos Cursos de Filosofia da cidade; 3) a psicanálise transitou no debate entre intelectuais católicos e anticlericais tão importante na cidade? 4) a psicanálise teria também transitado no debate ente o paranismo e os movimentos contrários a ele que teriam se articulado no contexto do surgimento da Revista Joaquim de Dalton Trevisan? 5) aprofundar o papel dos psicanalistas "autodidatas" leigos ou mais ou menos ligados a psiquiatria dos anos 40 na difusão da psicanálise. (Encontrei indícios de um possível nome, mas os dados são ainda tão confusos que o mais adequado foi retirar por enquanto este tema da pesquisa.); 6) o estudo aprofundado de alguns artigos do escritor Newton Sampaio que tratavam de Freud durante os anos 30.

aquilo que eu desejava, sem exatamente me dar conta, fazer: pesquisa histórica em psicanálise com o método psicanalítico.

No artigo, Figueiredo e Minerbo (2006 p. 3) aprofundam a diferenciação apontada no primeiro capítulo desta tese entre pesquisa *em* e pesquisa *sobre* psicanálise, com a inclusão das “pesquisas em psicanálise com o método psicanalítico”:

> Disso se diferenciam as "pesquisas em psicanálise com o método psicanalítico", em que a exigência de presença do psicanalista enquanto psicanalista é incontornável, embora seus temas e alcances possam ser bastante amplos. Pesquisas em psicanálise com o método psicanalítico podem ter como alvo, entre outros, processos socioculturais e/ou fenômenos psíquicos transcorridos e contemplados fora de uma situação analítica no sentido estrito.(...) Aqui desaparece a respeitosa distância entre "pesquisador" e "referencial teórico" para dar lugar a um corpo-a-corpo do qual a psicanálise, Deus seja louvado, não sairá tal como entrou. Isso é, aliás, digno de nota: na academia ou fora dela, uma "pesquisa com o método psicanalítico" é sempre obra de psicanalista e capaz de trazer novidades à própria psicanálise.

Decorreu deste impasse entre o objeto e o método alguns problemas no decorrer da pesquisa que agora, ao final da jornada, posso observar com um pouco mais de clareza. Em alguns momentos, ela parece demasiado ousada, porque articula dados díspares e frágil em termos conceituais. Recorro novamente a Figueiredo e Minerbo (2006, p. 3) para propor mais elementos para pensar sobre a relação entre sujeito e objeto na pesquisa psicanalítica:

> A relação sujeito e objeto em uma pesquisa tal como concebida nas ciências naturais e nas ciências sociais ou humanas implica um sujeito ativo debruçado metodicamente sobre seu objeto, munido de conceitos, instrumentos e técnicas de descoberta e de verificação — ou refutação — de suas hipóteses. Não é bem assim nas relações entre o psicanalista, suas "teorias" e seus "objetos". A entrega do "pesquisador" ao "objeto", o deixar-se fazer por ele e, em contrapartida, construí-lo à medida que avançam suas elaborações e descobertas faz desta "pesquisa" um momento na história de uma relação que não deixa nenhum dos termos tal como era, antes de a própria pesquisa ser iniciada. Isso é mais óbvio em uma situação "terapêutica", mas a atitude clínica pode se manifestar em outras condições e sempre terá como efeito a *transformação* das partes em jogo, o "objeto" e o "sujeito" da pesquisa.

Considero, como disse anteriormente, ter passado por uma transformação durante a pesquisa, mas sinceramente não sei se consegui fazer uma pesquisa psicanalítica nos moldes apontados por Figueiredo e Minerbo. Mas sei também, justamente por querer continuar tentando fazer, que se há três ou quatro meses atrás, eu não queria continuar pesquisando sobre o mesmo tema, agora tenho certeza, ao contrário, de que o desejo é de não parar por aqui.

REFERÊNCIAS[33]

A CARNE e o diabo. **O Dia.** Curitiba, n. 2091, 17 nov. 1928.

A CRITICA da psycho-analyse. **O Estado do Paraná**, n. 554, 23 out. 1926.

AGORA é moda estudar psicologia. **Gazeta do Povo,** 23 dez. 1974.

A PSYCHOLOGIA da criança. **A Republica**. Curitiba, n. 60, 13 mar. 1914.

ALAIN-MILLER, Jacques. **Lacan elucidado:** palestras no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. **A história da psicanálise de crianças no Brasil**. São Paulo: Escuta, 2001. 240 p.

ALBERTI, Sonia (Coord.). **Ofício do psicanalista:** formação *versus* regulamentação. "Coletânea criada na articulação das entidades psicanalíticas brasileiras"**.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

ALTAS Provas Scientíficas da Telesthesia de Mme. Flory. **O Dia.** Curitiba, n. 1313, 13 ago. 1927.

AMENDOEIRA, Wilson. A articulação das entidades psicanalíticas brasileiras. In: ALBERTI, Sonia (Org.) **Ofício do psicanalista:** formação *versus* regulamentação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

AS THEORIAS de Freud. **O dia.** Curitiba, n. 57, 12 mar. 1930.

ARANTES, Otilia Beatriz Fiori; VAINER, Carlos B.; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único:** desmanchando consensos. Editora Vozes, 2000.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOTÉCNICA. Noticiário. **Arquivos Brasileiros de Psicotécnica,** n.6 (1) p. 107-109, 1954.

BALÁN, Jorge. **Cuéntame tu vida:** una biografia colectiva del psicoanálisis argentino. Buenos Aires: Planeta, 1991. 271 p.

BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt; GONDIM Sônia Maria Guedes. **O trabalho do psicólogo no Brasil.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2009.

[33] De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar:** a aventura da modernidade. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. 360 p.

BIRMAN, Joel. (Org.) **Percursos na história da psicanálise**. Rio de Janeiro: Taurus, 1988.

_____. Retomando a história. In: BIRMAN, J. (Org.) **Percursos na história da psicanálise**. Rio de Janeiro: Taurus, 1988.

_____. **Mal-estar na atualidade***:* a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BORDIEU, Pierre. *Campo intelectual e projeto criador.* In: POUILLON, Jean [et. al.] **Problemas do estruturalismo.** Rio de Janeiro: Zahar, 1968. p. 105-16.

_____. **Homo academicus.** Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2011.

BORDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BRASIL. Decreto-lei nº 53.464, de 21 de janeiro de 1964. Regulamenta a Lei nº 4.119, de agosto de 1962, que dispõe sobre a Profissão de Psicólogo. **Diário Oficial da União.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1950-1969/D53464.htm>. Acesso em: 13 fev. 2016.

BRASIL. Lei nº 4.119, de 27 de agosto de 1962. Dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo. **Diário Oficial da União.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4119.htm>. Acesso em: 13 fev. 2016.

BUENO, Austregésilo Carrano. **Canto dos malditos***:* uma história verídica que inspirou o filme Bicho de sete cabeças. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

CAIRO, Nanci Garcia. **Psicologia no Paraná:** um panorama da profissão no Estado e a trajetória do CRP-PR. Curitiba, Conselho Regional de Psicologia, 2013. 172 p.

CALINESCU, Matei. **Five faces of modernity** – Modernism, Avant Garde, Decadence, Kitsch, PostModernism. Duhran: Duke University Press, 1998.

CALLIGARIS, Contardo. A questão da formação do analista: uma história crítica. **Boletim da Associação Psicanalítica de Porto Alegre -APPOA**, Porto Alegre, Ano I, n. 3/4, dez. 1990.

_____. ***Hello*** **Brasil! Notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil.** São Paulo: Escuta, 1991.

CALLUF, Emir. **A esquerdização do clero:** um estudo psicanalítico. Curitiba: Potencial, 1987.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. (Org.) **Dicionário biográfico da psicologia no Brasil.** Rio de Janeiro: Imago Ed.; Brasília, DF: CFP, 2001; 464 p.

CAPRARO, André Mendes et al. A história de uma praça: sociabilidade, manifestações públicas e religiosidade na cidade de Curitiba. **Licere**, Belo Horizonte, v. 13, n. 3, set. 2010.

CARNEIRO, David. **História do período provincial do Paraná:** galeria de presidentes da província. Curitiba, Banestado, 1994.

CHABOUDZEZ, Gisèle et al. **Annuaire 2016 des Analystes membres, analystes praticiens, adhérents et auditeurs libres du réseau d'Espace Analytique**. Association de Formation Psychanalytique et de Recherches Freudiennes. Paris: Ed. Centre Octave et Maud Mannoni, 2016.

CLÁUDIO, Ivan. **Um estranho no ninho**. Revista Isto é, n. 1655, 20 jun. 2001.

COELHO, Maria Thereza; FERNANDES Sérgio; AIRES, Suely. (Orgs.) **Experiências da Psicanálise na Universidade:** ensino, pesquisa e extensão. Salvador: Edufba, 2015.

COELHO, Salvador José Correia. **Passeio à minha terra.** Curitiba: Farol do Saber, 1995.

COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto; MARTINI, André. Plano de realidade na escrita e na clínica psicanalíticas. In: EWALD, Ariane (Org.) **Subjetividade e literatura: harmonia e contrastes na interpretação da vida.** Rio de Janeiro: Nau Editora, 2011. 1ª Ed., Vol. 1, p. 145-161.

COIMBRA, Cecília Maria B. A produção de subjetividade nos anos 70 no Brasil e as práticas "*psi*". In: RUSSO, Jane; SILVA FILHO, João Ferreira da (Orgs.). **Duzentos anos de psiquiatria.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, UFRJ, 1993.

_____. **Gerentes da ordem:** algumas práticas "psi" nos anos 70 no Brasil**.** 1992. Tese (Mestrado em Psicologia Escolar) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Quem é o psicólogo brasileiro?** São Paulo: Edicon, 1988.

CORREIO Brasileiro do Campo Freudiano. **Iniciativa Escola**. **Brasil:** para uma Escola, pour une école, para uma escuela de Lacan, n. 8. jul./ago. 1994.

CORREIO da APPOA. **Notícias:** Charles Melman em Curitiba. Porto alegre, n. 102, mai. 2002.

COSTA, Jurandir Freire. **História da psiquiatria no Brasil.:** um corte ideológico. Rio de Janeiro: Campus, 1980. 3ª Ed. rev.

COSTA, Samuel Guimarães. **História Política da Assembléia Legislativa do Paraná.** Curitiba: Assembléia Legislativa, 1995.

DANZIATO, Leonado. **A fortaleza da psicanálise**: a história da psicanálise em Fortaleza. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000.

DELEUZE, G.; GUATARRI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

DUDEQUE, Irã Taborda. **Nenhum dia sem uma linha**: uma história do urbanismo em Curitiba. São Paulo: Studio Nobel, 2010.

ETZEL, Eduardo. **Noções de Psicanálise.** Curitiba: DANC, 1963.

FACCHINETTI, Cristiana. Psicanálise modernista no Brasil: um recorte histórico. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, n. 13, p. 115-137, 2003.

FAGES, Jean-Baptiste. **Para compreender Lacan**. Rio de janeiro: Editora Rio, 1975.

FERENCZI, Sándor. **Sobre a história do movimento psicanalítico**. In: *Psicanálise I.* (Obras Completas/Sándor Ferenczi v.1*)*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. 2ª ed.

FERNANDES, José Carlos. Nos tempos de Emir Calluf. **Gazeta do Povo,** 01 set. 2011. Disponível em: http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/jose-carlos-fernandes/nos-tempos-do-padre-emir-calluf-bbpdx0jv7dzfz4uwgnxo1whu6. Acesso em 17 ago. 2015.

FERNANDES, Patrícia Jacques, et al. Breve história da constituição do Grupo Plataforma argentino. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; CEREZZO, Antonio Carlos; CONDE RODRIGUES, Heliana de Barros (Orgs.); **Clio-psyché hoje**: fazeres e dizeres *psi* na história do Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FIGUEIRA, Sérvulo Augusto. **Nos bastidores da psicanálise:** sobre política, história, estrutura e dinâmica do campo psicanalítico. Rio de Janeiro: Imago, 1991. 329 p.

_____. (Org.) **Efeito Psi**: a influência da psicanálise. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

_____. Psicanalistas e pacientes na cultura psicanalítica. In: FIGUEIRA, Sérvulo Augusto. (Org.) **Efeito Psi**: a influência da psicanálise. Rio de Janeiro: Campus, 1988. p. 131 -151.

_____. **Freud e a difusão da psicanálise:** estudos sobre a estrutura e o funcionamento do campo psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994. 102 p.

_____. **O contexto social da psicanálise.** Rio de Janeiro: F. Alves, 1981. 255 p.

_____. Situação atual da técnica psicanalítica no Brasil: um ponto de vista pessoal. In: OUTEIRAL, José O.; THOMAZ, Theobaldo O. (Orgs.) **Psicanálise Brasileira:** brasileiros pensando a psicanálise. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FIGUEIREDO, Ana Cristina. **Estratégias de difusão do movimento psicanalítico do Rio de Janeiro.** 1984. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1984.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. **Matrizes do pensamento psicológico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

_____. **A invenção do psicológico**: quatro séculos de subjetivação. São Paulo: Educ/Escuta, 1992.

_____. **Revisitando as psicologias**: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos. Petrópolis, RJ e São paulo: Vozes e Educ., 1996. v. 1. 135 p.

_____. Psicanálise e Universidade: perspectivas. **Pulsional Revista de Psicanálise**, São Paulo, nº.137, set. 2000**.**

_____. **As diversas faces do cuidar**: novos ensaios de psicanálise contemporânea. 1. ed. São Paulo: Escuta, 2009. 231 p.

_____; COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. **Ética e Técnica em Psicanálise**: segunda edição ampliada. 2ª. ed. São Paulo: Escuta, 2008. v. 1. 141 p.

_____; MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo , v. 39, n. 70, p. 257-278, jun. 2006

_____; SANTI, P. L. R. **Psicologia: uma (nova) introdução**: uma visão histórica da psicologia como ciência. São Paulo: Educ, 2000.

FREUD, Sigmund. (1900). **A interpretação dos sonhos**. In: Edição *Standard* Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB), vol. IV-V. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1913). **Totem e Tabu**. In: Edição *Standard* Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB), vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1914). **A história do movimento psicanalítico**. In: Edição *Standard* Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB), vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1914). **Contribuição à história do movimento psicanalítico.** In: Obras completas, volume 11. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. (1925). **Um estudo autobiográfico**. In: Edição *Standard* Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB), vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1926). **A questão da análise leiga.** In: Edição *Standard* Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB), vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1933). **Novas Conferência Introdutórias à Psicanálise. Conferência XXXV: a questão da *Weltanschauung.*** In: Edição *Standard* Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB), vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FONTELES, Camila; COUTINHO, Denise Maria Barreto. **Psicanálise e universidade**: um exame preliminar de teses em Psicanálise no Brasil. In: COELHO, Maria Thereza; FERNANDES Sérgio; AIRES, Suely. (Orgs.) **Experiências da Psicanálise na Universidade:** ensino, pesquisa e extensão. Salvador: Edufba, 2015.

GAGEIRO, Ana Maria; TOROSSIAN, Sandra D.. A História da Psicanálise em Porto Alegre. **Analytica**, São João del Rei , v. 3, n. 4, p. 117-144, jan. 2014 .

GARCIA, G. L. El Psicoanálisis y la Argentina. **Intercambios en psicologia, psicoanálisis, salud mental**. Publicación bimestral: Año I, Nº 1, ago-sep 1989.

GARFUNKEL, Hèlène. **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**. Curitiba, ano 9, n. 67, ago. 1982.

GAY, Peter. **Freud: uma vida para nosso tempo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINSBERG, Aniela. Impressões do primeiro congresso brasileiro de Psicologia. **Arquivos Brasileiros de Psicotécnica** n. 6 (2), p. 105-108, 1954.

GOMES, Roberto. Jacques Lacan: um retorno a Freud. **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis RJ, ano 69, vol. LXIX, out. 1975, nº 8, p. 5-15.

HAUER, Julio. As obras primas do cinema – o poder da fé**. O Dia.** Curitiba, n. 799, 09 fev. 1926.

HOBSBAWN, Eric. **A era dos impérios**: 1875-1914. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 7ª Ed.

HOERNER JÚNIOR, Valério. **História da Pontíficia Universidade Católica do Paraná.** Curitiba: Champagnat, 1993. 121 p.

INICIATIVA escola da Associação Mundial de Psicanálise: a Escola de Lacan **Atas do Colóquio da S.P.S.P. 23 a 25 de outubro de 1992**. São Paulo: Sem editora, 1992. 132 p.

JACÓ-VILELA, Ana Maria. **Dicionário histórico de Instituições de Psicologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Imago; Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2011.

JONES, Ernest. **A vida e a obra de Sigmund Freud.** 2 volumes**.** Rio de Janeiro: Imago, 1989.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J-B. **Vocabulário da psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes, 1998. 3ª Ed.

LEMINSKI, Paulo. (1975). **Catatau.** Vol. 1. Porto Alegre: Editora Sulina, 1989.

LER – Livros em Revista: Freud. **Diário do Paraná.** Curitiba, 29 e 30 mar. 1960.

KATZ, Chaim Samuel. **Ética e psicanálise**: uma introdução. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

KUPERMANN, Daniel. **Transferências cruzadas**: uma história da psicanálise e suas instituições. Rio de Janeiro: Revan, 1996.

LACAN, Jacques. **Outros escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LARA, Eliane Maria de (Coord.). **Escola da Coisa Freudiana – Cadernos**, n.0 Curitiba: Juruá, 2010. 150p.

LEMINSKI, Paulo. La vie en close. São Paulo: Brasiliense, 1991. In: **Toda poesia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013. 1ª Ed.

LIMA, Andrea de Alvarenga; HOLANDA, Adriano Furtado. **Psiquiatria e espiritismo:** a história do Hospital Bom Retiro (Curitiba, 1930-1950) Curitiba: Factum, 2015.

LIMA, Eduardo Correa. **Herley Mehl: o homem e o médico.** Curitiba: Editora Universitária, Champagnat, 1990. Coleção Galeria Médica do Paraná, v. 11.

LINHARES, Temístocles. **História econômica do mate.** Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1969.

MARCO, Fred de. *Sciencia Amena*. **O Dia.** Curitiba, 10 jan. 1929.

MARCONDES, D. Ensino. **Revista Ciência e Cultura**, n. 11(4), p. 238-240, 1959.

MARCONI, Guilherme. Entrevista. **A Republica**. Curitiba, nº 294, 17 dez. 1929.

MARICATO, Ermínia. As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias. In: ARANTES, Otilia Beatriz Fiori; VAINER, Carlos B.; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único:** desmanchando consensos. Editora Vozes, 2000.

_____. Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras. **São Paulo Perspec.**, São Paulo, v. 14, n. 4, out. 2000.

MARTINS, C. **Caminhos**: ensaios psicanalíticos. Porto Alegre: Movimento, 1993.

MARTINS, M. H. (Org.) **Fronteiras Culturais**: Brasil, Uruguai, Argentina. São Paulo: Ateliê, 2002.

MARTINS, Romário. **História do Paraná.** Curitiba: Travessa dos editores. 1995

MASCARENHAS, Eduardo. O "boom" da psicanálise e a consciência nacional. **Jornal do Brasil,** Rio de Janeiro, 12 fev. 1978. Caderno B, p. 5.

MELLONI, Maria Teresa Saraiva. **Rio de Janeiro (1937-1959): uma psicanálise possível**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2010.

MENEZES, M. O. **A psicanálise na Bahia (1926-1937):** os estudos de Arthur Ramos sobre a loucura, educação infantil e cultura. 2002. 138 f. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Universidade Federal da Bahia e Universidade Estadual de Feira de Santana, Salvador, 2002.

MEZAN, Renato. **Freud, pensador da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. Problemas de uma história da psicanálise. In: BIRMAN, Joel. (Org.) **Percursos na história da psicanálise**. Rio de Janeiro: Taurus, 1988.

_____. **Interfaces da psicanálise.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 585 p.

_____. Figura e fundo: notas sobre o campo psicanalítico no Brasil. In: _____. **Interfaces da psicanálise.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 221-254.

_____. **Escrever a clínica**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

_____. A psicanálise no Brasil. In: _____. **Intervenções.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

_____. **O tronco e os ramos:** estudos de história da psicanálise**.** São Paulo: Cia das Letras, 2014.

MILLARCH, Aramis. Polêmica é com Calluf. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 12 abr. 1987.

MOKREJS, Elisabete. **A psicanálise no Brasil**: as origens do pensamento psicanalítico. Petropólis, RJ: Vozes, 1993.

_____. Psicanálise e Educação – Julio Pires Porto Carrero e a pedagogia eugênica na década de trinta no Brasil. **Rev.Fac. Educ**., São Paulo, v. 15(1), p. 5-118, jan/jul., 1989.

NAROZNIAK, Jorge. **Histórias do Paraná**. Curitiba: Arowak, 2010.

NOSEK, Leopold et al. **Álbum de família:** imagens, fontes e idéias da psicanálise em São Paulo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

NOVICK, Miguel. **História do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Paraná:** em busca da identidade do curso. 2007. 21 p. Relatório (apresentado à Coordenadoria de Iniciação Científica e Integração Acadêmica por ocasião da conclusão das atividades de Iniciação Científica: Edital 2006 -2007) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

NÚCLEO PSICANALÍTICO DE CURITIBA. Histórico do Núcleo Psicanalítico de Curitiba. Disponível em: http://www.npc.org.br/historico.html. Acesso em 14 mai. 2012.

OLIVEIRA, Carmen Lucia Montechi Valladares de. **História da psicanálise**: São Paulo (1920-1969). São Paulo: Escuta, 2005. 368 p.

O PARANYMPHO da turma será feitor? **O Dia**. Curitiba, n. 1257, 09 jun. 1927.

OUTEIRAL, José O.; THOMAZ, Theobaldo O. (Orgs.) **Psicanálise Brasileira:** brasileiros pensando a psicanálise. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

PARA QUE reformar o infeliz trapo constitucional do Paraná? **O Dia.** Curitiba, n. 797, 06 fev. 1926.

PARANÁ, Província do. **Relatório do Estado da Província do Paraná,** apresentado ao vice-presidente Henrique de Beaurepaire Rohan pelo vice-presidente Theofilo Ribeiro de Rezendo, por occasião de lhe entregar a administração da mesma Província. Curitiba: Typ. Paranaense de C. Martins Lopes, 1855.

PEDROSA, M. A. L. Lembranças, Luiz Carlos Nogueira. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 15, n. 1-2, p. 51-53, jun. 2004.

PENNA, Antonio. Gomes. **História da psicologia no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

PEREIRA, Luís Fernando Lopes. **Paranismo:** cultura e imaginário no Paraná da I República. 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

PEREIRA, Renata Susan. **Formação e instituição:** um percurso pela história das instituições psicanalíticas de Florianópolis. 2005. 202 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

PEREIRA, Fernanda Martins, PEREIRA NETO, André. O psicólogo no Brasil: notas sobre seu processo de profissionalização. **Psicologia em Estudo**, n. 8(2), p. 19- 27, 2003.

PERESTRELLO, Marialzira (org.) **História da sociedade brasileira de psicanálise do Rio de Janeiro**: suas origens e fundação. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. **Encontros:** psicanálise & Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

PEQUINOT, Roger. Eugenique et Eugenisme. **Enciclopaedia universalis**, v. 6, p. 738-740, mar. 1970.

PORTO-CARRERO, Júlio Pires. **Ensaios de psicanálise.** Rio de Janeiro: Flores e Mano Editores, 1932. 2ª Edição, revista.

ROCHA, Dorothy; MACHADO, Solange Lucie. **O curso de psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná:** aspectos de sua trajetória: 1973 a 2001. Curitiba: UTP, 2005. 89 p.

ROCHA, Gilberto. **Introdução ao nascimento da psicanálise no Brasil.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

ROUDINESCO, Elisabeth. **História da psicanálise na França**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. **História da psicanálise na França**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

_____. ; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RUSSO, Jane. **O mundo *psi* no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. **O corpo contra a palavra:** o movimento das terapias corporais no campo psicológico dos anos 80. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993. 231p .

_____. ; SILVA FILHO, João Ferreira da. (Orgs.). **Duzentos anos de psiquiatria.** Rio de Janeiro: Relume Dumará; UFRJ, 1993.

SAGAWA, Roberto Yutaka. **Redescobrir as psicanálises.** São Paulo: Lemos, 1992.

SALIM, Sebastião Abrão. *A história da psicanálise no Brasil e em Minas Gerais*. **Mental**, Barbacena, v. 8, n. 14, 2010 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272010000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 31 jan. 2015.

SANDLER, Paulo César. O ponto de vista do "nacional" e a psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, vol. 25, nº 1, p. 123-145, 1991.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. Símbolo oficial da cidade de Curitiba In: 99 anos marcados por crises e vitórias. **Gazeta do Povo.** Curitiba, 19 dez. 2011.

SANTOS, Claudino dos. **A Republica.** Curitiba, n. 270, 19 nov. 1912.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas:** forma literária e processo social os inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da Vida Privada no Brasil. República:** da Belle Époque à Era do Rádio**.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA BAPTISTA, Marisa Todescan Dias A Regulamentação da Profissão Psicologia: Documentos Que Explicitam o Processo Histórico. **Psicologia: Ciência e Profissão**, n. 30 (núm. esp.), p. 170-191, 2010.

SIQUEIRA, E. S.; MORAES E. A.; CORREIA, I. Percursos do movimento psicanalítico em Pernambuco. **Neurobiologia**, Recife, v. 60, n. 3, p. 115-22, jul.-set. 1997.

SIQUEIRA, Márcia Dalledone. **História do Diretório Acadêmico Nilo Cairo.** Curitiba: Ed. do autor, 2004. 241 p.

SUTIL, Marcelo. **O Espelho e a Miragem:** ecletismo, moradia e modernidade na Curitiba do início do século XX**.** Curitiba: Travessa dos Editores, 2009.

TELEGRAMMAS. **A Republica.** Curitiba, n. 104, 07 mai. 1929.

TREVISAN, Dalton. **Em busca de Curitiba perdida**. Rio de Janeiro: Record, 1999. 3ª Ed.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Departamento de Psicologia e Antropologia**. Curitiba, Ata da sessão realizada no dia 12 jan. 1977**.** Livro 2, p. 1.

VALE, Eliane Araújo Nogueira do. **Os rumos da psicanálise no Brasil:** um estudo sobre a transmissão psicanalítica. São Paulo: Escuta, 2003. 183 p.

VIANNA, Helena Besserman. **Não conte a ninguém...:** contribuição à história das sociedades psicanalíticas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

VIDA na universidade, UFPR 100 anos. Depoimento ao jornal. Disponível em http://www.gazetadopovo.com.br/vida-universidade/ufpr100anos/conteudo.phtml?id=1204136. Acesso em 23 jan. 2015.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.

_____. **Universidade do mate:** história da UFPR. Curitiba: Ed. da UFPR, 2006. 2ª Ed. 221 p.

WESTPHALEN, Cecília Maria. **Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná: 50 anos.** Curitiba: SBPH-PR, 1988.

APÊNDICE – LISTA DE ENTREVISTADOS

Amélia Thereza de Moura Vasconcelos, psicanalista.

Antonio Godino Cabas, psicanalista.

Antônio Roberto Brunetti, psicanalista.

Célia Mazza de Souza, psicóloga.

Cláudio Rotenberg, psicanalista.

Edival Perrini, psicanalista.

Fábio Campana, escritor

Fábio Thá, psicanalista.

Gilberto Rudeck da Fonseca, psicanalista.

João Carlos Braga, psicanalista.

José Egídio Romanelli, professor de psicologia.

Juan Fernando Penã, psicanalista.

Julian Irusta, permacultor.

Léo Cardon, psicanalista.

Luiz Antonio L. de Mello e Silva, médico.

Luiz Renato Braga, psicanalista.

Maria Angélica Carreras, psicanalista.

Maria Mercedes Cerci, psicóloga.

Maurício Requião, psicólogo.

Nadja Pinheiro, psicanalista.

Nancy Greca de Oliveira Carneiro, psicanalista.

Nínive Maurutto, psicanalista.

Percy Schiavon, psicanalista.

Persio Pereira Guimarães, psicanalista.

Roberto Gomes, escritor.

Tania Maria Galleazzi, psicanalista.

Vânia Mercer, psicanalista.

Vera Marieta Fischer, psicanalista.

Wael de Oliveira, psicanalista.